

Gisele Manganelli Fernandes

José de Anchieta e Jonathan Edwards: A Religião
nos Primórdios das Literaturas
Brasileira e Americana



1910000639



Giséle Manganelli Fernandes

JOSÉ DE ANCHIETA E JONATHAN EDWARDS:

A RELIGIÃO NOS PRIMÓRDIOS DAS LITERATURAS BRASILEIRA E AMERICANA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria da Literatura).

Orientador: Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria.



639/94

São José do Rio Preto
1993

R E S U M O

A religião esteve sempre presente nos processos de colonização do Brasil e dos Estados Unidos. No Brasil, ocorreram sob a influência dos jesuítas, entre os quais ressalta a figura do Padre José de Anchieta (1534-1597), missionário e escritor, que pregava para os colonos e catequizava o gentio. Na América colonial, os puritanos ingleses, escapando da perseguição religiosa em seu país, determinaram a formação do povo americano, tendo no Ministro Calvinista Jonathan Edwards (1703-1758), um dos seus grandes representantes. Através da análise comparativa dos textos *Sermão da conversão de São Paulo*, de José de Anchieta, e *Sinners in the Hands of an Angry God* (Pecadores nas mãos de um Deus irado), de Jonathan Edwards, é possível verificar como a produção literária e a religião estiveram intensamente vinculadas nos primórdios das duas literaturas. *the very beginning of both literatures.*



A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço ao CNPq. A B S T R A C T tornou possível a realização deste trabalho.

Religion was always present in the colonizing processes of Brazil and the United States. In Brazil, they occurred under the influence of the Jesuits, whose representatives included Padre José de Anchieta (1534-1597), an outstanding missionary and writer, who preached to the colonizers and catechized the gentiles. In Colonial America, the English Puritans, refugees from the religious persecution in their country, determined the formation of the American people. The Calvinist Minister Jonathan Edwards (1703-1758) was one of their greatest representatives. Through the comparative analysis between the texts *Sermão da conversão de São Paulo* (Sermon on Saint Paul's Conversion), by José de Anchieta, and *Sinners in the Hands of an Angry God*, by Jonathan Edwards, it is possible to see how intensely literary production and religion were interconnected in the very beginning of both literatures.

Ao Prof. Cláudio Aquati, pelo auxílio na Língua Latina.

Aos funcionários da biblioteca da UNESP/SJRP, Glinda Vacari Tazini Luchazi, Dinorah Marcília Azarito, Elza Mitiko Sato, Giselaíne de Lourdes Bameiro, Márcia Salinas Meneses, Maria do Carmo Junqueira, Maria Helana Lima, Rogério Pereira Vaz, Rosana Pires Boralli e Wilson T. Bianco Azevedo Soares, pela extrema dedicação com que sempre atenderam aos meus inúmeros pedidos de livros na biblioteca e pelo sistema COMUT.

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço ao CNPq, instituição cuja bolsa tornou possível a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria, meu orientador, que me apresentou aos caminhos da literatura comparada e auxiliou-me a percorrê-los nestes dois anos e meio de trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Daghljan, a minha gratidão pelo interesse demonstrado por este trabalho, pela desmesurada ajuda bibliográfica e pelas oportunas sugestões dadas ao participar do Exame Geral de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Valdemar Munhoz Rodrigues, grande incentivador, desde o meu primeiro dia de aula no curso de pós-graduação na UNESP.

Ao Prof. Dr. Walter Julio Cortez Morales, pelo estímulo e apoio dados para que eu abraçasse a carreira universitária.

Ao Prof. Dr. Rogério Chociay, pelas orientações sobre a obra de Anchieta e pelas contribuições valiosas no Exame Geral de Qualificação.

Ao Prof. Cláudio Aquati, pelo auxílio na Língua Latina.

Aos funcionários da biblioteca da UNESP/SJRP, Olinda Vacari Tezini Lucchezi, Dinorah Marolla Azarito, Elza Mitiko Sato, Gislaine de Lourdes Gameiro, Márcia Salinas Meneses, Maria do Carmo Junqueira, Maria Helena Lima, Rogério Pereira Vaz, Rosana Pires Borelli e Wilse T. Blanco Azevedo Soares, pela extrema dedicação com que sempre atenderam aos meus inúmeros pedidos de livros na biblioteca e pelo sistema COMUT.

À Profa. Dra. Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa, do Curso de Língua e Literatura Alemã da U.S.P., cujo exemplo pessoal e profissional admiro e que é, indubitavelmente, uma das pessoas responsáveis por eu ter chegado até aqui.

Aos meus professores do Curso de Língua e Literatura Inglesa da U.S.P., que me incentivaram para que prosseguisse na vida acadêmica.

À Profa. Dra. Maria José Beraldi Andersen, pelo importante apoio que me deu desde o curso na Faculdade de Educação da U.S.P.

Ao historiador Leandro Karnal, que me emprestou uma seleção de livros para eu entender melhor o período histórico focalizado neste trabalho.

Ao Padre Hélio A. Viotti, S.J., o meu profundo respeito pelos muitos anos dedicados ao estudo da obra anchietana, cuja entrevista a mim concedida no Colégio São Luís (SP) foi de grande valia para o meu trabalho.

Ao Prof. Antonio Candido, figura admirável, com quem tive a honra de conversar pessoalmente em São Paulo, e que muito me auxiliou no atingimento de meus objetivos.

À D. Onélia Ângela Bottura Lourenço Pinto, professora e amiga, que me acompanha e me encoraja nesta trajetória desde os meus quinze anos.

Aos meus pais, Maura e Clemente Manganelli, pela paciência, carinho e dedicação e pelo maravilhoso exemplo de trabalho e honestidade que sempre pautou a minha vida.

Ao meu marido, Waldir Barros Fernandes Júnior, companheiro de todos os momentos, pelo incentivo na carreira, amor e revisão do texto.

Onde nada se perde nem se esquece
E no dorso dos séculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido.

Machado de Assis

Para minha mãe,
a quem devo tudo o que sou.

in your moment of glory
at the Great Awakening - "Alas, how many
in this very meeting house are more than likely
to remember my discourse in hell!"

Robert Lowell

I N D I C E

Parte I - INTRODUÇÃO	9
1. 1. Tema e objetivo da dissertação	
1. 2. Religião, produção literária e história: imbricamento parano	
1. 3. José de Anchieta: o homem, o missionário, o escritor	
1. 4. Jonathan Edwards e a América colonial	
1. 5. A retórica e o discurso religioso cristão	
Parte II	
ANÁLISE COMPARADA DOS TEXTOS	51
Elementos Éticos	Para minha mãe,
Elementos Patéticos	
Elementos Lógicos	a quem devo tudo o que sou.
Parte III	
CATOLICISMO E CALVINISMO: INSTRUMENTOS COLONIALISTAS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
NOTAS	97
BIBLIOGRAFIA	118

P A R T E I

I N T R O D U Ç Ã O

Í N D I C E

1. 1. TEMA E OBJETIVO DA DISSERTAÇÃO

Parte I - INTRODUÇÃO 9

1. 1. Tema e objetivo da dissertação

1. 2. Religião, produção literária e história: Imbricamento perene

1. 3. José de Anchieta: o homem, o missionário, o escritor

1. 4. Jonathan Edwards e a América colonial

1. 5. A retórica e o discurso religioso cristão

Ambos os textos pertencem ao gênero oratório: o Sermão da

Parte II de São Paulo, pregado pelo padre jesuíta José de Anchieta

ANÁLISE COMPARADA DOS TEXTOS 51

Elementos Éticos in the Hands of an Angry God (Pecadores nas

Elementos Patéticos

Elementos Lógicos), do ministro calvinista Jonathan Edwards,

que o pronunciou em 08 de julho de 1741, em Enfield, Connecticut.

Pode-se estranhar a comparação entre sermões pregados com uma

distância de 173 anos entre si, em lugares tão diferentes e ainda o

CATOLICISMO E CALVINISMO: INSTRUMENTOS COLONIALISTAS 85

fato dos autores pertencerem à distintas denominações religiosas.

Este é, justamente, o grande desafio: descobrir as analogias e

CONSIDERAÇÕES FINAIS 92

circunstâncias que, aparentemente, os tornariam incomparáveis.

NOTAS 97

mesma espaço, o sermão, o que já constitui um importante ponto

BIBLIOGRAFIA 116

Outro fato a ser destacado é que a colonização do Brasil deu-

se anteriormente à americana, começando em 1549 com Tomé de Sousa,
o primeiro Governador-Geral. Na América do Norte, somente em 1620
estabeleceu-se a primeira comunidade de refugiados religiosos do
Mayflower.

1. 1. TEMA E OBJETIVO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho surgiu de meu interesse pessoal pela época colonial da história brasileira e americana.

Comparando dois textos, um de cada literatura, produzidos naquele período, procuro avaliar seus elementos literários e discutir a influência da mentalidade colonial na formação dos dois povos.

Ambos os textos pertencem ao gênero oratório: o **Sermão da conversão de São Paulo**, pregado pelo padre jesuíta José de Anchieta no dia 25 de janeiro de 1568, na ocasião do aniversário de Piratininga; e **Sinners in the Hands of an Angry God** (Pecadores nas mãos de um Deus irado), do ministro calvinista Jonathan Edwards, que o pronunciou em 08 de julho de 1741, em Enfield, Connecticut.

Pode-se estranhar a comparação entre sermões pregados com uma distância de 173 anos entre si, em lugares tão diferentes e ainda o fato dos autores pertencerem à distintas denominações religiosas. Este é, justamente, o grande desafio: descobrir as analogias e diferenças entre os textos e seus pregadores apesar de circunstâncias que, aparentemente, os tornariam incomparáveis. Ponto chave, de início, é lembrar que são textos cristãos e da mesma espécie, o sermão, o que já constitui um importante ponto de contato entre ambos, suficiente para justificar a comparação.

Outro fato a ser destacado é que a colonização do Brasil deu-



se anteriormente à americana, começando em 1549 com Tomé de Sousa, o primeiro Governador-Geral. Na América do Norte, somente em 1620 estabeleceu-se a primeira colônia com os refugiados religiosos do Mayflower.

A escolha dos dois autores fez-se de uma maneira especial. Anchieta, de cuja produção literária quase sempre são lembradas apenas as poesias e os autos, foi um homem de fundamental importância no projeto colonizador do Brasil e aqui trabalhou quarenta e quatro anos. A valorização dos escritos de Anchieta está ocorrendo gradativamente.

Jonathan Edwards é um clássico americano. Seus sermões são muito estudados, mas, no Brasil, o conhecimento de suas obras está restrito aos que estudam inglês nas universidades. Ciente desta realidade, decidi traduzir as passagens que utilizei do sermão de Edwards para justificar e exemplificar minha argumentação. Acredito ser a primeira tentativa de tradução deste texto no Brasil. ¹

A dissertação está dividida em quatro partes. Esta primeira, introduz a metodologia do trabalho, os autores e o contexto em que se encontravam; a segunda, confronta os textos; a terceira, visa mostrar como as influências da época colonial ainda se fazem sentir nas duas Nações e, a última, apresenta as considerações finais.

Gostaria de deixar registrado o meu mais profundo agradecimento ao Prof. Antonio Candido pela entrevista que me concedeu em São Paulo e ao Pe. Hélio Viotti, do "Colégio São Luís" (SP), que me ofertou o livro *Sermões*, de Anchieta, cuja pesquisa, introdução e notas são de sua autoria, além de sua anuência para que eu pudesse usar as traduções do latim deste livro.



colonial do continente americano, cabe discutir o papel da religião
1. 2. RELIGIÃO, PRODUÇÃO LITERÁRIA E HISTÓRIA: IMBRICAMENTO PERENE
na descoberta e ocupação do Novo Mundo e, para tanto, afirma Janice

Theo A literatura e a religião sempre estiveram muito ligadas e
isto fica evidente nas obras de grandes autores como Dante, John
Milton, Cervantes, Hawthorne, Blake, Joyce e T. S. Eliot. A Bíblia
é fonte de muitas idéias, temas e personagens, e
vários de seus livros, como por exemplo Jó, Salmos, Eclesiastes,
Cântico dos Cânticos e Apocalipse, podem ter a literariedade
estudada. Os trabalhos de Northrop Frye, Anatomia da crítica e
The Double Vision, mostram como a Bíblia foi escrita em linguagem
literária, não pertencendo exclusivamente ao domínio da religião ou
da literatura, e sim a ambas, em decorrência da maneira como foi
escrita.

As maravilhas da natureza americana estão na chamada
"Igreja de Cristo, de Lutero," Calvino e outros líderes religiosos também
servem de base para produções literárias, sem mencionar as teorias
religiosas, tais como as de Santo Agostinho e de Santo Inácio.

A religião está presente no escritor, e é um sentimento
universal, que se reflete no seu trabalho e nas suas atitudes
perante o mundo. Cada autor tem uma forma de relação, mesmo que
opositiva, com Deus e com a fé, o que pode, inclusive, ser
determinada pelo momento social e político.

Sobre este vínculo da literatura e da religião, afirma
Francisco Maciel Silveira: suas aventuras marítimas, que se

concretizadas em descobertas, tinham o objetivo de não apenas
colonizar, radicarem no pensar mítico. [...] Tanto numa como noutra
o signo avulta "motivado". Se o nomear literário é
conquistado metafórico, não menos o será na Religião. ²

Caracterizando o imperialismo cristão com sua retórica imposta aos
nativos. Já que este trabalho trata de escritos produzidos na época



colonial do continente americano, cabe discutir o papel da religião na descoberta e ocupação do Novo Mundo e, para tanto, afirma Janice Theodoro da Silva que os portugueses e espanhóis procuraram assumir a "maternidade do Novo Mundo" ³, pois tudo o que encontravam era, para eles, obra do Criador. E assim as igrejas foram os alicerces da colonização.

Analisando-se a idéia que os descobridores e viajantes faziam da América, vê-se como este fato ocorreu. A América portuguesa e espanhola foi o símbolo do "paraíso terrenal" para os descobridores. A "visão do paraíso", tão bem focalizada por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro homônimo, mostra como as belezas naturais encantavam os portugueses, que, posteriormente, as explorariam. As maravilhas da natureza americana estão na chamada "literatura de viagem", tais como na de Thevet e de Jean de Léry ⁴, e na dos próprios jesuítas. A diferente flora e fauna brasileira chamou a atenção dos europeus que acreditavam estar num paraíso terrestre. Esta associação, segundo Laura de Mello e Souza, aproximava dos europeus aquela terra desconhecida e isto os fazia mais convictos da presença de Deus no mundo. ⁵

Porém, a imagem daqueles povos causava-lhes indignação. Índigenas, canibais, sem vestimentas, sem hierarquia, sem cultura e, principalmente, sem o Deus cristão - bárbaros, portanto. Os ibéricos saíam para suas aventuras marítimas, que, se concretizadas em descobertas, tinham o objetivo de não apenas colonizar, mas também cristianizar. A partir de Colombo, conquistaram-se na América terras e novos católicos para a Igreja, caracterizando o imperialismo cristão com sua retórica imposta aos nativos.

Esta intenção de evangelizar os povos encontrados vem expressa na carta de Pero Vaz de Caminha:

Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria, quanto mais disposição para se cumprir nela e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, ou seja, acrescentamento da nossa Santa Fé. ⁶

Assim, a proposta de comparar sermões escritos na época colonial. Porém, como consequência, este "encontro" dos europeus mais poderosos com os povos do Novo Mundo significou a destruição da cultura indígena, como afirma Stephen Greenblatt: nossa identidade,

Nós não estamos lidando com a história da salvação de uma grande cultura, mas com a crônica da destruição de uma grande cultura, uma crônica escrita na sua maior parte por vencedores cruéis e intolerantes, freqüentemente ignorantes sobre os povos que tinham conquistado. ⁷

Leonardo Boff também aborda a questão do sistema colonial implantado na América Latina, que descaracterizou os povos autóctones: tanto a primeira limita-se ao acontecido, a outra a

ultrapassa. Estamos habituados à visão que os colonizadores nos introjetaram. Eles falam de "descobrimento" e de "conquista"; de "colonização" e de "civilização". Num gesto senhoril, impuseram novos nomes às terras. Impingiram sua própria cultura às ruínas das culturas-testemunho, que foram ou avassaladas ou destruídas. Impuseram sua religião quase sempre pelo medo e pela coação. Não houve encontro de culturas, mas um choque violentíssimo, que provocou o maior genocídio de que se tem notícia. ⁸

A América Latina sofre, até hoje, os reflexos da ação colonizadora de portugueses e espanhóis e, indubitavelmente, a figura dos jesuítas contribuiu muito para esta dominação por intermédio da fé cristã. Contudo, não nos devemos esquecer de que acreditava-se na salvação daquelas almas "pecadoras" pela conversão

ao cristianismo e a presença dos jesuítas significou uma grande união para a colônia.

Já a América Inglesa teve um desenvolvimento completamente distinto da Latina, onde não houve miscigenação com indígenas e predominou a religião protestante, determinando substanciais diferenças entre os povos.

Assim, a proposta de comparar sermões escritos na época colonial, juntamente com a análise da presença e influência dos grupos a que seus pregadores pertenciam, traz à tona elementos que auxiliam as pesquisas na constante busca de nossa identidade, questão sempre em evidência no meio acadêmico.

Um trabalho na linha de pesquisa da literatura comparada, todavia, sempre requer algumas cautelas pela própria natureza da disciplina muito discutida atualmente.

Em primeiro lugar, cabe a discussão sobre o que é literatura. Aristóteles, na *Arte Poética*, distingue a história da poesia, pois, enquanto a primeira limita-se ao acontecido, a outra a ultrapassa, trabalhando com o que poderia ter acontecido, com o que excede o acontecido. A "literatura" é, para ele, apesar de não ter usado esta palavra, fruto da imaginação criadora do homem, a mimesis (imitação recriadora da realidade), cujo fim é a catarse. Benedetto Croce, no livro *A Poesia*, questiona-se e afirma ser a literatura uma parte da cultura, unindo a "expressão poética", a da fantasia, da imaginação, do sonho, à "não poética", que inclui a prosaica, a oratória e a passional, havendo um equilíbrio de ambas, mas não descartando a hipótese de uma sobressair-se à outra em determinados momentos. O artista encontra-se inserido numa época, num grupo social e

sua produção refletirá estas condições. A criação literária dá uma nova perspectiva do mundo real, e pode modificá-lo, já que as palavras são ambíguas. Sobre isto, afirma Jean-Paul Sartre: Há uma ambigüidade das palavras: por um lado, elas não são mais do que palavras - "literatura"; por outro, designam alguma coisa, e, à sua maneira, agem sobre o que designam, modificam. A literatura deve jogar com esta ambigüidade. ⁹

Evidentemente, a literatura é um fenômeno cultural. Mas, como entender cultura? Diz Alfredo Bosi que:

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se deve transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. ¹⁰

A literatura é uma manifestação artística e social e, segundo Stephen Greenblatt,

A arte é então um importante agente na transmissão de cultura. É um dos caminhos nos quais os papéis pelos quais homens e mulheres devem pautar suas vidas são comunicados e passados de geração para geração. ¹¹

Portanto, a literatura revela o modo de vida, o pensamento, as condições sócio-econômicas, a cultura enfim de um país, pois ela encontra-se inserida no contexto histórico-político-filosófico-religioso. Assim, quando se propõe um trabalho em literatura comparada, está-se, na realidade, confrontando culturas. O estudioso de literatura comparada, o comparatista, pode revelar um tipo de mentalidade predominante em determinada época em países até mesmo distantes e definir-lhes pontos em comum ou divergentes. Acompanhando a linha de pesquisa da produção literária, será possível seguir o desenvolvimento das constatações então obtidas, e o comparatista identificará os traços marcantes que unem e distinguem os povos.



O livro de Brunel, Pichols & Rousseau, *Que é literatura comparada?*, traz uma definição do que vem a ser esta ciência:

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de vínculos de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou, para sermos mais precisos, de aproximar os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo ou no espaço, com a condição de que pertençam a várias línguas ou a várias culturas, façam elas parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. 12

Esta "arte metódica" tornou possível a aproximação de textos produzidos tão distantes entre si no tempo e no espaço, como se propõe neste trabalho.

Uma definição ainda mais abrangente, unindo literaturas de dois ou mais países e literatura a outras artes, é dada por Henry Remak:

Literatura comparada é o estudo da literatura além dos limites de um país específico, e o estudo das relações entre a literatura de um lado e outras áreas de conhecimento e crença, tais como as artes (e.g., pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, história, as ciências sociais (e.g., política, economia, sociologia), as ciências, religião etc., de outro. Em resumo, é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outros campos da expressão humana. 13

Quanto às metodologias de pesquisa em literatura comparada, Gentil de Faria as distribui em sete diferentes tipos: 1) análise da visão cultural que um povo tem de outro pelo levantamento diacrônico de dados ou pelos estudos sincrônicos de obras isoladas (por exemplo, como o brasileiro vê o povo americano ou inglês e vice-versa); 2) recepção, ou seja, a presença e a reputação de um autor ou de uma obra no exterior; 3) influência; 4) analogia e paralelismo, estudando os pontos em comum entre dois ou mais



elementos de comparação; 5) empréstimos literários, encontrados nas epígrafes, referências e citações; 6) tradução; e 7) tematologia, focalizando a recorrência de temas. 14

Este trabalho encaixa-se na paralelística, pois parte de um ponto comum, o sermão, e compara os elementos de dois textos pertencentes à doutrinas cristãs. Díaz de Clavijo y Llorens, pelo

Afirma Antonio Candido que "estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada" 15, devido ao vínculo de nossos escritores com os modelos estrangeiros, sendo este o caminho a ser seguido para uma melhor compreensão da nossa própria produção literária. Espírito Santo), aos sessenta e três anos de idade, dos

Indiscutivelmente, a literatura é um fenômeno cultural, possuindo elementos que nos ajudam a revelar nossas facetas de brasileiros, ou seja, o que nos diferencia dos demais povos do mundo. A literatura comparada apresenta-se, destarte, como uma excelente alternativa nesta missão, pois o confronto entre culturas diferentes permite uma melhor visão crítica de nós mesmos. Idido ser

O início da colonização de um país determina as características religiosas, sociais, políticas, econômicas e artísticas, portanto, culturais, básicas na formação de seu povo e, neste processo, está a produção literária do Brasil e da América coloniais, o que, guiada pela motivação religiosa, marcou profundamente sua época e chega aos dias de hoje, pela influência cultural que significou. Etivo certo dos descobridores

Este trabalho, ao realizar um estudo de autores e seus sermões em que se mostra a vinculação da literatura à religião, procurará fazê-lo sem perder de vista o momento histórico vivido pelos pregadores. os "desconfiar da empresa e degustar a epopéia" 16,



1. 3. JOSÉ DE ANCHIETA: O HOMEM, O MISSIONÁRIO, O ESCRITOR

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, em São Cristóvão de Laguna, na ilha de Tenerife, nas Canárias, cujo domínio era do governo espanhol. Filho do biscainho Juan de Anchieta e da guanche D. Méncia Díaz de Clavijo y Llorena, pelo lado paterno era aparentado com a família Lolola, a mesma de Santo Inácio. Em 1550, foi cursar a Universidade de Coimbra e, em 1551, entrou para a Companhia de Jesus, que o designou como missionário no Brasil em 1553. Morreu em 1597, na aldeia de Reritiba (hoje Anchieta, Espírito Santo), aos sessenta e três anos de idade, dos quais quarenta e quatro dedicados à missão no território brasileiro.

A Ordem a que Anchieta decidiu filiar-se foi aprovada oficialmente em 27 de setembro de 1540 pelo Papa Paulo III, durante o reinado português de D. João III, tendo como Prepósito Geral o Padre Mestre Inácio de Lolola, ex-militar, que havia decidido ser um guerreiro de Deus.

O momento vivido pela Igreja Católica, com toda certeza, requeria guerreiros fortes e obedientes para sua empreitada: difundir a fé católica segundo a ideologia da Contra-Reforma, originada com o intuito de combater a Reforma Protestante de Martinho Lutero. As novas terras encontradas eram campos férteis para a expansão do catolicismo, objetivo certo dos descobridores portugueses e espanhóis, que até dividiram o mundo com o apoio da Igreja, esta se tornando assim cúmplice do processo colonial.

Sobre a colonização ibérica, Janice Theodoro da Silva recomenda-nos "desconfiar da empresa e degustar a epopéia" 16,

pois os colonizadores estabeleceram-se em lugares onde não havia certeza da obtenção de qualquer sucesso, o que lhes conferia características de heróis das grandes epopéias.

O Padre Anchieta, referindo-se aos trabalhos dos irmãos da Companhia, confirma, sob seu ângulo, como era essencial ser corajoso e munir-se de muita fé, a fim de enfrentar a realidade que esperava os missionários, os heróis pregadores do Evangelho e os "pescadores de homens", na carta Aos Irmãos enfermos de Coimbra, de São Vicente, 1554:

Também vos digo que não basta com qualquer fervor sair de Coimbra, senão que é necessário trazer alforge cheio de virtudes adquiridas, porque de verdade os trabalhos que a Companhia tem nesta terra são grandes e acontece andar um Irmão entre os Índios seis, sete meses no meio da maldade e seus ministros e sem ter outro com quem conversar senão com eles; donde convém ser santo para ser Irmão da Companhia. Não vos digo mais, senão que aparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer, de maneira que ainda os trabalhos sejam muitos, vos pareçam poucos. 17

Evidentemente, a Igreja esteve afinada com o Estado para a implementação na colônia do sistema que facilitaria o domínio: por um lado, o Estado, representado pelos Governadores-Gerais, com seu poderio e força; de outro, a Igreja, com os jesuítas e a fé cristã, regida pela obediência, como determinava o Padre Loiola.

Nota-se como devia ser uma tarefa árdua para os jesuítas viver entre indígenas e colonos ignorantes, mas a Igreja era fundamental para implantar a ordem na colônia.

Anchieta, educado em Coimbra, desde sua infância teve contato com pregadores franciscanos e dominicanos nas Canárias. Por um benefício eclesiástico, seu irmão mais velho, Pedro Nuñez, foi para Coimbra e Anchieta acompanhou-o. Tinha, então, quatorze anos de

Idade e lá viu os Jesuítas destacarem-se não só pela virtude, mas também pela oratória e pelo estudo das Escrituras e da Filosofia. Anchieta decidiu integrar-se à Ordem em 10. de maio de 1551.

A eloquência dos Jesuítas inspirava nos alunos a capacidade para o púlpito, como ressaltava o Padre Hélio Viotti a respeito de Anchieta: "pela composição e declamação de suas poesias latinas, lembremos que foi nesse meio (1548-1551) que mereceu Anchieta o carinhoso cognome de 'canário'" 18, fato que também é mencionado por Vitorino Nemésio "... com a ajuda insensível dos dons poéticos e corais já celebrados em novíço, deram-lhe a alcunha de Canário ..." 19. Jorge de Lima, no livro Anchieta, cita o Padre Antônio Franco, outro a aludir a esta característica do orador Anchieta:

... tinha tal ar e alma, tanto espírito e meneio e suavidade que por antonomásia lhe chamavam o Canário, por alusão a esta ave, a quem as ilhas Canárias deram o nome, ou ele às ilhas, e à melodia do canto, e à estimação em que é tida. 20

Em Coimbra, estudavam-se as artes liberais e, dentre elas, a Gramática, a Lógica e a Retórica formavam o trivium. A retórica vai cumprir um papel importante na evangelização, principalmente no que se refere às metas da Companhia de Jesus, dentro do espírito da Contra-Reforma, período em que o púlpito vai ser fundamental para a expansão do Catolicismo atingido pelas idéias protestantes. Em Portugal, o ensino da retórica teve como base os livros De Inventione, de Cícero, a Rhetorica ad Herennium, de Cornélio (anteriormente atribuída a Cícero), e Institutio oratoria, de Quintiliano. É aquele "canário" que veio cantar no Brasil suas alegrias, sua bravura e suas amarguras, produzindo obras literárias apesar da

adversidade do ambiente rude em que vivia.

Porém, Anchieta inseriu muitos aspectos brasileiros em seus escritos, demonstrando sua adaptação às condições locais. Ele aprendeu o tupi e realmente procurou aproximar-se dos indígenas, cuja escravidão e sofrimento com várias doenças consternavam-no, fato revelado na Informação da Província do Brasil para Nosso Padre (1585):

A conversão nestas partes floresceu já muito, porque somente na Bahia havia mais de 40 mil cristãos e agora não haverá 10 mil, porque têm morrido de várias enfermidades e não se fazem tantos de novo, porque têm fugido pela terra a dentro por causa dos agravos que recebiam dos Portugueses, que os cativavam, ferravam, vendiam, apartando-os de suas mulheres e filhos com outras injúrias que eles sentem muito e agora não se acham daqui duzentas e trezentas léguas pelo sertão a dentro, que é grande detrimento para sua salvação e aumento de nossa Santa Fé, nem terá isto remédio se não vier a lei que pedimos a Sua Majestade que não sejam cativos nem os possa ninguém ferrar, nem vender.

Anchieta mostra como os colonos portugueses dificultavam a conversão dos índios ao submetê-los à escravidão. O conflito colonos-religiosos (buscando lucros-salvando almas) fica estampado nestas linhas.

Esta Informação traz ainda a constatação do padre de que os indígenas entendiam a doutrina cristã melhor que muitos portugueses. Destarte, vê-se que Anchieta havia também entendido os índios. Por estes quarenta e quatro anos dedicados aos "Brasis", afirmar que Anchieta nascido espanhol, educado em Portugal, fez do Brasil a sua pátria, não deve ser motivo de espanto.

É importante salientar a diferença de atitude do sacerdote verificada nesta Informação no ano de 1585 e em outras duas cartas escritas trinta e um e vinte e dois anos antes, referindo-se aos índios. Na Carta de Piratininga, de 1554, escreve o padre:

"... pelo que nenhum ou certamente muito pouco fruto se pode colher deles, se a força e o auxílio do braço secular não acudirem para domá-los e submetê-los ao jugo da obediência." ²² Este pensamento é reforçado na Carta de São Vicente (1563):

Parece-nos agora que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos Gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e vara de ferro ... ²³

Desta forma, nasceu o teatro no Brasil com o espírito católico fundamental é perceber quão difícil deveria ser a situação dos jesuítas, mas deve-se notar a mudança ocorrida com o passar dos anos em Anchieta, demonstrada pelas datas das cartas e pelos termos que as diferenciam, senão vejamos: em 1554, Anchieta estava no Brasil há um ano; em 1563, há dez anos e em 1585, há trinta e dois anos.

Ora, não se pode deixar de lembrar que Anchieta estava a serviço da Companhia de Jesus, organização com normas rígidas estabelecidas por um ex-militar. Anchieta não poderia ser condescendente com os índios, quando tentava-se impor uma nova doutrina a eles. A adaptação às condições de vida no Brasil requeria muito tempo e a convivência com os indígenas ao longo dos anos, fez com que Anchieta os entendesse e prosseguisse na sua missão cristianizadora.

A importância da obra literária de Anchieta dá-se obviamente por registrar o início de uma produção escrita no Brasil colônia, ou seja, num local completamente desfavorável para o surgimento de literatura. Porém, sua vontade e coragem para propagar o Cristianismo são mais fortes e ele encontra no teatro uma forma de catequizar os indígenas. Ao intercalar palavras em tupi e em



português, visou atingir seu público que necessitava de um novo código. Evidentemente, a associação arbitrária de Tupã-Deus e as alegorias dos autos desfiguraram partes da cultura dos nativos, mas todo este contexto deve ser analisado sob o prisma do século em questão, o XVI, e as ações do jesuíta Anchieta, se não perdoadas, ao menos serão melhor entendidas, pois seus objetivos eram evangelizadores.

Desta forma, nasceu o teatro no Brasil com o espírito católico medieval. Esta teatralização agilizou o processo cristianizador, já que ficara mais simples a linguagem e mais próxima a forma para aqueles índios acostumados a outros tipos de rituais. Helen G. Dominian, em seu livro *Apostle of Brazil: The Biography of Padre José de Anchieta, S.J. (1534-1597)*, afirma que:

Para disseminar a doutrina cristã por meio da canção e ação, Anchieta colocou os nativos no palco, onde eles entraram convictamente atuando suas traduções das lições da doutrina cristã na própria língua deles. [...] Suas produções foram as primeiras no Brasil e provaram ser uma força vital na moldagem do caráter da colônia nascente.²⁴

A obra lírica anchietana, de óbvio cunho religioso, mostra sua relação com a época medieval adotando a métrica antiga. Estas conclusões encontram-se nos estudos da poesia anchietana feitos pelos professores Leodegário de Azevedo Filho e Rogério Choclay.²⁵

Seus poemas mais famosos são *De Beata Virgine Dei Matre Maria* e *De Gestis Mendi de Saa, Praesidis in Brasilia*, traduzidos pelo Padre Armando Cardoso, S.J.²⁶ O primeiro é em homenagem à Virgem Maria quando Anchieta foi refém dos tamoiós em Iperoigüe. O outro, trata das lutas do governador Mem de Sá contra os nativos e invasores. Anchieta escreveu em português, latim, espanhol e tupi.

Sobre os autos e as poesias, sintetiza Alfredo Bosi:

Anchieta compõe em latim clássico o seu poema à Virgem Maria quando, refém dos tamoios na praia de Iperóque, sente necessidade de purificar-se. O mesmo Anchieta aprende o tupi e faz cantar e rezar nessa língua os anjos e santos do catolicismo medieval nos autos que encena com os curumins. Uma antiga forma literária, a epopéia, nobilitada pela Renascença italiana, molda conteúdos de uma situação colonial, no primeiro caso. No segundo, porém, o jesuíta aguilhoado pelas urgências da missão precisou mudar de código, não por motivos de mensagem, mas de destinatário. O novo público e, mais do que público, participante de um novo e singular teatro, requer uma linguagem que não pode absolutamente ser a do colonizador. 27

O fato de ter escrito em latim, algo comum na época em todas as áreas, não tira o mérito de Anchieta ter composto um poema com assunto nacional, o dedicado a Mem de Sá, sem mencionar os escritos em tupi. Isto vem de encontro ao que afirmam Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, no livro *História da literatura portuguesa*, onde se lê: "No século XVI, as poesias e dramatizações contidas nos cadernos de José de Anchieta e a *Prosopopéia* de Bento Teixeira nada têm de especificamente brasileiro." 28 Nesta única oportunidade em que mencionam Anchieta, os autores não valorizam o seu mérito pelo seu esforço no Brasil, nem a presença de elementos brasileiros em suas obras, mas também não dão a ele qualquer destaque maior em Portugal.

Duas outras obras sobre a história da literatura portuguesa, a de Joaquim Ferreira e a de Fidelino de Figueiredo 29, nem sequer mencionam Anchieta. Conclui-se, portanto, que ele não faça parte dos autores lusitanos, fato que já não ocorre com o Padre Vieira.

Desta forma, pode-se situar Anchieta na literatura brasileira sem maior problema, como se pode perceber pela opinião de muitos



estudiosos da nossa literatura.

José Veríssimo afirma que Anchieta merece figurar "entre os nossos primitivos versejadores" ³⁰; Sílvio Romero reconhece que apenas "até certo ponto" Anchieta tenha se abrigado e, embora tenha sido importante na nossa história intelectual, não o foi na literária, pois não teve "intuitos literários" ao escrever, somente religiosos e catequéticos ³¹; José Aderaldo Castello coloca Anchieta numa posição mais relacionada com a "história da cultura" do que com a "história literária brasileira", porém confere a ele a qualidade de "iniciador - ou um dos iniciadores - da parenética jesuítica no Brasil". ³²

Afrânio Coutinho aponta Anchieta como fundador da literatura brasileira e salienta que:

Anchieta não importa o local de nascimento de quem interpretou a nova literatura. O que vale é a sua integração e identificação com as condições sentimentais, psicológicas, anímicas, paisagísticas, geradas pela nova situação histórico-geográfica. ³³

Portanto, o critério nacionalidade do autor está descartado para determinar se uma obra pertence a uma determinada literatura ou não.

Leodegário de Azevedo Filho, no artigo "Anchieta e as origens da literatura brasileira", discute o problema de Anchieta ter escrito poesias em português, espanhol, latim e tupi. Justifica o porquê disto e explica qual o critério que utiliza para incluir a obra de Anchieta na literatura brasileira:

... no século XVI, o Português ainda não se havia implantado como língua nacional do Brasil. [...] Se não pertencem elas propriamente à Literatura Brasileira pela língua, pertencem pelo assunto, pelo ambiente, pela temática, pela imagística e pelo sentido que apresentam, sempre e desde que reflitam a realidade brasileira em



plano de criação estético-literária, como é o caso da obra de Anchieta. 34

Antonio Candido, no Prefácio da segunda edição de seu livro *Formação da literatura brasileira*, esclarece que, "no sentido amplo, houve literatura entre nós desde o século XVI". 35

Após estas considerações, pode-se concluir que a presença de Anchieta em nossa literatura justifica-se por ter sido nosso primeiro intelectual, envolvendo-se com o Brasil e apresentando assunto nacional em seus textos.

Ele foi uma influência decisiva na formação do povo brasileiro e, mesmo que suas obras não tenham feito parte de uma linha seqüencial de produção, elas ficaram escritas e isto garante sua perenidade e associação ao Brasil.

Anchieta foi genial no teatro, sensível nas poesias e um orador ideal nos sermões. Foi um exemplar pregador do Evangelho e, a este respeito, enfatiza Segismundo Spina: "... o melhor púlpito de Anchieta ainda é a natureza. Nela foi que verdadeiramente pregou. Cristo também pregava desta forma." 36

Sobre a recepção do Sermão da conversão de São Paulo, afirma o Padre Viotti:

O sermão de Anchieta, quizá o primeiro que ali faria como novo sacerdote, despertou, sem dúvida, gerais comentários. Algum eco de suas palavras deve ter sido levado à roça distante, em que vivia, voluntariamente desterrado, o quase centenário patriarca dos mamelucos de Piratininga ... Deixou-se Ramalho vencer por Jesus Cristo! 37

Possuidor da formação retórica jesuítica, Anchieta cumpriu sua missão no Brasil de evangelizador e pregou vários sermões, mas completos só há dois: o estudado neste trabalho e o Sermão da

20ª Dominga depois de Pentecostes, proferido em São Vicente em 1567.

A título de informação, decidiu-se arrolar as edições que teve a obra anchietana focalizada nesta dissertação, de acordo com o livro História da Companhia de Jesus no Brasil, do Padre Serafim Leite, S.I., v. VIII, p. 24:

Sermão da Conversão de S. Paulo. Pregado em Piratininga no dia 25 de Janeiro de 1568. (Autógr., Colégio de "Notre Dame" de Inst. Histórico, e publ. na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras., LIV. 109-130; - Cartas de Anchieta (1933) 517-537.

Anchieta foi, portanto, mais do que uma figura histórica cuja efeméride comemora-se em 09 de junho. Com ele, deu-se início à vida intelectual no Brasil.

1. 4. JONATHAN EDWARDS E A AMÉRICA COLONIAL

O Calvinismo

A corrupção que predominava na Igreja Católica passou a gerar descontentamento por parte de monarcas europeus. Quando a situação chegou a níveis insuportáveis, o líder religioso alemão, Martinho Lutero, rompeu com a Igreja Católica em 1517 e decidiu que os homens poderiam ler a Bíblia em sua língua nativa (Lutero traduziu a Bíblia para o alemão) sem depender do clero. Rebelou-se contra o papa e os dogmas católicos, no que foi apoiado pelos nobres. Surgiram Igreja Luteranas na Alemanha, Holanda, Dinamarca, Noruega e Suécia. Deste protesto contra o Catolicismo, Lutero denominou o movimento Reforma Protestante.

Logo após as reformas de Lutero, o francês João Calvino, vivendo na Suíça, já protestante, lançou as suas idéias contra o



anglicanismo que queriam purificar a Igreja Anglicana, e aceitaram a doutrina da religião oficial. Os puritanos, assim então chamados, foram conversar com o rei, homem, como declara Kenneth Burke, "Os calvinistas afirmam que a predestinação e a reprovação são pela absoluta vontade de Deus. [...] Os calvinistas pressupõem a vontade de Deus como a fonte da salvação e da condenação." 39

O Protestantismo na Inglaterra e a emigração para a América

A dinastia Tudor, com Henrique VIII, introduziu oficialmente o Protestantismo na Inglaterra e a Igreja Anglicana havia se tornado oficial por um ato do Parlamento de 1534. Era uma igreja protestante, pois não reconhecia a autoridade do papa e o rejeitava o seu líder.

Com o filho de Henrique VIII, o protestante Eduardo VI, as idéias calvinistas e luteranas começaram a tomar fôlego na Inglaterra. Entretanto, com sua morte, reinou Maria, que fez o país voltar ao Catolicismo, provocando a morte de mais de 300 protestantes, o que lhe valeu o cognome de "Bloody Mary", ou seja, "Maria sanguinária". No reinado de Elisabete I, a Inglaterra retornou ao Protestantismo. Elisabete I, a última Tudor a reinar, havia autorizado a Sir Walter Raleigh que estabelecesse a colonização da América, mas a experiência ocorrida na Virgínia, na década de 1580, fracassou. O sucessor de Elisabete I, Jaime I, autorizou duas companhias, a London e a Plymouth, a tentarem fixar-se na América, mas também não foram bem sucedidas. Com a morte de Elisabete I em 1603, assumiu o trono o rei Jaime I e começou a dinastia Stuart. Jaime procurou obrigar os católicos e os protestantes dissidentes, os opositores do



anglicanismo que queriam purificar a Igreja Anglicana, a aceitarem a doutrina da religião oficial.

Os puritanos, assim então chamados, foram conversar com o rei, e não obtiveram sucesso em seus pedidos de mudanças no ritual da Igreja. Carlos I, filho de Jaime I, ordenou a prisão de pregadores e fiéis puritanos. Com esta decisão, muitos deles resolveram emigrar para a América e, além da perseguição religiosa, do desemprego e o aumento dos preços encorajaram vários outros ingleses a tentar uma nova vida.

Assim, um grupo dos chamados "separatistas" (não queriam purificar a Igreja Anglicana, mas sim romper com ela de definitivo), e outro não separatista decidem aceitar a oferta da London Company, em troca da divisão dos lucros por sete anos, para se estabelecerem na América. Liderados por William Bradford (que denominou os separatistas peregrinos = "pilgrims", em inglês), William Brewster e John Robinson, o grupo embarca no navio Mayflower em 1620. Tendo em vista esta estrutura empresarial, o historiador Leandro Karnal inverte a afirmação de Janice Theodoro da Silva sobre a colonização ibérica, e diz que no processo colonial americano devemos "degustar a empresa e desconfiar da epopéia." 40

Com muitas pessoas doentes, o desembarque ocorreu numa área que não pertencia à London Company, mas ali, em Cape Cod Bay, decidiram ficar e tentar depois a garantia da terra. Plantaram milho com o auxílio dos índios, que também lhes ensinaram a caçar peru; construíram a igreja e suas casas. Vários morreram, mas os peregrinos não desistiram e tiveram uma excelente colheita em 1621. Para comemorar, convidaram os índios para a festa que até hoje é



celebrada nos Estados Unidos: o Thanksgiving Day, o "Dia de Ação de Graças".

Os puritanos sofreram muito durante o reinado de Carlos I e um grupo deles, denominado Massachusetts Bay Company, em 1628 decidiu emigrar para a América, e Massachusetts tornou-se a primeira colônia com governo próprio. Mais puritanos vieram posteriormente e se estabeleceram nas costas de Massachusetts e as cidades de Boston, Charlestown, Dorchester e Salem destacaram-se pelo crescimento rápido.

Mas, quem eram estes puritanos? Eram homens de boa formação escolar, pois, com a publicação da Bíblia em inglês, muitos aprenderam a ler para interpretá-la, já que, com o Protestantismo, anulou-se o controle da igreja. Oriundos das classes média e baixa, o trabalho era por eles valorizado. Havia comerciantes, prósperos fazendeiros, advogados, ministros religiosos etc. Estes últimos exerceram grande influência no desenvolvimento da colônia, pois determinaram a existência de escolas para que as crianças pudessem aprender a ler não somente para entender a Bíblia, mas também para poder governar a colônia no futuro. Universidades foram fundadas com o objetivo de formar religiosos, como Harvard (Massachusetts, em 1693) e Yale (Connecticut, em 1701). Consideremos o que afirma em seu livro Leandro Karnal: "O grande interesse pela educação tornou as treze colônias uma das regiões do mundo onde o índice de analfabetismo era menor." 41

Os puritanos eram adeptos da doutrina de Calvino e acreditavam que formavam um povo escolhido, eleito por Deus. Seus três princípios básicos constituíam-se em sobriedade, justiça e piedade. 42



A Bíblia era o livro que lhes ditava as regras de conduta e viviam para glorificar a Deus. Para entendê-los melhor, faz-se necessário esclarecer a aliança (Covenant) que respeitavam. No início do mundo, Deus instituiu a Adão uma aliança pela qual ele deveria fazer alguns trabalhos e Deus o deixaria viver no Éden. Porém, como Adão pecou, todos somos pecadores. Com Jesus Cristo, o novo pacto passou a ser a "Aliança pela Graça": Jesus morreria pelos pecadores, mas alguns homens eleitos seriam salvos. Os homens, então, não têm escolha, cabendo a eles apenas trabalhar e ter fé. Isto traz como consequência direta uma enorme responsabilidade individual, cabendo a cada um responder pela sua salvação. 43

Outros grupos religiosos também instalaram-se na América e esta falta de unidade foi, de certo modo, benéfica para acelerar o processo de independência das colônias que buscavam construir seu mundo ideal na América, longe das tradições inglesas. Ali, havia uma nova realidade que deveria ser assumida pelos colonos. Na verdade, havia uma impressão de independência desde o início da colonização da América do Norte, o que não ocorreu no Brasil. Os jesuítas dominavam todas as atividades, entre elas a educação, conforme as leis católicas. A união Igreja-Coroa facilitou o domínio português e causou o retardamento da nossa independência, que, quando veio, significou a continuidade do poderio de Portugal na figura de D. Pedro I.

A educação na América colonial

Já foi mencionado que a religião influenciou no avanço da educação na América Inglesa. Porém, no Brasil, sob a influência católica ibérica, apenas o padre poderia entender a Bíblia e nem



todos tinham acesso aos estudos.

Na América Inglesa, o Puritanismo dominou o século XVII influenciando, além da religião e educação, o pensamento e o comportamento social. Indubitavelmente, as preferências literárias estiveram ligadas ao elemento religioso: no período colonial, houve mais de 2.000 sermões impressos⁴⁴, sendo estes considerados a forma típica de prosa puritana. Documentos históricos e poesias também foram produzidos pelos puritanos.

Nas universidades americanas, o ensino da retórica contribuía para formar ministros religiosos para guiar as comunidades da colônia. Até 1720, a teoria de Petrus Ramus (1515-1572) foi muito divulgada na América. Ramus dividia a invenção e a disposição como processos lógicos e a retórica, como ornamentação. O estilo até este período era marcado pelas figuras, tais como metáforas e hipérboles. Após 1720, o livro *Art of Speaking*, de Port-Royal, causou interesse, valorizando a invenção e a disposição como elementos importantes para o convencimento e, *De Oratore*, de Cícero, passou a ter boa circulação. A mudança da língua (latim para inglês) foi um dos aspectos que colaborou para o sucesso da persuasão.

Os sermões puritanos eram bem estruturados, seguindo uma ordem lógica: primeiro, a elucidação do texto bíblico, depois a doutrina e, por fim, a aplicação. Estes tópicos eram organizados em itens numerados (1, 2, 3 etc.), caracterizando sermões bem elaborados.

A corrente iluminista avançava e causava debates na Europa. Jonathan Edwards: o líder religioso

Jonathan Edwards nasceu em 5 de outubro de 1703, em East Windsor, Connecticut, e foi educado para ser um ministro religioso,



como seu pai Timothy. Aos treze anos de idade, Edwards foi estudar em Yale e, nesta universidade, recebeu educação teológica, clássica (latim, grego, hebraico), além da aritmética, lógica, geografia, astronomia, retórica. Conservava-se a repetição dos sermões dominicais durante a semana para treinamento da eloquência dos alunos. Graduou-se em 1720 e, em 1723, titulou-se Master of Arts. Converteu-se ao Calvinismo em 1721.

A biblioteca de Yale era a melhor de Connecticut, e isto facilitou o acesso de Edwards a muitas obras, proporcionando-lhe a não limitação à Bíblia (que conhecia inteiramente) ou a outras leituras religiosas. No XVIII, o Puritanismo foi perdendo a força. Ele leu Platão, Pope, Milton, Art of Reading and Writing English, de Watts, e talvez um dos textos mais importantes com o qual travou contato foi o Ensaio acerca do entendimento humano (1690), de John Locke, aos quatorze anos de idade. Todas estas leituras contribuíram para seu sucesso não somente como pregador, mas também como um líder religioso de seu tempo.

Além de Locke, Edwards leu Newton. Apesar de descobrir na doutrina de Locke uma nova epistemologia e na Principia Mathematica de Newton, as idéias de átomos, gravidade, e de ter intuído que deveria haver uma causa para a gravidade não vinda de Deus⁴⁵, Edwards não podia admitir isto publicamente. Ele fez observações sobre estas leituras em "Notes on the Mind", que escreveu entre 1719-20.

A corrente iluminista avançava e causava debates na Europa. Entretanto, aceitá-la significava terminar com o Puritanismo. Edwards foi um "barroco puritano"⁴⁶ e acreditava na Bíblia integralmente. Apesar de ter conhecido as concepções iluministas,



Jamais deixou de ser uma mente puritana.

A maior parte de seu ministério deu-se em Northampton, uma comunidade rural em Massachusetts, de 1726 a 1750, quando foi obrigado a renunciar por causa das exigências que insistia em manter quando da admissão de membros para a igreja. Depois, foi ministro da igreja e missionário para os indígenas em Stockbridge até 1757 e, em 1758, tornou-se presidente da Universidade de Princeton, cargo que assumiu em janeiro, mas exerceu por pouco tempo, tendo morrido de varíola em março, após ter pregado por trinta e seis anos.

Durante o século XVIII, o Puritanismo foi perdendo a força que tinha na colônia e o Calvinismo começou a desestimular os fiéis na Europa e na América, notadamente devido à salvação para os eleitos, considerada uma graça especial. Surgiu um movimento denominado Arminianism tanto na Europa como na América, difundindo a idéia de que Deus estava sempre pronto para receber pecadores arrependidos e que o homem poderia salvar a si mesmo.⁴⁷ Em consequência disto, a "Aliança pela Graça" seria invalidada.

Duas mortes ocorridas, repentinamente na comunidade de Northampton contribuíram para a influência do Arminianism em 1734.

Contra estas tendências e as do Iluminismo, Edwards tornou-se um dos líderes da maior mobilização para revigorar a religião na América, conhecida por "o grande reflorescimento" (The Great Awakening), ao lado de George Whitefield, um pregador dono de uma excelente oratória, de vívidos gestos e com capacidade para improvisação. Até Benjamim Franklin impressionou-se ao ouvi-lo.

Edwards decidiu assim liderar o movimento em sua igreja. É verdade que não possuía o mesmo estilo de Whitefield mas, com seu



caráter rígrado, proclamava eficazmente em seus sermões os tormentos que o inferno reservava aos pecadores, aos que não acreditavam em Jesus Cristo, o Salvador, pois os homens são imperfeitos e insignificantes diante da perfeição e do poder soberano de Deus.

A marcha revigoradora espalhou-se e outros pregadores passaram a trilhar o caminho de Whitefield e Edwards. Muitos americanos voltaram para as igrejas e a religião foi levada para as classes menos favorecidas da sociedade. Edwards cumpriu a obrigação que lhe coube, iniciada pela ilusão que o Puritanismo tinha depositado na América, a da terra prometida.

Entre os sermões de Edwards, o mais conhecido é *Sinners in the Hands of an Angry God*, pregado em Enfield, Connecticut, em 8 de julho de 1741. Trata-se de um sermão logicamente organizado em tópicos, mas que contém muitos elementos passionais. As passagens bíblicas são constantes, revelando o grande conhecimento que Edwards tinha das Sagradas Escrituras, servindo de argumentos indiscutíveis para o orador.

A estrutura é lógica, mas prevalece o apelo para os sentimentos de medo, horror e, no final, de esperança. A doutrina calvinista é revelada por um estilo persuasivo. O "nascer de novo" é uma das marcas do texto, escrito em pleno vigor do "grande reflorescimento".

A retórica de efeito dramático, notoriamente as imagens e as metáforas com elementos da natureza, visava convencer os ouvintes, provocando-lhes as emoções e levando-os à conversão, pois o momento desastroso em que os pecadores seriam condenados ao fogo do inferno estava por vir.

A resposta do público é anotada por Samuel Hopkins, em



seu texto "The Life and Character of the Late Reverend Mr. Jonathan Edwards": "Um Sermão [...]. Pregado num tempo de grandes reflorescimentos lá; e acompanhado com notáveis impressões em muitos dos ouvintes." 48

Após alguns sermões de Edwards, houve até mesmo casos de suicídio, devidos à sua poderosa retórica, que levava o público a fortes emoções.

A fé de Edwards era inabalável. Tanto é que, entre 1722-1723, ele tomou uma série de resoluções, prometendo total dedicação a Deus e ao aperfeiçoamento das suas leituras da Bíblia.

É importante verificar como as resoluções de Edwards são semelhantes às de Benjamin Franklin, um iluminista. Franklin arrola as treze virtudes que decidira seguir em *The Autobiography*, que começou a escrever em 1771 para seu filho William e, a pedidos de amigos, continuou em 1783, 1784, 1788. Pelo texto, verifica-se que estas decisões devem ter sido tomadas por volta de 1731. São as seguintes as intenções semelhantes:

EDWARDS
Resolvido, Nunca perder um momento de tempo; mas melhorá-lo da maneira mais proveitosa que eu puder.

Resolvido, Esforçar-me o máximo para recusar qualquer coisa que não seja mais agradável para uma boa disposição, e universalmente doce e benevolente, calma, pacífica, satisfeita, simples, apiedada, generosa, humilde, dócil, modesta, submissa, prestativa, trabalhadora e laboriosa, caridosa, tranqüila, paciente, moderada, perdoadora, sincera; e fazer isto todas as vezes que tal disposição levar-me a fazê-lo. Examinar rigidamente toda a semana, se eu assim o fiz.

Resolvido, Manter rígida moderação ao comer e beber. 49



TRABALHO. Não percas tempo; estejas sempre empenhado em algo útil; elimina todas as ações desnecessárias.

SINCERIDADE. Não uses fraude prejudicial; pensa inocentemente e justamente, e, quando falar, fala desta maneira.

COMEDIMENTO. Evita extremos; reprime ultrajes ressentidos tanto quanto pensares que eles merecem.

TRANQUILIDADE. Não te perturbes com insignificâncias ou com acidentes comuns e inevitáveis.

HUMILDADE. Imita Jesus e Sócrates.

MODERAÇÃO. Não comas estupidamente; não bebas em excesso.

A maioria das decisões de Edwards refere-se à total devoção às leis divinas, como explicita a resolução:

Resolvido, Freqüentemente renovar minha dedicação a Deus, o que foi feito no meu batismo; que eu solenemente renovei, quando fui recebido na comunidade da igreja; e que solenemente refiz neste décimo-segundo dia de janeiro de 1722-3.

Estas decisões tão semelhantes destes dois importantes homens mostram a linha de pensamento que norteou a formação do povo americano, cujas metas, até a atualidade, estão presentes no American way of life.

O Puritanismo trouxe conseqüências para o desenvolvimento da América. Alguns traços do caráter do povo herdados dos puritanos da época colonial podem ser destacados e ainda verificados na sociedade americana, tais como:

a) uma aproximação ativista para a vida, baseada no controle, ao invés da aceitação passiva dos acontecimentos;

b) ênfase na realização e sucesso, entendidos, em grande parte, como prosperidade material;

- c) um caráter moral, orientado por tais virtudes retóricas, a grécia, puritanas como dever, trabalho e sobriedade;
- d) fé religiosa;
- e) uma visão progressista, ao invés de tradicionalista ou estática da história, governada pelo otimismo, confiança no futuro, e a crença de que o progresso pode ser alcançado pelo esforço; e
- f) elevada avaliação da personalidade individual, ao invés da identidade ou responsabilidade coletiva. 52

Estas características denotam uma grande disciplina, e tudo foi basicamente apreendido da religião, que os acompanhou desde a colonização, passando pela independência até o atual estágio do país.

James Carse salienta que, quando da morte de Edwards em 1758, o interesse pela independência política ainda não havia sido despertado. As idéias políticas de Locke só seriam levantadas mais tarde por Thomas Jefferson, que tinha dezesseis anos em 1758. Mas, para se entender a importância do caráter de um homem como Edwards no começo da sociedade americana, diz James Carse:

O que se torna visível na história deste homem é o exato caráter da própria América. Como americanos em todos os tempos, ele entendeu o passado como sendo nada menos que uma preparação para o futuro; e compreendeu o presente constituído por esforços para atingir aquele futuro. 53

1.5. A RETÓRICA E O DISCURSO RELIGIOSO CRISTÃO

Conceitos de retórica

Nos itens anteriores, foi possível constatar como a religião e seus pregadores influenciaram os rumos da colonização.

Para este fim, a retórica foi-lhes bastante útil na aplicação de seus talentos inerentes. Sabe-se que, na Idade Média, a



retórica, a gramática e a dialética (ou lógica) formavam o trivium, e a aritmética, a geometria, a música e a astronomia, constituíam o quadrivium, que juntos compunham as sete artes liberais. 54

Nicola Abbagnano, no Dicionário de Filosofia, define retórica como "arte de convencer pelo uso de instrumentos lingüísticos." 55

A origem desta arte remonta aos sacrifícios oferecidos pelo povo ateniense, que acreditava na divindade do poder das palavras, à deusa Persuasão. E na Roma e Grécia antigas, houve praticantes da retórica, mas, como arte, ela nasceu na Magna Grécia, na Sicília, no século V a.C.. Córax e Tísias são considerados os primeiros a teorizar os métodos retóricos. Tísias, por sua vez, ensinou Górgias (487-308 a.C.), que introduziu a retórica na Grécia, onde os sofistas passaram a utilizá-la para ensinar os seus alunos a ganhar causas, expondo suas idéias de maneira convincente, sem qualquer preocupação com a verdade e a justiça do caso.

Neste ambiente de irresponsabilidade, Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, opositor dos sofistas, registra a contestação do mestre àquela retórica que apenas servia para persuadir o povo, não aceitando que o orador tudo soubesse para de tudo poder falar, pois esta capacidade era reservada aos sábios. Em *Fedro*, Platão demonstra sua indignação diante da retórica do "falar bem" sem o orador estar do lado da verdade, como explicita na seguinte parte do diálogo entre Sócrates e Fedro:

Sócrates - Para falar certo e com elegância, não será necessário haver no pensamento de quem fala o conhecimento do que constitui a verdade do assunto a ser desenvolvido?

Fedro - A esse respeito, meu caro Sócrates, ouvi dizer que quem quer ser orador não precisa

saber o que é, de fato, justo, mas apenas o que sobre isso opina a maioria, que é de quem, afinal, depende o julgamento, nem o que é, realmente, bom e belo, mas apenas o que parece ser. Nisso é que se funda a persuasão, não na verdade.

Sócrates - Não, Fedro; não pode ser de somenos valor a palavra dos sábios. Precisamos, então, ver se ela é justa, e se o que dissesse precisa ser admitido ou rejeitado. ⁵⁶

quem **Aristóteles** (384-322 a.C.) é quem dá à retórica a defesa absoluta ao conferir a esta arte "a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão", podendo assim "descobrir o que é próprio para persuadir". ⁵⁷ Seu livro **Arte retórica** traz a teoria que serve de base para a análise dos textos propostos neste trabalho, cuja ênfase será dada posteriormente. Entretanto, cabe ressaltar que Aristóteles analisou a retórica como ela se dá na prática e atribuiu ao caráter do orador a devida importância para o convencimento. ^x

Da Grécia, a retórica chega a Roma e, de lá, propaga-se pelo ocidente. Em Roma, a política fez da retórica uma aliada para o exercício da dominação.

Escrita em latim por volta de 85 a.C., a **Rhetorica ad Herennium** (Retórica a Herênio), primeiramente foi considerada de autoria de Cícero e atualmente atribui-se a Cornifício. É um manual prático de retórica e, juntamente com a obra de Cícero, será considerada como padrão adotado durante a Idade Média. Aliás, a figura de Cícero (106-43 a.C.) confunde-se com a retórica, pela sua fama de grande orador. Suas obras são **De Inventione** (Sobre a invenção) e **De Oratore** (Sobre o orador); esta prega a união do pensamento e da fala (res = material + verba = palavras)

para o sucesso do orador. Por isto, valoriza o acuidado com a linguagem e a eloquência do orador. *Doctrina Christiana*, de Santo Agostinho (413-430), e *Institutio Oratoria* (Instituições oratórias), escrita no final do século I d.C. numa linha independente, solidificou esta série que se constitui na chamada retórica antiga. Afirma que um homem só pode ser orador se for bom. Isto vem ao encontro da definição de Catão de orador, para quem a moral e os bons hábitos é fator sine qua non para a persuasão. Quanto à origem da eloquência, Quintiliano indaga afirmando:

Pois quem há que duvide que os homens apenas foram criados receberam da mesma natureza o dom da palavra, que é certamente o fundamento da Eloquência; que o interesse foi quem fez que os homens se aplicassem a cultivar, e aumentar este dom; e que enfim a arte, e o exercício foram os que lhe deram a última perfeição? 58

Esta obra foi muito influente e demonstra por parte de Quintiliano uma extrema preocupação em apresentar a retórica relacionada com o falar bem, essencialmente na elocução e no que concerne ao uso de figuras.

Para o crítico literário Ivor A. Richards, "a retórica antiga foi uma descendência da disputa; [...] foi a teoria da batalha das palavras e sempre foi dominada pelo impulso combativo." E completa: "a persuasão é somente um dentre os objetivos do discurso." 59

Com o objetivo de persuadir, o discurso vai conter imagens, metáforas, figuras e, no ato da fala, contará com o auxílio da entonação e, assim, estabelecerá uma relação com o público. No tocante à teoria da metáfora, afirma Richards que "o pensamento é metafórico, e prossegue pela comparação, e as metáforas da língua derivam-se daí." 60

Com o Cristianismo, a retórica passou a fazer parte das atenções da igreja e o livro *De Doctrina Christiana*, de Santo Agostinho (354-430), trata da retórica cristã, pois cabia aos pregadores levar o Evangelho para todo o mundo. Dante Tringali lembra o papel dado por Santo Agostinho ao orador cristão que

primeiro deve assimilar a sabedoria das Escrituras e depois divulgá-la através da retórica que não se separa da Sabedoria. E, ao mesmo tempo, que a sabedoria divina fornece a matéria dos discursos também fornece os moldes da verdadeira Eloquência. São Paulo não só ensina o que falar, mas também como falar. ⁶¹

Petrus Ramus (1515-1572), na retórica clássica surgida no século XVI durante o classicismo renascentista, reorganizou o papel da retórica, determinando que, quando prepara um discurso, o homem trabalha com a lógica e, quando o apresenta, com a retórica. O seu método de educação consistia em duas partes: análise (estudo dos textos, figuras etc.) e a composição. No século XVI, a teoria de Ramus era popular na Inglaterra e, no processo de treinamento oratório, as crianças costumavam repetir os sermões de domingo no dia seguinte. ⁶²

Quintiliano também aborda a questão da formação do orador que deve unir talento natural ao estudo, pois "a arte de falar bem demanda um grande trabalho, um estudo contínuo, muito exercício, uma experiência, e uma prudência consumada." ⁶³

O filósofo inglês John Locke, no seu *Ensaio acerca do entendimento humano* (1690), trata da retórica muito particularmente no que concerne à "imperfeição das palavras" e dos abusos da linguagem figurada, que engana os homens (mas estes sentem prazer nisto) com ambigüidades, prejudica a comunicação e, ao mexer com as paixões, induz o julgamento. ⁶⁴



Locke aponta alguns "remédios" que podem ser usados para combater tal abuso, tais como usar a mesma palavra sempre no mesmo sentido e que os homens devem explicar suas idéias quando usarem a mesma palavra com sentidos diferentes, eliminando assim as imprecisões do discurso. ⁶⁵

T. S. Eliot, no ensaio "Rhetoric and Poetic Drama", mostra como a retórica não pode ser usada apenas para designar escritas de qualidade ruim e cita a sua presença em alguns personagens do teatro elisabetano como exemplos de "retórica de substância", acrescentando o comportamento que deve ter o falante:

se nós temos que nos expressar, a nossa variedade de pensamentos e sentimentos, em uma variedade de assuntos com inevitável correção, nós devemos adaptar nossa maneira para adaptar nossa maneira para o momento com variações infinitas. ⁶⁶

Em *Anatomia da crítica*, Northrop Frye relembra os dois significados da retórica e como eles se relacionam com a literatura. Enquanto a retórica ornamental não se separa da literatura, fazendo os ouvintes admirarem sua beleza estética, a retórica persuasiva emprega recursos literários para melhor argumentar, levando o público à ação. Descreve a literatura "como a organização retórica de Gramática e Lógica." ⁶⁷ Aproximando ainda mais a retórica da literatura, observa que

a maior parte dos traços característicos da forma literária, tais como rima, aliteração, metro, equilíbrio antitético, uso de exemplos, são também esquemas retóricos. ⁶⁸

Então, pode-se constatar a interrelação da literatura e da retórica, cujos elementos são constitutivos da obra literária.

Até o momento, observa-se que a palavra persuasão foi de



extrema importância para este capítulo. Dante (Tringali, explica a sua etimologia: (ação e pronúncia, o ato do discurso).

Persuadir, etimologicamente vem de "persuadere", "per+suadere". O prefixo "per" significa de modo completo, "suadere" = aconselhar (não impor). As palavras da mesma família esclarecem o valor da raiz: "suadv-", "Suavis" = suave; "savium" = beijo terno. Daí o sentido geral de "persuadere" = aconselhar, levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente. Persuade-se provando de alguma forma. 69

Kenneth Burke lembra-nos que "persuasão envolve escolha, desejo; ela é direcionada ao homem somente na medida em que ele é livre." 70

Os sermões são textos produzidos com o intuito de persuadir os ouvintes a converterem-se e, os focalizados neste trabalho, terão suas análises baseadas na teoria retórica de Aristóteles, porque valoriza sobremaneira as técnicas de persuasão.

Aristóteles, no célebre livro **Arte retórica**, determina os três gêneros de retórica: o deliberativo, de tempo futuro e tem a função de aconselhar ou desaconselhar; o judiciário ou forense, de tempo passado, pois a acusação e a defesa referem-se a um fato ocorrido no passado, e o demonstrativo ou epidíctico, com ênfase no presente, uma vez que tem por objetivo louvar ou vituperar algo ou alguém. O Estagirita também aborda os elementos do discurso, que são: o orador, o assunto e o ouvinte, sendo para este último a finalidade do discurso. Aristóteles relaciona a dialética e a retórica: esta persuade; aquela expõe. O discurso retórico objetiva persuadir o auditório sobre uma questão verdadeira (ou) que parece ser verdadeira. O discurso é composto por: **quaestio** (questão = tema), **inventio** ("invenire" = encontrar, achar), **dispositio** (disposição, ordem), **elocutio**

(elocução) = falar (com arte), memória (memória), *propositio*, pronuntiatio (ação e pronúnciação, (o ato do discurso). A dispositio, subdivide-se em exórdio (parte introdutória do discurso), proposição (o orador define sua posição em relação ao assunto), partição (roteiro seguido pelo orador), narracão (descrição), argumentação (onde encontramos as provas), digressão, peroracão (conclusão).

As provas, fundamentais para persuadir, encontram-se na argumentação. Através da Tópica, disciplina proposta por Aristóteles, o orador encontrará os lugares comuns ("tópoi", em grego, ou "loci", em latim). Estes lugares comuns (provas que se repetem), podem advir da etimologia, da gramática, do gênero, da definição, da causalidade. As provas são qualificadas por Aristóteles em extrínsecas ou intrínsecas:

Dentre as provas, umas há que não dependem da arte ao passo que outras dependem. Chamo provas independentes da arte [= extrínsecas] todas as que não foram fornecidas por nós, mas que já pré-existiram, por exemplo, os testemunhos, as confissões obtidas pela tortura, as convenções escritas e outras de igual espécie. Constituem provas dependentes da arte [= intrínsecas] todas as que podem ser fornecidas pelo método e por nossos próprios meios. 71

Quanto às provas extrínsecas, Aristóteles já as enumerou na citação acima. As provas intrínsecas, também definidas pelo Estagirita e que pertencem à retórica, são: lógicas, entimemas e exemplos 72; e psicológicas, éticas ou patéticas.

Entimema é uma espécie de silogismo constituído de proposições, mas algumas delas não são mencionadas e o ouvinte as entenderá por si próprio, formando sua opinião. Aristóteles define entimema como "silogismo oratório" e o subdivide em: a) apodítico, demonstrativo ou científico (premissas verdadeiras, conclusão

verdadeira); b) dialético (ou provável) (premissas prováveis, conclusão provável); c) sofístico (fazer o falso passar por verdadeiro). Já o exemplo é "uma indução oratória" ⁷³, indo do particular ao geral. O orador tira exemplos do cotidiano, da história etc., baseando a exemplificação num raciocínio analógico. Para elucidar, o orador cristão tem nas Escrituras o sustentáculo para suas pregações e sobre a retórica cristã, afirma Dante Tringali: "A Retórica cristã se alicerça particularmente em argumentos extrínsecos, com efeito, a fonte fundamental das provas se encontra nas Escrituras e em tudo que delas deriva..." ⁷⁴

Provas éticas consistem no caráter do orador, na imagem transmitida por ele a seus ouvintes, devendo haver uma relação harmoniosa entre o orador e a sua vida moral. Sem uma vida coerente com seu discurso, o orador não persuadirá (ethos = costume, caráter). Assim determina Aristóteles:

Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso. Muito pelo contrário, o caráter moral deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência. ⁷⁵

As provas patéticas são as que tentam convencer pela paixão e emoção (pathos = paixão, patético).

Há, portanto, elementos lógicos (logos, que supõem raciocínio), éticos e patéticos. O pathos e o logos dão-se em nível do discurso, ao passo que o ethos, em nível pessoal, tendo o orador que conhecer a psicologia humana.

O sermão

O sermão é o discurso religioso cristão por excelência. Visa

persuadir o público à conversão. Todavia, antes de considerarmos as características desse texto, é importante refletir sobre o conceito de religião que nos é fornecido por Nicola Abbagnano: "A crença numa garantia sobrenatural oferecida ao homem para sua salvação; e as técnicas orientadas para obter e conservar esta garantia." 76

Merece o mesmo destaque o conceito de Kenneth Burke, unindo religião à retórica: "O assunto da religião cai no âmbito da retórica, no sentido em que retórica é a arte da persuasão..." 77

E sobre esta acepção de retórica, observa o professor Carlos Daghlilan:

Se traçarmos uma linha que incida sobre os traços constantes que surgem nas concepções da retórica, desde os antigos até os tempos modernos, verificamos que ela foi sempre concebida como a arte da persuasão, desde que entendamos persuasão não só como o mover os outros, por qualquer meio, à ação, mas também o aduzir provas que levem os outros, ou à ação, ou admitir as opiniões do agente de uma ação. 78

Neste discurso persuasivo, o orador faz, de um exemplo individual, algo que valha para todos os homens, com o intuito de manipular o ouvinte para que ele aja, ou seja, converta-se, para deixar de ser um pecador e alcançar a vida eterna através da aceitação de Cristo como Salvador, pois os que Nele crêem, "nascem de novo". Há, portanto, uma crença que leva à doutrinação.

Obviamente, nos períodos coloniais brasileiro e americano houve doutrinação, principalmente por parte dos Jesuítas no Brasil. Entretanto, não podemos nos esquecer de que estes missionários acreditavam na salvação das almas que conseguiam converter pela fé. E, neste processo, Anchieta e os outros Jesuítas colocaram os índios nas mãos dos brancos em nome da fé que viviam, contribuindo



para o massacre ocorrido. Os Jesuítas foram instrumentos da dominação portuguesa.

No discurso religioso cristão, a palavra pregada é a que está na Bíblia; o pregador, seja ele padre ou pastor, é quem tem a autoridade para falar sobre a palavra de Deus, em nome de Deus onisciente e perfeito. Os homens, ao ouvirem o pregador, devem converter-se, movidos pela fé.

O sermão é baseado nas Sagradas Escrituras, que são explicadas conforme os ouvintes, pois todo discurso retórico, quando é preparado, o orador leva em consideração o auditório, ou seja, a classe social, a faixa etária, a etnia, etc. de seu público alvo.

É conveniente ressaltar que, na classificação das funções da linguagem, segundo Jakobson, referencial, emotiva, poética, metalingüística, fática e conativa, constata-se a conativa como predominante num discurso retórico, uma vez que se trata da função cuja ênfase encontra-se no destinatário, mas isto não significa absolutamente que, apesar de centrar sua mensagem no auditório, o discurso retórico não contenha outras funções. A função poética, por exemplo, era dada pela amplificação na retórica antiga. A amplificação se concretiza nas ornamentações, nas figuras, realçando uma idéia, tanto para torná-la mais forte quanto mais fraca e geralmente aparecia na peroração. 79

Aristóteles define os elementos do discurso: "... a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala; e o fim do discurso refere-se a esta última, que eu chamo o ouvinte." 80 Das três partes, o Estagirita destaca o público e nele é que se deve centrar a atenção do orador.

Para alcançar este objetivo, o pregador manipula os recursos



lingüísticos, e o seu talento está justamente aí: em articular, organizar de acordo com seus objetivos e seu público o que Deus produziu. E Anchieta e Edwards fizeram isto muito bem.

Sem dúvida, o sermão é um texto ideologicamente comprometido, como afirma Rachel Setzer:

O sermão é, como qualquer discurso, percebido como uma forma social de apropriação da linguagem, na qual o sujeito do enunciado tem a ilusão de estar na origem do que foi dito, mas é interpelado pela ideologia. Assim, se pode verificar historicamente a ideologia das relações entre a Igreja, o missionário e o povo. ⁸¹

Dáí, conclui-se que a retórica é ideológica, refletindo um lado (mais poderoso) que quer persuadir o outro mais frágil. As histórias coloniais servem de exemplo.

A intertextualidade Bíblia-sermão justifica-se na medida em que a própria Bíblia, da Criação ao Apocalipse, tem uma história repleta de metáforas. No "Sermão da Montanha" (Mateus, Capítulo 5), Cristo prega para que os sofredores não se preocupem, pois serão salvos. Como toda a promessa de salvação está em Cristo, Ele salvará todos que Nele crerem verdadeiramente. Este é o cerne da história bíblica.

A Bíblia pode ser analisada literariamente, assim como são os sermões escritos por Anchieta, John Donne (1572-1631), Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) e Jonathan Edwards.

René Wellek e Austin Warren, no livro Teoria da literatura, definem "como simples retórica, tudo quanto nos persuada a cometer uma ação exterior definida." ⁸² Consideram apenas literárias as obras que contenham a predominância da função estética e, embora reconheçam a existência de elementos estéticos nos sermões, não os classificam como literatura, pois não têm "objetivo estético". ⁸³



Mas os limites do literário estão sempre sendo rediscutidos. Determinar o que pode ser ou não considerado literatura, é uma tarefa ainda não resolvida. O fundamental é a possibilidade de constatar características literárias num texto, marcadas pelo engenho do autor, pelo escrever bem, mesmo que a primeira intenção do autor não tenha sido literária.

O intenso debate sobre o quinto centenário do descobrimento da América levou estudiosos como Stephen Greenblatt, com o *New Historicism*, e Leonardo Boff, com a nova evangelização, a questionar o problema das colônias.¹

No caso específico deste trabalho, que focaliza sermões produzidos nas épocas coloniais do Brasil e dos Estados Unidos, é importante ressaltar o fato destes textos não serem apenas meras extensões da literatura de suas metrópoles, ou seja, da portuguesa ou da inglesa, pois estavam adaptadas às novas condições, anseios e necessidades daquelas novas terras e de seus povos em formação. Assim, fazem parte da literatura brasileira e americana respectivamente.

Por esta razão, a literatura produzida nas colônias é de fundamental importância para entendermos as nossas origens e, em muitos aspectos, definirmos o que somos hoje. Daí a importância da análise de textos coloniais.

Os sermões apresentam versículos bíblicos na epígrafe. O de Anchieta é extraído de Atos 9,15 *Vas electionis est mihi ista* ("este é para mim um instrumento escolhido") e o de Edwards, cita Deuterônimo 32,35 *Their foot shall slide in due time* ("a seu tempo, quando resvalar o seu pé").² Estes versículos dão o tom do texto, pois o primeiro é sobre a conversão de Saulo, que será utilizada por Anchieta como exemplo ao longo do texto, e o segundo, a ameaça de vingança do Senhor contra os israelitas que

P A R T E I I

A N Á L I S E C O M P A R A D A D O S T E X T O S

O intenso debate sobre o quinto centenário do descobrimento da América levou estudiosos como Stephen Greenblatt, com o *New Historicism*, e Leonardo Boff, com a nova evangelização, a questionar o problema das colônias.¹

No caso específico deste trabalho, que focaliza sermões produzidos nas épocas coloniais do Brasil e dos Estados Unidos, é importante ressaltar o fato destes textos não serem apenas meras extensões da literatura de suas metrópoles, ou seja, da portuguesa ou da inglesa, pois estavam adaptadas às novas condições, anseios e necessidades daquelas novas terras e de seus povos em formação. Assim, fazem parte da literatura brasileira e americana respectivamente.

Por esta razão, a literatura produzida nas colônias é de fundamental importância para entendermos as nossas origens e, em muitos aspectos, definirmos o que somos hoje. Daí a importância da análise de textos coloniais.

Os sermões apresentam versículos bíblicos na epígrafe. O de Anchieta é extraído de Atos 9,15 *Vas electionis est mihi iste* ("este é para mim um instrumento escolhido") e o de Edwards, cita Deuterônimo 32,35 *Their foot shall slide in due time* ("a seu tempo, quando resvalar o seu pé").² Estes versículos dão o tom do texto, pois o primeiro é sobre a conversão de Saulo, que será utilizada por Anchieta como exemplo ao longo do texto, e o segundo, a ameaça de vingança do Senhor contra os israelitas que

havia transgredido as leis divinas, chegando até a adorar um bezerro de ouro. E o pastor procurará demonstrar como esta vingança é aplicável também aos que não se convertem, isto é, não aceitam Jesus Cristo como o Salvador.

Tendo em vista que o sermão é um discurso retórico, dirigido a um determinado público, cabe ressaltar os tipos de auditório de Anchieta e Edwards. O de Anchieta era composto pelo gentio e por colonos ignorantes; Edwards, apesar de se dirigir a um público letrado e iniciado nos ensinamentos bíblicos, enfrentava o problema de muitos de seus ouvintes serem membros da igreja pelo Half-Way Covenant, que garantia aos filhos e netos de um membro o direito de também o serem, mesmo sem ter feito qualquer confissão. Assim para ambos os pregadores, o importante era que as pessoas realmente se convertessem e aceitassem Cristo.

Anchieta, no exórdio, prepara seu público, iniciando seu discurso com uma "metáfora guerreira"³: a luta entre Cristo e Saulo. Na proposição, o sacerdote apresenta o grande desafio, a batalha que os homens travam contra o mal, da qual devemos gostar, pois "somos guerreiros" e cristãos. Os grandes homens são chamados para grandes batalhas e nós também - a de vencer o mal, e de nos deixar vencer por Cristo. (4, 60)⁴

A passagem bíblica dos israelitas é o exórdio em Edwards. Expostos à destruição, representam a situação dos pecadores que estão caminhando em "lugares escorregadios" (5, 68), sujeitos à punição e vingança do Senhor.⁵

Anchieta e Edwards, na proposição, deixam claro seu objetivo de converter as almas dos pecadores. Anchieta fala sobre a nossa vitória quando nos deixamos "vencer de Cristo", isto é, quando nos



convertemos verdadeiramente: é a de como aconteceu a conversão de

São Paulo. Porque uma coisa e outra nos é necessária: vencer o diabo, mundo e carne, que continuamente contra nós convertem pelejam e trabalham por nos vencer e deixarmos-nos vencer de Jesus, contra o qual trazemos contínua guerra, dando-lhe contínuos combates com os nossos pecados. Porque os sermos vencidos dele eis a nossa mais gloriosa vitória, que podemos alcançar. (4, 60-61).

Já Edwards, de acordo com a doutrina calvinista, enfatiza a fragilidade do homem perante os desejos de Deus: "Não há nada que mantenha homens perversos, em qualquer momento, fora do Inferno, mas a simples vontade de Deus." (5, 68) ⁶

A batalha referida por Anchieta e que se estende a todos os pecadores é aquela entre Jesus e Saulo, o perseguidor dos cristãos, que foi "instrumento escolhido" de Cristo. Do lado de Jesus, "estão todos os coros evangélicos e os santos" e, do lado de Saulo, encontram-se "todos os exércitos infernais dos diabos e dos fariseus" (4, 60). Jesus converte Saulo e este se torna-se São Paulo, um dos maiores apóstolos do Cristianismo. Edwards trabalha a imagem da luta dos pecadores contra as forças divinas, que são imbatíveis: nenhuma força terrena poderá combatê-las:

Não há fortaleza que resista aos poderes de Deus. Embora de mãos dadas, e as imensas multidões dos inimigos de Deus ligadas e associadas entre si, são facilmente quebradas em pedaços: elas são como grandes montes de leves resíduos diante do furacão; ou largas quantidades de restolho seco diante das chamas devoradoras. Nós achamos fácil pisar e esmagar um verme que vemos arrastando-se na terra; similarmente, nos é fácil cortar ou chamuscar um fino fio que sustenta alguma coisa; assim, é fácil para Deus, quando ele deseja, lançar seus inimigos ao Inferno. O que somos nós, que devemos pensar ao ficarmos diante dele, cuja repreensão faz a terra tremer, e diante do qual as rochas são sacudidas? (5, 69) ⁷

Anchieta prossegue seu discurso como um romancista narrando o "nascer de novo", conforme escrito em João 3,4: 3,5.



uma história que, neste caso, é a de como aconteceu a conversão de São Paulo, cujo exemplo servirá para que os ouvintes igualmente convertam-se ao Cristianismo. Saulo, "um lobo faminto", queria faltar-se do sangue dos cristãos e, dentre os que perseguiu encarcerando e açoitando, estava o mártir Santo Estevão, sendo este apedrejado. Mas Cristo, o "manso cordeiro", o cordeiro de Deus, era "pacientíssimo". Pela "grandíssima misericórdia" que o tornou cordeiro e assim sofreu e morreu na cruz, Jesus pediu a Santo Estevão que rogasse para que Saulo fosse perdoado. E o santo diz, "peço-vos, Senhor Jesus, cordeiro mansíssimo, que por todos morrestes na cruz, que não acimeis este pecado a São Paulo, que me apedreja, porque não sabe o que faz." (4, 61). Paulo, maltratando os cristãos, atingia o próprio Cristo, pois batia nos filhos de Deus e, ao desprezar um irmão, Deus o desprezava. (4, 62).

Anchieta cria, desta maneira, as imagens da batalha de Saulo contra os cristãos na mente dos ouvintes, enquanto Edwards, ao longo do sermão, vai construindo a imagem do inferno com suas chamas e o desespero dos pecadores que lá caíram e estão condenados à punição eterna, de acordo com a determinação da vontade divina.

O padre narra, então, que Saulo, sabendo da existência de mais cristãos em Damasco, decide ir lá. Cristo diante deste ataque mais amplo vindo de Saulo, deixa a paciência de cordeiro e usa o seu poder divino para vencer o pecador. Jesus o encontra e o converte "com o poder de sua divindade", fazendo do antigo pecador o maior apóstolo do Cristianismo (4, 63). Assim como a vida de Saulo mudou após sua conversão, a do pecador comum também sofre uma profunda mudança, e é disto que Anchieta procura convencer seus ouvintes: é o "nascer de novo", conforme escrito em João 3,4; 3,5.⁸



Edwards, cujo objetivo é bastante semelhante ao de Anchieta, utiliza-se de outra técnica, a de provocar medo no público com imagens aterrorizantes do inferno, para onde vão os pecadores. Ele acredita também que, ao aceitarem Cristo, as pessoas nascem de novo e para esta nova vida é que ele chama o seu auditório.

Na peroração, os dois pregadores conclamam os ainda não convertidos para que aceitem Cristo realmente e assim alcançarão a vida eterna.

Evidentemente, a fim de convencer as pessoas que os ouviam, Anchieta e Edwards empregaram elementos lingüísticos e figuras de linguagem que lhes permitiram construir textos não somente de grande valor retórico, mas também literário. Com frases de grande efeito, comparações, imagens, metáforas, símbolos, os oradores procuram levar o auditório a tomar a atitude aconselhada por eles: a conversão.

A) ELEMENTOS ÉTICOS

Retomando a classificação aristotélica, ou seja, ethos, pathos e logos, verificamos que o primeiro estava presente em Anchieta e Edwards, por suas vidas dedicadas às leis divinas e a pregar o Evangelho. Anchieta, um padre missionário católico, e Edwards, um pastor calvinista de moral rígida, cumpriam este item de coerência entre suas atitudes e seus discursos, fatos já discutidos na Parte I.

B) ELEMENTOS PATÉTICOS

Os elementos patéticos são expressos pela presença de vários recursos da língua, destacados a seguir. Embora alguns deles repitam-se em todos os sermões, tais como, vocativos, imperativos, exclamações, comparações, perguntas retóricas, considerou-se



importante não deixar de mencioná-los também aqui através de alguns exemplos mais significativos.

1) Vocativos: para mais clareza, entendei que Jesus Nosso Senhor ... (4, 58)

1.1) Em Anchieta:

- a) Ó irmão, que não sabes pelejar. (4, 62)
- b) Ouve, surdo pecador, ouve a voz de Cristo ... (4, 69)
- c) Ó pecador desventurado, morador do Brasil, vaso de barro esburacado ... (4, 75) [Referência ao morador do Brasil.]
- d) Bene currebas, Vila de São Paulo, pelo caminho dos mandamentos de Deus, para seres vaso escolhido como ele. (4, 75) [Referência ao público de São Paulo.]
- e) Queres, irmão, ser vaso escolhido de Deus? (4, 76)

Verificamos que, em Anchieta, o vocativo irmão, característico da oratória religiosa, é o que mais frequentemente aparece quando o orador dirige-se aos seus ouvintes.

3) Anchieta, a fim de aproximar-se do público, utiliza-se de

1.2) Edwards utiliza-se de vocativos, sendo um em comum com verbas na primeira pessoa do plural, do pronome possessivo nosso, Anchieta, "pecador" (em inglês "sinner"), para chamar seus ouvintes de todas as gerações, principalmente ao final do sermão:

- a) Ó pecador! Considera o temível perigo em que estás ... (5, 75)
- b) E vós que sois homens jovens, e mulheres jovens, ireis negligenciar este período de que agora desfrutais ... (5, 80)
- c) E vós crianças que não sois convertidas ... (5, 80) 9

2) Os verbos no tempo imperativo auxiliam neste conclave para

a salvação das almas, feito pelos pregadores:

2.1) Em Anchieta:

- a) E para mais clareza, entendei que Jesus Nosso Senhor ... (4, 66)
- b) Deixa-te ferir de Cristo, que não fere senão para sarar. Deixa-te derrubar dEle que não derruba, senão para levantar. Deixa-te vencer dEle, que não vence, senão para coroar e fazer-te vencedor de teus inimigos. (4, 68)
- c) ... que Cristo Nosso Senhor põe a mão em vós, ouvi e entendereis ... (4, 73)

2.2) Em Edwards:

- a) E considera aqui mais particularmente várias coisas relativas à ira em cujo perigo estás. (5, 75)
- b) Considera isto, tu que estás aqui presente, e ainda permanece em um estado degenerado. (5, 76)
- c) E deixa todos que ainda não estão em Cristo [...] agora ouvirem os altos chamamentos da palavra e da providência de Deus. (5, 80) ¹⁰

3) Anchieta, a fim de aproximar-se do público, utiliza-se de verbos na primeira pessoa do plural, do pronome possessivo nosso, do pronome pessoal nós e do pronome objeto nos com bastante freqüência, principalmente no início do discurso:

- a) Ora, somos chamados todos a um negócio semelhante. Temos diante dos olhos ... (4, 60)
- b) Se somos guerreiros, como devemos ser, pois militia est vita hominis super terram. ["A vida do homem na terra é batalhar", Jó 8, 1] (4, 60)
- c) Se somos esforçados, como devemos ser, pois somos cristãos - e cristão não quer dizer outra coisa senão homem de Cristo, nosso verdadeiro e valentíssimo capitão [...] nos ungiu a nós, para sermos valentes e esforçados lutadores e guerreiros contra o diabo e a carne -, devemos gostar muito de ver este tão grande desafio, para nele aprendermos a vencer e ser vencidos. (4,

- d) Porque uma coisa é outra nos é necessária: vencer o diabo, mundo e carne, que continuamente contra nós pelejam e trabalham por nos vencer e deixarmo-nos vencer de Jesus, contra o qual trazemos contínua guerra, dando-lhe contínuos combates com os ossos pecados. Porque o sermos vencidos dele eis a nostra mais gloriosa vitória, que podemos alcançar. (4, 61)
- e) E dos pecadores, que diremos? (4, 73)

Entretanto, no sermão de Edwards, há uma ênfase para a palavra YOU (traduzida por tu e vós), determinando a conversão como uma responsabilidade individual (não importando a faixa etária), de acordo com a doutrina calvinista:

- a) Isto que ouvistes é o caso de cada um de vós que não estais em Cristo. Aquele mundo de sofrimento, aquele lago de enxofre ardente está estendido sob vossos pés em todas as direções. Lá está o apavorante fosso das chamas intensas da ira de Deus; lá está a larga fenda da boca do inferno aberta; e não tendes nada em que vos apoiar nem em que vos segurar: não há nada entre vós e o Inferno exceto o ar; somente o poder e a mera vontade de Deus é que vos deterão. (5, 73)
- b) Tu provavelmente não estás consciente disto; julgas que estás mantido fora do inferno, mas não vês a mão de Deus nisto, mas olhas para outras coisas, como o bom estado da tua constituição corporal, teu cuidado com tua própria vida, e os meios que usas para tua própria preservação. Mas realmente estas coisas são nada; se Deus afastasse sua mão, elas não ajudariam a te salvar da queda mais do que o ar raro que segura uma pessoa que nele está suspensa. (5, 73)
- c) E agora tu tens uma extraordinária oportunidade, um dia em que Cristo deixou a porta da misericórdia amplamente aberta, e encontra-se na porta chamando com voz alta os pobres pecadores ... (5, 79)
- d) E vós que sois jovens homens, e jovens mulheres, ireis negligenciar este precioso período de que agora desfrutais, quando tantos outros da vossa idade estão renunciando a todas as vaidades juvenis e congregando-se com Cristo? Vós

especialmente tendes agora uma extraordinária oportunidade; mas se a negligenciais, ela será breve convosco assim como é com aquelas pessoas que gastam todos os dias preciosos da juventude no pecado, e agora vêm para tão horrível fim na cegueira e em dificuldades ... (5, 80)

- e) E vós crianças, que não estais convertidas, não sabeis que ireis para o Inferno, para suportar a terrível ira de Deus que está agora nervoso convosco todos os os dias e todas as noites? Estareis satisfeitos em ser os filhos do Diabo, quando tantas outras crianças na terra converteram-se e tornaram-se os divinos e felizes filhos do Rei dos reis? (5, 80) ¹¹

4) Anchieta recorre ao aposto explicativo para reforçar a idéia do Cristo Salvador para os não convertidos:

- a) Cristo, nosso verdadeiro e valentíssimo capitão, o qual ungido com o óleo da graça ... (4, 60)
- b) ... no sangue do mesmo Jesus Cristo, cordeiro pacientíssimo, o qual com sua grandíssima paciência ... (4, 62)
- c) Assim Cristo Nosso Senhor, fortíssimo leão e rei eterno, não quer tragar a Saulo ... (4, 64)
- d) Eu sou Jesus, teu salvador, que para te salvar desci do céu à terra ... (4, 64)
- e) ... a extremada humildade de Cristo, seu pai e senhor, de quem dizia ... (4, 71)

O aposto explicativo também é utilizado pelo sacerdote para caracterizar Paulo, o pecador, o opositor de Cristo:

- a) Paulo, lobo cruel, Jesus, manso cordeiro ... (4, 61)
- b) ... seguiam a Paulo, lobo cruel, querendo ... (4, 62)
- c) Pois este Saulo, da tribo de Benjamim, lupus rapax, lobo voraz e tragador, não farto do sangue dos cristãos ... (4, 63)

5) As exclamações de caráter imprecativo referem-se diretamente ao pecador que sofre por estar distante de Deus, real e

verdadeira salvação. Elas servem para agravar os sentimentos do público.

4.1) Em Anchieta:

a) Ah! triste de mim, em que ando, que amanhã morrerei, e cá me hão de ficar todas as minhas vaidades e torpezas, em que ando amontoando, com tanto perigo e cargo de consciência. (4, 67)

b) Oh! desventurado de mim, como ofendi a Deus, que é meu pai verdadeiro, que me criou à sua imagem e semelhança! Como me não lembro que se fez homem por amor de mim e viveu trinta e três anos com tanto trabalho e, por derradeiro, foi morto em uma cruz por amor de mim! (4, 67)

4.2) Em Edwards:

a) As palavras são extremamente terríveis; se tivesse somente sido dito, a ira de Deus, as palavras teriam sugerido que esta é infinitamente terrível: mas não foi apenas dito isto, mas a crueldade e a ira de Deus: a fúria de Deus! a crueldade de Jeová! Oh quão terrível isto deve ser! Quem pode proferir ou imaginar quais expressões elas carregam em si! [...] Oh! então, qual será a consequência! O que será do pobre verme que irá sofrê-la! [...] Para qual terrível, inexprimível, inconcebível profundidade de sofrimento deve a pobre criatura ser afundada, quem será o sujeito disto! (5, 76)

b) Quão terrível é o estado daqueles que estão diariamente e a toda hora no perigo desta grande ira e sofrimento infinito! (5, 78)

c) Se nós soubéssemos que há uma pessoa, e apenas uma, em toda a congregação que está para ser o sujeito deste sofrimento, que coisa terrível seria pensar nisto! Se nós soubéssemos quem é, que visão horrível seria enxergar tal pessoa! Como todo o resto da congregação levantaria um lastimoso e doloroso choro sobre ela! (5, 78-79)

d) Aqueles de vós que definitivamente continuais numa condição natural, que vos mantendes fora do Inferno mais tempo, estareis lá em breve! (5, 79)

e) O que não dariam estas pobres almas condenadas e desamparadas, por tal oportunidade de um dia que vós desfrutais agora! (5, 79)

6) Ao longo do sermão, Anchieta recorre ao superlativo absoluto sintético para enfatizar o louvor a Cristo e o vitupério a Saulo:

6.1) Superlativos para Cristo:

"... nosso verdadeiro e valentíssimo capitão ..." (4, 60); "Era Jesus Cristo pacientíssimo." (4, 61); "... lembrando-se daquela grandíssima misericórdia ..." (4, 61); "... peço-vos, Senhor Jesus, cordeiro mansíssimo ..." (4, 61); "... no sangue do mesmo Jesus Cristo, cordeiro pacientíssimo, o qual, com sua grandíssima paciência ..." (4, 62); "Cristo Jesus, [...], como homem verdadeiro e cordeiro mansuetíssimo, filho da virgem sacratíssima ..." (4, 63); "Assim Cristo Nosso Senhor, fortíssimo leão e rei eterno ..." (4, 64); "... em que Cristo Nosso Senhor infundia tanta abundância do suavíssimo licor de sua graça ..." (4, 73); "... entra na santíssima humildade de Cristo ..." (4, 77).

6.2) Superlativos para Saulo:

"... ponho diante dos olhos um lobo crudelíssimo e mui faminto ..." (4, 61); "Desta maneira converteu hoje Saulo, que foi grandíssimo e especialíssimo privilégio ..." (4, 66).

7) Os paralelismos empregados por Anchieta trazem à lembrança a imagem de Cristo Salvador no qual está a promessa da vida eterna aos que se convertem:

a) Eu sou Jesus, teu salvador, que para te salvar desci do céu à terra, e tu andas me perseguindo. Eu sou Jesus, verdadeiro homem e filho da mulher [...]. Eu sou Jesus, que como manso cordeiro [...]. Eu sou aquele Jesus, que viste com tanta desonra num pau entre dois ladrões ... (4, 64)



b) Sabe que todas as vezes que pecas, perseques a Cristo e pisas o seu precioso sangue, que por ti derramou. Todas as vezes que injurias e queres mal a teu próximo, injurias e queres mal a Deus, que é seu irmão. Todas as vezes que o vexas e perseques, com o poder de tua vara e teus cargos, a Cristo perseques. Todas as vezes, que andas subtilizando maneiras, com que lhes leves o seu, ou lhes tires o ganho que podia haver cristãmente, a Cristo perseques e roubas todo o tempo. Todas as vezes que tens a fazenda do pobre órfão e não lha queres pagar podendo, a Cristo perseques e lhe bebes o sangue, como lobo faminto [...]

Todas as vezes que olhas para a mulher de teu próximo e a queres desonrar, perseques a Cristo, seu verdadeiro esposo e marido, e mais cioso de sua honra do que seu marido. Todas as vezes que moves a pobre negra a pecar, ou por força ou por vontade, ou consentes em seu pecado, quando ela te busca a salvar e tirar do pecado quis tomar forma de pecador neste mundo e ser condenado à morte de cruz. (4, 68-69)

c) E é ingrederem civitatem entra na cidade da glória, para a qual foste criado, cuidando nela muitas vezes. [...] Queres, irmão, não embaraçar-te nos deleites e tratos deste mundo? Ingredere civitatem, entra com tua consideração na cidade do céu. [...] Queres, irmão, não o sentir o trabalho dos mandamentos de Deus e da penitência? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória [...] Queres, irmão, ser vaso escolhido de Deus? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória [...] Queres, finalmente não pecar? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória ... (4, 76-77)

e) O paralelismo entre o nascimento de Benjamim e o de Paulo (Saulo convertido, "nasceu" de novo ao aceitar Cristo como o Salvador), tem a função de enfatizar como Paulo tornou-se um dos maiores apóstolos da Igreja Católica e pregou a fé em Cristo, espalhando-a e fazendo com que ela aumentasse:

Benjamim nasceu com grande dor e trabalho de sua mãe Raquel, e quase abortivo e movido, e ela em nascendo lhe chamou Benjamim, que quer dizer filius doloris mei. ["Gn, 35,18"] São Paulo nasceu com grandíssimo trabalho e dor de sua mãe, a santa Igreja e ele se chama a si mesmo abortivo e quase movido: Novissime omnium tamquam abortivo visus est mihi. ["Em último lugar, como um abortivo, se deu vez a mim, 1Cor 15,8"] Benjamim, em certa maneira, foi matador de sua mãe Raquel, porque de

seu parto morreu ela. São Paulo foi matador e destruidor de sua mãe, a sinagoga, porque nenhum dos apóstolos tanto trabalhou por desarraigar as cerimônias da lei velha, como ele, para edificar a nossa e a fé de Cristo Nosso Senhor ... (4, 72)

8) Os versículos em latim, característica da escolástica católica, aparecem intercalados no texto, diversas vezes acompanhados por "perífrases explicativas" 13:

- a) E, para esse efeito, lhe começa a dizer: Saule, Saule, quid me persequeris? ["Saul, Saul, por que me persegues?, At 9,4"] Que males viste em mim, que más obras te tenho feito, Saulo, para que me persigas como a inimigo mortal? (4, 64)
- b) Quem cuidas que sou? Ego sum Jesus, quem tu persequeris. ["At 9,5"] Eu sou Jesus, teu salvador, que para te salvar desci do céu à terra, e tu andas me perseguindo. (4, 64)
- c) Nestes exemplos, além das "perífrases explicativas",

há paralelismos em latim e em português:

E, porém, durum est tibi contra stimulum calcitrare (At 9,5 ou 26,14), ria coisa é, mui trabalhosa para ti, dares couces contra o aquilhão de minha divindade. [...] Durum est tibi contra stimulum calcitrare, trabalhosa coisa te é dares coices contra o aquilhão da minha morte e paixão. (4, 64)

d) ... responde a Jesus: Domine, quid me vis facere? ["At 9,6] Senhor, que me mandais que faça? (4, 65)

e) ... Ego sum Jesus, quem tu persequeris, eu sou Jesus, a quem persegues, quando pecas. (4, 69)

f) Este é o nome que põe Cristo a este seu filho, que hoje lhe nasceu, que é o mesmo, que hoje lhe chamou dizendo Vas electionis est mihi iste, vaso escolhido, vaso de ouro lavrado com muitas pedras preciosas de virtudes, vaso tão puro e limpo, em que Cristo Nosso Senhor infundia tanta abundância do suavíssimo licor de sua graça, vaso sagrado, que tantos milhares de almas recebeu em si e pôs na mesa de Cristo. (4, 73)

g) Vasa iniquitatis bellantia; in consilium eorum non veniat anima mea; quia in furore suo occiderunt virum. Maledictus furor eorum, quia pertinax. Dividam eos in Jacob et disperdam in Israel. ["Gn



49,7. A tradução livre em seguida, do próprio Anchieta"]. Vasos de maldade e injustiça, que nunca andam senão buscando guerras e discórdias com seus próximos. E por fartar o apetite de sua ira matam com a língua e com o coração a seus irmãos. Não entre minha alma no ajuntamento destes. Livre-me Deus de tão má companhia. Maldito é e será de Deus seu furor e ira, pois com pertinácia e sem razão perseguem a seu próximo. E o castigo destes, sabeis qual será? Dividam eos in Jacob. (4, 74)

h) A primeira frase das citações abaixo aparece quatro vezes no texto. Apenas uma será destacada, pois é seguida de outro exemplo de uso do latim:

Ingredierem civitatem, entra na cidade da Glória, lembrando-te que diz São João, que lá nihil coinquinatum introibit, ["Nela nada entrará que esteja manchado, Sb 7,25; Ap 21, 27"], não entram lá a soberba, nem a inveja, nem outro pecado, não entram lá olhos desonestos, nem orelhas aparelhadas a ouvir mexericos, nem língua maldizente, nem mãos que obram maldade. (4, 77)

É importante notar como Anchieta trabalha com versículos bíblicos em latim e muitas vezes os explica, pois seu público não era totalmente familiarizado com a Bíblia. Isto contribui para uma melhor compreensão por parte dos ouvintes e, conseqüentemente, uma maior eficácia no poder de persuasão. Anchieta é erudito, mas não perde de vista o nível popular.

9) As comparações constituem-se num item de fundamental importância no processo de convencimento do auditório, tanto no sermão de Anchieta quanto no de Edwards:

8.1) Em Anchieta:

- a) Paulo, como lobo faminto e desejoso de se fartar de carne e sangue dos cristãos ... (4, 61)
- b) Cristo Jesus, que até àquele tempo, como homem verdadeiro e cordeiro mansuetíssimo ... (4, 63)
- c) E ainda que vença como leão, com o poder de sua divindade ... (4, 63)



d) Eu sou Jesus, que como manso cordeiro ... (4, 64)

É possível observar que as comparações no texto anchietano são, em sua maioria, utilizadas para caracterizar Cristo e Paulo, personagens centrais do episódio bíblico narrado.

8.2) Em Edwards: (A palavra como em português, equivalerá à as ou like do original inglês)

a) Que eles estavam sempre expostos à destruição, como alguém que pára ou anda em lugares escorregadios está sempre exposto à queda. (5, 68)

b) Embora de mãos dadas, e as imensas multidões dos inimigos de Deus ligadas e associadas entre si, são facilmente quebradas em pedaços: elas são como grandes montes de leves resíduos diante do furacão; ou largas quantidades de restolho seco diante das chamas devoradoras. (5, 69)

c) Os demônios espreitam-nos [=os pecadores]; estão sempre junto a eles, à direita deles; ficam esperando por eles, como vorazes leões famintos que vêem suas presas ... (5, 70)

d) Tua maldade faz-te como se fosses pesado como chumbo, e tender para baixo com grande peso e pressão em direção ao Inferno; e se Deus te deixar ir, imediatamente afundas e, ligeiramente desces e mergulhas no abismo sem fim, e tua saudável constituição e tua cautela e prudência, e melhor realização, e toda tua retidão, não vão ter mais influência para sustentar-te e manter-te fora do Inferno, do que uma teia de aranha teria para deter uma rocha em queda. (5, 73)

e) A ira de Deus é como grandes águas que estão desfavoráveis para o presente ... (5, 74)

f) ... sua ira (= de Deus) para contigo queima como fogo ... tu és dez mil vezes tão abominável em seus olhos quanto a mais detestável serpente venenosa é para os nossos. (5, 74)¹⁴

As comparações no texto de Edwards assinalam a insignificância humana perante Deus e a idéia de que os não convertidos



sofrerão o castigo do inferno perpetuamente. e aceitação de Cristo como o Salvador, determina que isto só poderá ser conseguido na igreja 10) Conforme já foi aludido anteriormente, Edwards tinha um público composto de membros da igreja pelo Half-Way Covenant. Sendo assim, era de extrema importância que ele insistisse na conversão das pessoas, ato que as salvará, pois tornar-se-ão "novas criaturas", livres de pecado. E o lugar mais indicado para isto era, certamente, a igreja. Edwards, então, associa estes dois pensamentos na seguinte passagem:

Desta forma estais vós que nunca passastes por uma grande mudança no coração, pelo imenso poder do espírito de Deus sobre vossas almas; todos que nunca nasceram de novo, e feitos novas criaturas, e ergueram-se do estar mortos no pecado, para uma condição nova, e antes inteiramente sem experimentarem luz e vida, (ainda que tu possas ter regenerado sua vida em muitas coisas, e possas ter tido afeições religiosas, e possas manter uma forma de religião em suas famílias e quartos, e na casa de Deus, e deves ser rígido nisto), estão, assim, nas mãos de um Deus irado; não há nada além de sua mera vontade que os retenha de serem neste momento devorados pela destruição perpétua. (5, 74) 15

Verifica-se que as pessoas devem freqüentar a igreja, mas vida modificada para melhor. Consequentemente, o ritual do batismo verdadeiramente convertidas, pois todas estão submetidas aos desígnios de Deus.

Próximo ao final do texto, Edwards conclama seus ouvintes a aproveitarem a oportunidade que lhes é dada naquele local e momento para conseguirem a salvação, obtida pela aceitação de Cristo como o Salvador: "... mas aqui tu estás na terra dos vivos, e na casa de Deus, e tens uma oportunidade para obter salvação." (5, 79) 16

Anchieta, como missionário da Igreja Católica, não poderia deixar de mencionar que Paulo, após sua conversão, "edificou" a igreja (4, 72) e muito fez por ela. O sacerdote que também pregava



a conversão das almas através da real crença e aceitação de Cristo como o Salvador, determina que isto só poderá ser conseguido na Igreja Católica, a única a oferecer a salvação:

Desta maneira te converterá Deus e te fará seu amigo, como fez hoje a Saulo. O qual, derrubado no chão do cavalo de sua soberba, de Saulo, soberbo que era, se tornou São Paulo, que quer dizer pequeno, humilde e obediente. E, como tal, perguntou logo: Domine, quid me vis facere? ["Senhor, que me mandais que faça? At 9,6"] Responde-lhe Cristo Nosso Senhor: Ingredierem civitatem et dicetur tibi quid te oporteat facere. ["Entra na cidade e aí te dirão o que deves fazer, At 9,6"] Onde notas que a ninguém ensina Cristo o caminho de sua salvação, nem se pode salvar, se primeiro não entra na cidade da santa Igreja, sujeitando-se à santa fé católica e aos prelados dela, como é o papa, bispos, vigários, e seus superiores seculares, como são capitães, ouvidores e juizes, quando mandam o que é justo. Porque nesta santa Igreja, que é cidade de Deus, tudo se se rege e governa por obediência, et sicut non est aliud nomen sub coelo nisi Jesus, ita nec alia ecclesia nisi Romana, sponsa Jesu, in quo oporteat nos salvos fieri. ["Não há outro nome sob o céu, senão o de Jesus, At 4,12 Nenhuma outra Igreja, senão a Romana, em que nos possamos salvar"] (4, 69)

Anchieta objetivou demonstrar como quem aceita Cristo e entra na Igreja Católica, submetendo-se a seus dogmas, é salvo e tem sua vida modificada para melhor. Conseqüentemente, o ritual do batismo não poderia deixar de ser pregado pelo sacerdote, novamente tomando Paulo como exemplo:

... mas a banhar-se todo no sangue de Jesus Cristo como manso cordeiro e lavar com água do santo batismo o muito sangue que tinha derramado ... (4, 70)

Vai Ananias, por mandado do Senhor, a batizá-lo, com o que sua alma, que estava rubra sicut vermiculus pelo muito sangue dos cristãos, que tinha feito derramar, ficou alba sicut nix, lavada no mar cristalino do santo batismo. ["Fossem vossos pecados como a grã, tornar-se-iam brancos como a neve, Is 1,18"] (4, 70)

Já que nesta cidade da santa igreja tens entrado por fé, pois és cristão e batizado ... (4, 76)



11) As perguntas retóricas chamam os ouvintes para tomarem a atitude esperada pelos oradores que, em ambos os casos, é a conversão.

a) Sabeis que cousa é a vida de um pecador? É um contínuo desafio que traz com Cristo Nosso Senhor, com que sempre o anda desafiando e provocando que tome a espada de sua ira, e se meta em campo com ele. Que vos parece que faz um pecador, quando, sem temor de Deus, está fazendo um e dois e vinte pecados mortais? Está desafiando a Cristo, está dizendo com más obras que não é poderoso Cristo para vingar suas injúrias. (4, 66)

b) Por que esperas, pecador? Por que te arredas de Deus? Por que lhe pões diante este coração mais duro que a pedra e mais rijo que o escudo de aço, em que recebes todos estes golpes sem sentir nenhum? (4, 67)

c) E dos pecadores, que diremos? Lástima é grande e mágoa dizê-lo. [...] São vasos de barro, obras das mãos do oleiro infernal. (4, 73)

d) Muita devoção e virtude havia em ti. Que olhos de bruxas infernais te enfeiticaram e te lançaram a perder? [...] Quem te esburacou e fendeu e fez entornar o licor da graça que tinhas? (4, 75)

e) Queres, irmão, não embarçar-te nos deleites e tratos deste mundo? Ingredere civitatem, ["Entra na cidade, At 9,6"] entra com tua consideração na cidade do céu. [...] Queres, irmão, não sentir o trabalho dos mandamentos de Deus e da penitência? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória [...] Queres, irmão, ser vaso escolhido de Deus? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória [...] Queres, finalmente, não pecar? Ingredere civitatem, entra na cidade da Glória ... (4, 76-77)

Jonathan Edwards também procurou valer-se deste artifício retórico para convencer seu público: na vida de Paulo, após ser

a) Tudo o que nós possivelmente podemos falar sobre isto, dá apenas uma representação muito tênue disto; isto é inexprimível e inconcebível: pois quem sabe o poder da ira de Deus? (5, 78)

b) ... ao invés de um, quantos, provavelmente, se lembrarão deste discurso no Inferno? (5, 79)

- 14) c) Não há muitos aqui que viveram muito no mundo, que até o dia de hoje não nasceram de novo, e desta forma, são estrangeiros à comunidade de Israel, e nada têm feito desde que viveram, além de acumular ira contra o dia da ira? [...] Não vedes como pessoas de vossas idades ignoraram e descuidaram da presente distribuição notável e maravilhosa da misericórdia de Deus? (5, 79) 17

b) ... fiery floods of the fierceness ... (5, 79)

Anchieta apresenta mais perguntas seguidas imediatamente de respostas (exemplos a, b, c, e e) e Edwards, um maior número de questões que encerram dúvidas (exemplos a, b, e c), deixando para os ouvintes as responderem, de preferência, com atitudes. Paulo do fogo queimando no inferno, onde os pecadores sofrem.

12) Anchieta pediu aos pecadores que abrissem "as orelhas da alma" (4, 69) e afirmou que Paulo "trazia diante dos olhos da alma a extremada humildade de Cristo, seu pai e senhor" (4, 71). As duas catacreses ("orelhas da alma" e "olhos da alma") demonstram como, ainda apelando para os sentimentos dos ouvintes, o sacerdote queria ver Cristo sendo realmente aceito pela comunidade com as almas purificadas pela misericórdia divina, pois assim, a salvação seria-lhes assegurada.

13) O domínio da Língua Portuguesa que tinha José de Anchieta, além de ser notado nos mais diversos pontos até o momento expostos, é constatado em seu estilo objetivo, claro, como neste exemplo em que o padre utiliza-se do zeugma, não perdendo, o ouvinte, a idéia central, a transformação ocorrida na vida de Paulo, após ser convertido, vencido por Cristo: "E assim, o bom de são Paulo, de roubador que antes era, se fez guardador. De lobo, pastor. De perseguidor, pregador e doutor das gentes." (4, 70)

14) Edwards trabalha com algumas aliterações para aumentar o efeito da fúria divina pelo fogo e chamas: (Estas passagens encontram-se traduzidas na nota 18)

- a) ... fiery oven, or a furnace of fire ... (5, 70)
- b) ... fiery floods of the fierceness ... (5, 74)
- c) ... burning fiery furnace ... (5, 77)
- d) ... a very feeble faint representation ... (5, 78)

Esta ênfase na repetição do som fricativo surdo labiodental /f/ remete o ouvinte à violência da ira de Deus, com o barulho do fogo queimando no inferno, onde os pecadores sofrem.

15) Anchieta tinha consciência do poder da palavra e, por ter se aproximado dos indígenas, aprendeu o tupi que também utiliza neste texto. Durante a narração da luta entre Cristo e Saulo, quando Jesus decide mostrar "o poder de sua divindade" para vencer o pecador, Ele "sai ao encontro de Saulo, que era sua presa e emblara, que ele andava para arrebatrar." (4, 63) O Pe. Viotti explica o significado de emblara: "do tupi 'mbiara' = 'fruto da caça, presa de guerra'. C. de Figueiredo, Novo dicionário (Brasil do Norte). A. G. da Cunha, Dicionário Histórico das Palavras de Origem Tupi ..." (4, 63)

Impressionante é a sensibilidade do Pe. Anchieta ao misturar latim e tupi num mesmo discurso. Daí, seu talento como escritor ao adaptar-se à realidade brasileira, unindo a ela sua formação clássica.

Edwards, tendo um público que conhecia a Bíblia, importava-se com o modo de expor suas idéias conforme os ensinamentos da palavra de Deus e no mesmo tom que a momentosa situação exigia. Seu



discurso, além de conter frequentes versículos bíblicos, possui expressões idênticas às que aparecem nos textos das Sagradas Escrituras, entre as quais destacam-se "The Lamb" (= o Cordeiro de Deus), referindo-se a Cristo, encontrado no Evangelho segundo João, "will of God" (= desejo de Deus), em Coríntios e Efésios, e "bottomless pit" (= fosso, buraco sem fim), do Apocalipse. Isto demonstra todo o conhecimento de Edwards, seu talento ao trabalhar com as palavras para o sucesso de sua mensagem.

16) Cristo e Paulo são os personagens bíblicos da narrativa anchietana que serve de exemplo para o público. Ambos possuem características psicológicas (paciência e mansidão contra crueldade), porém, as físicas não merecem por parte do pregador grande destaque, já que são Deus e santo respectivamente. Assim, obediência às leis divinas é o que se deve esperar dos cristãos, como ocorreu com Paulo após a conversão, propagando a fé em Jesus e na Igreja Católica. O caráter de Paulo modificou-se e, de arrogante, passou a ser humilde, de acordo com as seguintes passagens do texto:

Desta maneira te converterá Deus e te fará seu amigo, como fez hoje a Saulo. O qual, derrubado no chão do cavalo de sua soberba, de Saulo, soberbo que era, se tornou São Paulo, que quer dizer pequeno, humilde e obediente. (4, 69)

Dali a poucos dias ingressus synagogas confunde-
bat judeos et praedicabat Jesum, quoniam hic est Christus
filius Dei. ["Entrando nas sinagogas confundia os
judeus, afirmando que este era o filho de Deus, At
9,22"] E o mesmo fez por todo o mundo, pregando e
advertindo os gentios. (4, 70)

E ensinando e repetindo os mistérios da fé com os
gentios, que são verdadeiros manjares da alma, como ele

diz a si mesmo: Sic nos existimet homo sicut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. ["Assim nos tenham os homens na conta de ministros de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus, 1Cor 4,1"] (4, 70)

E ainda que na verdade não era o mais pequeno dos apóstolos, senão porque se converteu por derradeiro de todos, porém nos trabalhos e perseguições por amor de Cristo ele era dos primeiros, pois abundantius omnibus laboravit. ["Trabalhei mais que todos eles" 1Cor 15,10"] [...] E ainda que tudo isto é verdade, contudo era tão grande sua humildade que se tinha pelo mais pequeno dos apóstolos e indigno de ser chamado de apóstolo: Ego sum minimus apostolorum, qui non sum dignus vocari apostolus, quia persecutus sum ecclesiam Dei. ["Sou o menor dos apóstolos, nem digno sou de chamar-me apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus, 1 Cor 15,9"] (4, 71)

É interessante notar a relação entre São Paulo e o próprio Anchieta pois, este, na sua humildade, pregava e advertia os gentios, identificados metaforicamente como "manjares da alma". Paulo, mesmo trabalhando muito pelo cristianismo, considerava-se pequeno diante do poder de Deus.

Anchieta enfatiza ainda mais a insignificância do pecador perante Deus, comparando-o metaforicamente a uma pulga e a um cão morto: "Cristo Nosso Senhor, para não se tomar com uma pulga e menos que pulga, e com um cão morto, que é o pecador, que ainda que ladre e roa, morto é e abominável diante de Deus." (4, 66)

Jonathan Edwards também pregava sobre a situação de impotência do homem perante a vontade de Deus, determinador da salvação ou da condenação eterna de uma pessoa. Da mesma forma que, "nós achamos fácil pisar e esmagar um verme que nós vemos se rastejando no chão", é fácil para Deus lançar seus inimigos ao inferno quando quiser. (4, 69) ¹⁹ Os seres humanos não são mais do que "vermes" (metaforicamente falando), frente aos desígnios de Deus e também abomináveis aos olhos do Senhor. (4, 74)



Portanto, segundo os dois pregadores, os homens devem ter consciência de que são minúsculos, cabendo-lhes apenas total culto e obediência a Deus, em cujas mãos se encontram. A imagem é de Deus forte e dos pecadores fracos.

17) Tanto Anchieta quanto Edwards querem fazer seus ouvintes acreditarem que os pecadores estão sob a ira de Deus. Edwards, com um discurso mais dirigido para este aspecto insiste, em diversas oportunidades, na ameaçadora ira de Deus que será lançada contra os pecadores. Isto é tão verdadeiro, que pode ser comprovado pelo fato de o pastor empregar quarenta e sete vezes a palavra WRATH (= ira) no sermão. As passagens mais expressivas dos textos neste sentido são:

17.1) Em Anchieta:

- a) ... porque a sua incrível paciência e mansidão de cordeiro, com que sofreu a Saulo, aplacou a ira da divina justiça ... (4, 64)
- b) Sabeis que coisa é a vida de um pecador? É um contínuo desafio, que traz com Cristo Nosso Senhor, com que sempre o anda desafiando e provocando que tome a espada de sua ira, e se meta em campo com ele. (4, 66)
- c) Cada pecado mortal que comete é um cartel de desafio, com o que o está incitando à ira, e motejando de homem para pouco, pois tal sofre e dissimula. (4, 66)
- d) Não esperes que tome a espada de sua ira et acuat duram iram in lanciam contra ti. ["E afie como lança sua cólera inexorável, Sb 5,20"] (4, 68)
- e) ... lanças fora o licor sutil da misericórdia e graça de Deus e ficas cheio de borra de teus pecados. Com a qual se mistura a borra da ira de Deus, a qual não se pode coar ... (4, 76)

17.2) Em Edwards:



a) O pecador! Considera o terrível perigo em que estás: é a grande fornalha de ira, um fosso de ira largo e sem fim, que tu estás seguro na mão daquele Deus, cuja ira é incitada e enraivecida tanto contra ti quanto contra os condenados no Inferno; estás mantido por um fio fino, com as chamas da ira divina luzindo sobre ele, e pronto para chamuscá-lo a qualquer momento, e queimá-lo em pedaços; e não tens nenhum interesse em qualquer mediador, e nada em que agarrar para salvar-te, nada para manter-te longe das chamas da ira, nada seu, nada que já tenhas feito, nada que tu possas fazer, para induzir Deus a poupar-te um momento. E considera aqui mais especificamente diversas coisas relacionadas à ira em cujo perigo tu estás.

No Sermão (Edwards, neste momento do sermão, enumera de 1 a 4 as características da ira divina, o que denota a grande organização do texto)

1. De quem é esta ira; é a ira do Deus infinito. [...]
2. Esta é a violência de sua ira a que tu estás exposto. [...]
3. O sofrimento a que estás exposto é aquele o qual Deus irá impor para aquele fim, que ele pode mostrar o que é aquela ira de Jeová. Deus tem tido isto no seu coração para mostrar aos anjos e aos homens, tanto quão excelente é seu amor, quanto também quão terrível é sua ira. [...]
4. É ira perpétua. Seria horrível sofrer esta crueldade e ira de Deus Todo-Poderoso um momento; mas tu deverás sofrê-la por toda a eternidade: não haverá fim para este horrível sofrimento profundo ... (5, 75-78) ²⁰

18) Em seu texto "Literature and the Visual Arts", Ulrich Weisstein denomina várias categorias de trabalhos literários, entre as quais encontra-se a seguinte:
"Obras literárias com o propósito de estimular a percepção visual do leitor." ²¹

Anchieta e principalmente Edwards utilizam-se de imagens que apelam não somente para o visual, mas também para os outros sentidos dos ouvintes, pois não se pode esquecer que sermões são



feitos para serem ouvidos e, portanto, é de fundamental importância a provocação de várias sensações no público, a fim de que a mensagem tenha maior alcance, pois como afirmam Wellek e Warren, "A imagem visual é uma sensação de uma percepção, mas também 'ocupa o lugar', é referência, de alguma coisa invisível, de algo 'interior'" 22. Para Middleton Murry, citado por Wellek e Warren, a imagem "pode ser visual, auditiva ou inteiramente psicológica". 23

No Sermão da conversão de São Paulo, Anchieta monta a imagem da batalha vivida por Cristo e Paulo:

Temos diante dos olhos um notável desafio e batalha, que se faz entre duas pessoas mui notáveis, que são Jesus e São Paulo. Há mui grande concurso de gente de parte a parte: de parte de Jesus estão todos os coros angélicos e os santos; de parte do santo estão todos os exércitos infernais dos diabos e dos fariseus, desejando uns e outros ter a vitória de sua parte. (4, 60)

E então, relaciona esta batalha com a que os seres humanos vivem, ou seja, a luta contra o diabo, tendo Cristo como o capitão. A simbologia bíblica de "Paulo lobo" e "Jesus cordeiro" é empregada para distinguir os dois participantes do duelo que se travará. 24

Saulo apedrejou Santo Estevão e fazia com que cristãos fossem retirados de suas casas, encarcerados e açoitados. O clímax do sermão dá-se quando Cristo decide usar a força de sua divindade e vencer Saulo, convertendo-o, "cai Saulo no chão vencido e fica Cristo vencedor" (4, 63). Paulo, transformado, levanta-se para pregar a fé cristã, "Levanta-se São Paulo do chão, cego na vista do corpo, mas dentro da alma todo cheio de sabedoria celestial." (4, 70). Neste momento, o "levantar" de Paulo, é carregado de significado de vida nova, uma vez que ele tornou-se um dos maiores



apóstolos de Cristo, levando a palavra de Deus ao gentio.

A imagem de Cristo crucificado surge no início do discurso pela narração do apedrejamento de Santo Estevão, que pede a Cristo perdão para os que o maltratavam assim como Cristo pediu a Deus pelos que o crucificavam. No final do texto, Anchieta fala do sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz "desfigurado [...] posto entre dois ladrões" (4, 77) para salvar os pecadores.

Anchieta trabalha com imagens em movimento para tornar mais reais e críveis os acontecimentos. Edwards também utiliza-se deste expediente, com a ameaça de Deus poderoso e invencível, que poderá lançar a qualquer momento os pecadores no inferno, cuja descrição é extremamente elaborada para provocar medo nos ouvintes e levá-los à conversão, como exemplificam os seguintes trechos:

A ira de Deus queima contra eles, cuja condenação não tarda, o fosso está preparado, o fogo está pronto, a fornalha está quente agora, pronta para recebê-los, as flamas agora enfurecem-se e ardem mais. A espada brilhante está afiada, e manteve-se sobre eles, e o fosso abriu sua boca sob eles. (5, 70) 25

Sempre colocando a vontade de Deus acima de tudo conforme determinava o Calvinismo, Edwards apresenta, então, o inferno pronto para receber os pecadores se Deus assim o permitir: "... o inferno abre muito a sua boca para recebê-los; e se Deus permitisse, eles seriam rapidamente devorados e perdidos." (5, 70) 26

Na aplicação, Edwards transporta o ensinamento bíblico para a situação atual dos ouvintes que ainda não estão em Cristo, pois estão condenados a cáfrem nas profundezas do inferno, um mundo de aflição e sofrimento, perdendo Deus para sempre:

Aquele mundo de sofrimento, aquele lago de enxofre ardente é estendido amplamente sob ti. (5, 73) 27

Agora Deus encontra-se pronto para compadecer-se de ti; este é um dia de misericórdia; tu podes clamar com alguma esperança de obter misericórdia; mas quando o dia da misericórdia passar, teus mais lastimosos e dolorosos choros e gritos serão inúteis; estarás completamente perdido e lançado longe de Deus, assim como qualquer referência a teu bem estar; Deus não terá outro procedimento contigo mas somente o de sofrer aflição ... (5, 76) [Grifos meus - Imagens auditivas] 28

Cabe aos homens, então, aceitar Cristo como o Salvador, pois os não convertidos encontram-se em constante perigo, andando em péssimos caminhos: (4, 85), utilizando-se da imagem da fúria

divina: Os homens não convertidos andam sobre o fosso do Inferno numa cobertura podre, e há inúmeros lugares tão fracos nesta cobertura, que não suportarão os seus pesos, e não se vê estes lugares. (5, 71) 29

A bondade divina é que ainda mantém os maldosos na Terra para que possam ter a chance de arrependimento e conversão. O pastor utiliza-se de elementos da natureza criados por Deus, para demonstrar como até o meio-ambiente não se integra com o pecador e não o quer servir: observar que Anchieta usa as imagens do fogo, do

enxofre Se não fosse a soberana vontade de Deus assim como é, a terra não te suportaria um momento; porque tu és um peso para ela; a criação lamenta-se contigo; a criatura é feita sujeito do cativo da tua corrupção, involuntariamente; o sol involuntariamente brilha sobre ti para dar-te luz a fim de servires ao pecado e a Satanás; a terra involuntariamente dá seu crescimento para satisfazer teus desejos; nem é voluntariamente um palco para tua maldade ser representada; o ar involuntariamente serve-te para respiração para manter a chama da vida em teu ânimo, enquanto gastas tua vida a serviço dos inimigos de Deus. (5, 73) 30

identifica com a vida e com Deus, o inferno significa a privação de Deus Uma das partes mais impressionantes do texto, constitui-se por uma seqüência visual referente às características da ira de Deus, com imagens apavorantes para o público, diante de Deus tão furioso:

(4, 70) Há as nuvens negras da ira de Deus agora suspensas diretamente sobre suas cabeças, cheias da tempestade



horrorosa, e imensas com trovão; e se não fosse pela mão controladora de Deus, imediatamente iriam explodir sobre ti. [...] A ira de Deus é como grandes águas ³² que estão condenadas para o presente; [...] se Deus apenas tirasse sua mão do portão da enchente, ela iria imediatamente correr, e as enchentes impetuosas da crueldade e ira de Deus iriam precipitar-se com inconcebível fúria, e viriam sobre ti com poder onipotente ... (5, 73-74) ³¹

Nota-se que Edwards descreve o inferno com veemência. Anchieta também o descreve, não deixando de mencioná-lo como o merecido destino dos pecadores (4, 65), utilizando-se da imagem da fúria divina:

... fartas-te da borra dos pecados, também te hás de fartar da borra da ira de Deus ... E sabes que borra é? Ignis et sulphur et spiritus procellarum pars calicis eorum. ["Fogo, enxofre e vento arrasador é a porção de sua taça, Sl 100,8 e 108,119"] Desta hás de te fartar, se te não emendas. E sabes quando? Quando Cristo Nosso Senhor, com a vara de ferro de sua justiça, tamquam vas confringent te ["Há de espatifar-te, como a um vaso de barro, Sl 2,9"], dando contigo no inferno para sempre. (4, 76)

É importante observar que Anchieta usa as imagens do fogo, do enxofre e de ventos fortes como os exemplos do texto de Edwards acima mencionados. Todas estas punições para os pecadores culminam no fogo infernal para ambos os oradores, fogo este que aniquila os perversos, provocando-lhes eterno sofrimento, não lhes permitindo ver Deus, pois jamais usufruirão da proteção divina.

Oposta ao inferno, está a luz, tendo em vista que "se a luz se identifica com a vida e com Deus, o inferno significa a privação de Deus e da vida." ³³ Anchieta, ao relatar o momento da vitória de Cristo sobre Paulo, afirma que este se levanta "e alumiado com o esplendor da fé entra na cidade de Damasco ..." (4, 70) Há luz quando Deus está presente e assim, ela "significa

salvação, isto é, guia e vida." 34 Paulo estava, então, salvo e passou a ser luz para outros pecadores, pois ele tinha Deus consigo.

Este símbolo da luz é tão marcante, que pode ser constatado em filmes bíblicos, nos momentos cênicos em que Deus fala diretamente com seus escolhidos, o céu nublado torna-se claro e há a emissão de uma luz, que simboliza Deus e também ilumina o receptor da mensagem. Sem mencionar que, segundo a Bíblia, em Gênesis 1,3, Deus criou a luz, separando-a das trevas; Deus é, portanto, a origem da luz, e Seu Filho Cristo é a luz do mundo, como está escrito em João 8,12. 35 Somente aquele que acreditar em Cristo verá Deus, a luz, pois através de Cristo, em quem Deus deixou todas as promessas, é que isto ocorrerá.

A imagem da cor vermelha, tradicionalmente relacionada ao fogo ao sangue e ao vinho, aparece em diversas passagens dos textos, nestes elementos. Anchieta fala sobre "o sangue dos cristãos". Cristo derramou seu sangue para salvar os pecadores, Paulo derramou seu sangue a fim de propagar a Igreja e destruir as sinagogas. Edwards acreditava na fogo do inferno como punição para os pecadores e enfatiza este fogo especificamente com suas chamas e, o trecho do sermão que destaca este aspecto, é o momento em que o pregador cita as palavras de Deus no versículo bíblico de Isaias 63,3,

O lagar eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na minha ira; no furor as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou os trajas todos. (5, 77) 36

E prossegue seu discurso afirmando que Deus pisará no sangue dos pecadores, que borrifará e manchará suas vestes, e os



desprezará. Este sangue, espalhado, "significa a morte". 37

19) A misericórdia divina é exaltada pelos pregadores. Deus sempre perdoa quem se regenera. Anchieta estimula seus ouvintes a constituir a imagem de Deus,

Haveis de imaginar, como é verdade, que Deus é uma fonte viva e perenal de misericórdia e justiça, que é impossível esgotar-se, e todas quantas almas Ele criou e há de criar são vasos, em que Ele há de infundir este licor. (4, 73)

O sacerdote explica que Cristo, para converter os homens, recorre a várias possibilidades, tais como, através de uma mudança na sua sorte (doenças, morte de filhos), ou lembrando-os de que morrerão, e de que terão que estar diante de Deus para o juízo e, com os pecados descobertos, poderão ser lançados no inferno. Porém, a maneira que Paulo foi convertido é um especial privilégio, não extensivo a todos os pecadores. Por isto, seu público deve converter-se para não sofrer a punição eterna.

Já Edwards busca conscientizar seus ouvintes sobre a indispensável chance de conversão que estão tendo naquele instante para merecerem a misericórdia divina: "Agora Deus está pronto para perdoar-te; este é um dia de misericórdia; tu podes clamar agora com alguma esperança de obter misericórdia ..." (5, 76) 38 Edwards é muito insistente na necessidade de conversão imediata, pois algumas pessoas ali presentes poderiam estar logo no inferno, já que há uma situação impossível de ser vislumbrada pelos homens: o momento de sua morte, conforme ressalta o orador,

Não há segurança para os homens perversos por um momento, mas não há meios visíveis da morte à disposição. Não há segurança para um homem natural, que está agora com saúde, e que não vê de qual maneira ele deve agora imediatamente sair do mundo por um acidente qualquer, e

que não há perigo visível relacionado às suas circunstâncias. (5, 71) 39

20) As metáforas presentes nos textos, como algumas já mencionadas anteriormente (metáfora guerreira, cão morto = pecador, verme = pecador), contribuem para tornar os textos literariamente mais ricos, todavia sem desligá-los do objetivo religioso e, portanto, da carga metafórica bíblica que possuem. para este vaso. O texto anchietano afirma que o pecador já está "no cabo", com herpes nas feridas, de perseguir Cristo. Ou seja, de tanto cometer atos contra as leis divinas (=perseguir Cristo), a vida do pecador está no limite, no fim, pois as herpes metaforizam a podridão em que seu corpo e sua alma se encontram, sendo ele abominável perante os olhos de Deus. (4, 66) Ora, o pecado é "um cartel de desafio" (=uma afronta) a Deus, que ficará irado com os "vasos" que não se emendam. No ser "vaso escolhido" é que está a metáfora central do texto, e que Anchieta tenta esclarecer, intercalando português e latim, nas chamadas "perífrases explicativas". As almas que Deus criou "são vasos" e Ele lhes será misericordioso. Baseado em versículos, Anchieta diferencia os vasos de ouro e prata (=São Paulo, apóstolos, santos e mártires), vasos de pau e de cobre e outros metais (= "os que trabalham por guardar os mandamentos de Deus") e os vasos de barro, que são os pecadores, "obras das mãos do oleiro infernal", isto é, do diabo, que também é denominado no texto de "ferreiro infernal". (4, 68) Os vasos de barro serão lançados ao inferno e ali sofrerão perpetuamente. Já os vasos de ouro e prata são colocados na mesa de Cristo. (4, 73) No último parágrafo do sermão, esta idéia é retomada pelo padre que faz um apelo final ao público, dizendo que,



Deixa-te vencer de Cristo, sujeitando-se a seus mandamentos, que poderoso é Ele, com sua graça, para de vaso de barro, que és, fazer-te vaso de ouro e prata escolhido, e posto à sua mesa celestial. (4, 78)

De acordo com MATEUS e CAMACHO, "a 'dureza de coração' (Mc 3, 5:18, 52-5, 17) significa a 'obcecção da mente'".³⁹ pois, no sentido figurado, funcionam no coração e mente, os sentimentos e a vontade. O coração é o homem considerado por inteiro.⁴⁰ Por esse motivo os pregadores pedem aos ouvintes que tratem de um "vaso escolhido", mas inicia seu discurso com a situação dos israelitas "o povo escolhido de Deus", que estava vivendo das bênçãos de Deus, mas não reconhecia isto e estava pronto para ser destruído a qualquer momento, dependendo apenas da vontade divina. Esta passagem bíblica, metaforiza a própria realidade dos ouvintes de Edwards que, não convertidos, estariam predispostos à destruição pela punição eterna. Referindo-se ao diabo, Edwards vale-se da metáfora bíblica "the old Serpent" (5, 70) que aparece no Apocalipse 20,2.⁴¹ O pecador é também metaforizado por árvores que não produzem bons frutos e que devem ser eliminadas, nesta passagem do texto de Edwards:

Agora indubitavelmente é, como era nos dias de João Batista, o machado está de uma maneira extraordinária colocado na raiz das árvores, que toda árvore que não traz bom fruto, deve ser cortada, e lançada ao fogo. (5, 80)⁴²

O destino do perverso, do qual não provém coisas boas, é ser lançado no fogo do inferno.

O coração do pecador, nos dois textos, é duro, parecendo inflexível: "coração mais duro que a pedra e mais riço que o escudo de aço", "Rompe tu também, irmão, este teu duro coração, para que Cristo entre nele" (4, 67-78), diz Anchieta. Sallenta Edwards que,



"Os corações dos homens endurecem-se, [...] e nunca houve tão grande perigo de tais pessoas sendo propensas à rijeza do coração e à cegueira da mente. (5, 80) ⁴³

De acordo com MATEOS e CAMACHO, "a 'dureza de coração' (Mc 3, 5; 6, 52; 8, 17) significa a obcecção da mente" ⁴⁴, pois no sentido figurado, funcionam no coração a mente, os sentimentos e a vontade. O coração é o homem considerado por inteiro. ⁴⁵ Por esse motivo os pregadores Apedem aos ouvintes que aceitem Cristo com o coração e, somente assim, a conversão seria verdadeira e total.

Edwards trabalha com a metáfora do mediador (Cristo = "Mediador do Pacto" 5, 72); os pecadores "não têm interesse em nenhum mediador" (5, 72). ⁴⁶ Cristo é o mediador entre Deus e o homem; portanto, através da crença no Filho de Deus é que a salvação será obtida.

Este sermão de Edwards é classificado como um "sermão imprecatório (=juízo e destino)", de acordo com Turnbull. ⁴⁷ Isto é de importância extraordinária, pois no julgamento e destino, há a presença do tempo (passado e futuro) metaforicamente representado. O homem será julgado pelo que fez no passado e receberá um destino futuro. O passado está atrelado ao futuro e, dependendo da vontade de Deus, poderá levar o homem à fatalidade ou à felicidade.

B) ELEMENTOS LÓGICOS

Além dos patéticos, elementos lógicos formam os textos, principalmente pelos exemplos extrínsecos com versículos bíblicos, que convencem por terem sido extraídos dos textos que foram



escritos por inspiração divina. Obviamente, o exemplo pode ser considerado uma prova relativa. "O exemplo é uma indução", segundo Aristóteles ⁴⁸, portanto de mais fácil convencimento. Vê-se como Anchieta se apóia no exemplo de Paulo durante seu discurso, pois seu público era de menor grau de instrução comparado ao de Edwards, e a persuasão dar-se-lia mais eficazmente.

Quanto aos silogismos, pode-se, considerando os textos globalmente, destacar um no texto de Anchieta (01) e dois (02, 03), no de Edwards:

(01) Todo homem que aceitar Cristo e a Igreja Católica será salvo.
Ora, nós aceitamos Cristo e a Igreja Católica.
Logo, seremos salvos.

(02) Todo homem está sujeito à vontade de Deus.
Ora, nós somos homens.
Logo, estamos sujeitos à vontade de Deus.

e

(03) Todo homem que se converte será salvo.
Ora, nós nos convertemos.
Logo, seremos salvos.

No texto de Edwards, a única conclusão a que se pode chegar, é a de o homem estar subordinado aos desígnios de Deus, fato muito enfatizado ao longo de todo o discurso.

Anchieta leva os ouvintes a entender que duas atitudes eram necessárias para a salvação de suas almas, ou seja, aceitar Cristo e o Catolicismo, notadamente na passagem que se refere à Igreja Católica como sendo somente ela a proporcionar aos homens a salvação.

O CATOLICISMO E CALVINISMO:
que entre os INSTRUMENTOS COLONIALISTAS

O Catolicismo e o Puritanismo foram decisivos nos processos coloniais brasileiro e americano respectivamente. A ideologia da Contra-Reforma estabeleceu uma popularização da arte para facilitar o marketing católico e combateu o paganismo da arte Renascentista. Os jesuítas objetivavam converter os indígenas à fé católica e formar a elite intelectual do país, educando os filhos dos colonos, aos quais ensinaram a valorizar o trabalho intelectual e não o manual. O historiador Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*¹, reflete como o português acomoda-se e não quer transformar o mundo exterior, porque isto não o dignifica. Os ibéricos desejam ser ricos para não ter de trabalhar. A atividade manual é desvalorizada, sendo o ócio mais nobre que o trabalho. Esta mentalidade distanciava os alunos dos jesuítas do restante da população e sustentava o modelo daquela sociedade. Desta maneira, foi fácil encarar o sistema escravocrata, já que esta condição social não dependia da vontade do homem.

Nota-se, destarte, o papel exercido por esta influência ibérica no Brasil, pois não é raro ainda hoje ouvirmos pessoas humildes dizerem que têm quinze filhos porque "Deus quer", como se não tivessem qualquer possibilidade de alterar ou escolher seus destinos, ou seja não poder influir no mundo exterior. O ócio é visto também como sinal de nobreza; a nossa aristocracia não trabalhava e quantos deles não perderam seus bens para os

Imigrantes, seus empregados? E quanto a Igreja Católica não colaborou ao longo destes anos para manter o status quo? O governo foi sempre o fator de união dos ibéricos, uma vez que entre eles não havia "organização espontânea".² Aponta ainda Sérgio Buarque a falta de verdadeira religiosidade do brasileiro, muito mais apegado à pompa do evento que ao sentimento religioso. Houve uma adaptação daquele rigor jesuítico às condições sociais brasileiras. O professor Gentil de Faria acusa o surgimento do "jeitinho" brasileiro, já existente na carta de Pero Vaz de Caminha:

Após descrever longamente os nativos e a beleza primitiva da nova terra, pela qual não demonstra qualquer surpresa por até ela ter chegado, Caminha pede ao rei uma "graça especial", no último parágrafo da célebre missiva: "mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro." Desordeiro, violento e reincidente por crime de extorsão, mas reiteradas vezes perdoado por D. Manoel, Jorge de Osório havia sido condenado à pena de degredo. A interferência do sogro, usada num momento de extraordinária importância para o rei, trouxe de volta à civilização o indesejado malfeitor.³

Sérgio Buarque não deixa de salientar este aspecto quando menciona o psicólogo Alfred Rühl, que observou ser comum entre os espanhóis a prestação de favores de funcionários públicos aos seus amigos e parentes. Sem mencionar o fato de pessoas das classes abastadas pedirem passes gratuitos ou redução de preços para as companhias de estradas de ferro. Isto se reflete sobremaneira no tipo de político que elegemos, baseados na confiança pessoal e não na capacidade do candidato. Isto, para quem o tempo era precioso na

É interessante ressaltar estas particularidades de nossa cultura, pois elas demonstram como somos. O brasileiro não pode mais temer olhar-se no espelho e ver-se realmente sem máscara.

No Catolicismo, o homem tem que fazer boas ações para



conseguir a salvação, pois o pecado original de Adão e Eva ocasionou a perda da benevolência divina e esta deve ser reconquistada. Para este fim, ele depende do auxílio da Igreja Católica, que possui a missão de evangelizar os povos através da pregação dos ensinamentos de Jesus Cristo. Já no que se refere aos povos protestantes, o livro de Max Weber⁴, ao discutir o Calvinismo, assinala como todas as atitudes do cristão deveriam ser voltadas para a glória de Deus. A racionalização do trabalho existe para que isto se cumpra. As obras não podem ser isoladas, necessitando de uma utilidade social. Como para os calvinistas Deus havia elegido os que seriam salvos e os condenados, cabia a todos considerarem-se escolhidos e terem fé verdadeira em Cristo, tornando-se auto-confiantes para exercerem suas profissões, pois o sucesso material é um sinal da graça de Deus. A prosperidade do eleito tem que ser vista pelos demais. Ocorre, então, um estímulo ao trabalho, já que todos não querem ter mais dúvidas se são ou não eleitos. Esta atitude significou a não passividade do calvinista diante dos fatos. Ele pode ser agente do mundo exterior. Conseqüentemente, ele constrói sua salvação. Se ele se ajudasse, Deus o ajudaria. A prática é, portanto, mais importante que a filosofia. Destarte, o Calvinismo opõe-se às intenções das "boas obras" isoladas de ao livre arbítrio do catolicismo. Conviver com as desigualdades não se constituiu num fator penoso para o calvinista, para quem o tempo era precioso na busca da lucratividade, que originou o pensamento fundamental para o sucesso econômico dos povos protestantes, o famoso "tempo é dinheiro", não podendo assim ser desperdiçado. Este ponto é também destacado por Vianna Moog em



Bandeirantes e pioneiros⁵, que, embora apresente opiniões discutíveis, traz uma coerente análise com respeito às diferenças entre o Calvinismo e o Catolicismo.

A oposição à riqueza desproposita da Igreja levou Calvino a uma liberação da atividade econômica lucrativa e aí está, para Vianna Moog, a verdadeira reforma, não a de Lutero.

A acumulação de riquezas era bem vista aos olhos de Deus e não um pecado como sugeria a Igreja Católica. Falar sobre dinheiro é essencial para a vida do calvinista: o lucro é o que realmente importa; já o católico, evita o assunto. Outro ponto básico que diferencia o calvinista do católico é que, enquanto este precisa retirar-se em conventos para dialogar com Deus, aquele pode fazê-lo em qualquer lugar, seja em casa ou no trabalho.

A racionalização leva o calvinista a uma grande capacidade de organização e, com isto, ele supera até o judeu, povo tradicional por seu sucesso econômico e comercial, não se aventurando e nem exibindo sua riqueza.

Dante Moreira Leite, em O caráter nacional brasileiro⁶, faz um estudo de vários autores que, de alguma forma, tentaram arrolar as virtudes e defeitos dos brasileiros para explicar o Brasil. Seu livro abrange várias tendências, desde Sílvio Romero, passando por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, até chegar às ciências sociais com Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni. Primordial aqui é mostrar como as óticas vão-se alterando ao longo do tempo, explicando-se a situação brasileira por fatores como características psicológicas dos colonizadores, clima, raça, escravidão, sistema patriarcal, Catolicismo, sentido da colonização, exposição de dados sociológicos e a integração do

negro e do índio na sociedade brasileira. O autor verifica que "...como o aprofundamento da literatura brasileira conduz não à descoberta, não de peculiaridades do brasileiro, mas de sua humanidade no sentido mais amplo."⁷ Finalmente, conclui que "...as condições de vida social é que determinam as características psicológicas, embora estas, depois, possam também influir na vida social."⁸

Há, assim, dois pontos para reflexão: o modo de viver de um povo é muito determinado pelas condições sociais, mas estas foram criadas por pessoas com características psicológicas específicas. Ocorre, então, uma interrelação entre meio-ambiente e ser humano, este buscando interferir na sociedade para sua melhor adaptação, portanto, seu maior conforto, tudo de acordo com objetivos pré-estabelecidos. Por isto, é possível dizer que fatores psicológicos dos povos marcam seu desenvolvimento social. Obviamente, a inserção decisiva dos Estados Unidos no capitalismo contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico do país, mas não se pode deixar de louvar as características do povo brasileiro que, com todas as adversidades, conseguiu ser forte e criativo o suficiente a fim de estimular o surgimento de uma Nação em busca de seu progresso, de acordo com sua realidade. Sob esta perspectiva, é possível repensar a história a partir dos dados coloniais de ambos os povos. Sabe-se que nem tudo se deve àquele período, mas uma grande parte da atual situação dos países tem sua causa em fatos ocorridos ainda na época da colonização. O outro ponto é o que se refere à literatura brasileira. Na origem jesuítica-barroca está o cerne do pensamento colonial.



aprofundamento da nossa literatura vai sempre nos ajudar a entender o homem brasileiro, assim como as literaturas estrangeiras nos auxiliam na compreensão do modus vivendi de outros povos.

No Manifesto antropófago de 1928, Oswald de Andrade diz que "nunca fomos colonizados" e rebela-se contra Anchieta que cantava "as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema"⁹, enfim contra tudo o que nos havia sido imposto pela colonização.

E, na sua tese, A crise da filosofia messiânica, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P. em 1950 para o concurso da Cadeira de Filosofia, Oswald divide a história da humanidade em matriarcado e patriarcado, este surgindo com a escravidão e a divisão de classes, e mostra a diferença entre o Catolicismo e o Protestantismo/Calvinismo. Enquanto o primeiro segue a doutrina do livre-arbítrio de Santo Agostinho, o outro obedece à teoria da graça obtida pelo sucesso material, pelo lucro, que libertou a burguesia de pensar que era pecado acumular riqueza, determinada principalmente por Calvino, refletida até nos escritos de Benjamin Franklin, com o famoso "tempo é dinheiro". Oswald condena a teologia do capitalismo burguês, que resultou no imperialismo americano, é contrário à opressão que os jesuítas impuseram na colônia, o oportunismo de terem vindo para a América, mas ainda os considera "a vanguarda de Deus", e acredita no caminho aberto para o futuro que tem a América.¹⁰ Mesmo estando distante de qualquer religião ou culto, como afirma na Marcha das utopias, ele reafirma sua crença na liderança que o Brasil assumirá no fim do século, concordando com Osvaldo Aranha. E explica o porquê disto:

E minha fé no Brasil vem da configuração social que



ele tomou, modelado pela civilização jesuíta em face do calvinismo áspero e mecânico que produziu o capitalismo da América do Norte. ¹¹

Este assunto está constantemente sendo retomado e o jornalista Paulo Francis o discute em um trecho de sua coluna em O Estado de São Paulo de 04/02/93:

Os jesuítas não se deram por satisfeitos enquanto não expulsaram os judeus de Portugal e Espanha, ou enquanto a Inquisição não deu cabo deles. Dommage. Era a nossa chance, já que não adotamos o protestantismo. Eu diria mais: que os protestantes se sentem obrigados perante Deus a fazer de sua vida um sucesso, um Deus com quem dialogam, diretamente, sem intermediários. Os católicos deixam essas questões, ou deixavam quando isso era levado a sério, para a Igreja. ¹²

Vê-se, assim, que a religião foi a base da vida cultural das duas Nações e os estudiosos mencionados procuraram demonstrar como este fato determinou-lhes o futuro.

Tatando-se de dois sermões, estes assemelham-se em vários pontos, tais como pela presença de imperativos, vocativos, perguntas retóricas, exclamações, comparações, mas distinguem-se principalmente na maneira de apresentação. Anchieta, missionário e escritor, devido ao público que tinha, composto por colonos e gentios, buscava novos adeptos para a Igreja Católica e seu discurso é muito mais ameno que o de Edwards, um ministro calvinista, que já possuía um público iniciado na Bíblia e buscava converter os ainda não decididos dentro do movimento conhecido como o "grande reavivamento". Os sermões de Edwards causavam tanto impacto pela forte apelação, que até houve casos de suicídio entre os ouvintes de suas pregações.

Já Anchieta enfrentou diversidades, pois vinha de uma cultura medieval e encontrou "bárbaros" no Brasil. Como foi mostrado por três passagens de suas cartas, no início de sua missão, ele acreditava que apenas pela força se catequizaria os índios, mas com o passar do tempo ele aproximou-se dos indígenas e descobriu



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo a que se propôs esta dissertação foi o de traçar um paralelo entre sermões produzidos nos períodos coloniais brasileiro e americano.

Estas considerações finais destacam os principais aspectos dos textos e dos autores observados ao longo da pesquisa.

Apesar de distantes no tempo e no espaço (cerca de 173 anos de acordo com as datas das pregações), José de Anchieta e Jonathan Edwards eram cristãos e isto os une profundamente.

Tratando-se de dois sermões, estes assemelham-se em vários pontos, tais como pela presença de imperativos, vocativos, perguntas retóricas, exclamações, comparações, mas distinguem-se principalmente na maneira de apresentação. Anchieta, missionário e escritor, devido ao público que tinha, composto por colonos e gentios, buscava novos adeptos para a Igreja Católica e seu discurso é muito mais ameno que o de Edwards, um ministro calvinista, que já possuía um público iniciado na Bíblia e buscava converter os ainda não decididos dentro do movimento conhecido como o "grande reflorescimento". Os sermões de Edwards causavam tanto impacto pela forte apelação, que até houve casos de suicídio entre os ouvintes de suas pregações.

Já Anchieta enfrentou diversidades, pois vinha de uma cultura medieval e encontrou "bárbaros" no Brasil. Como foi mostrado por três passagens de suas cartas, no início de sua missão, ele acreditava que apenas pela força se catequizaria os índios, mas com o passar do tempo ele aproximou-se dos indígenas e descobriu

fórmulas para suavizar este processo, como intercalar tupi e português nos autos e, com seus escritos, poesias, autos e sermões, iniciou-se a vida intelectual brasileira. com as crenças já trazidas

Analisando as características dos textos, seria coerente afirmar que Anchieta escreve num estilo "pré-barroco", como afirmam Azevedo Filho¹ e Afrânio Coutinho², com traços do estilo medieval, dentro do qual não há possibilidade de conflito com Deus: aquele que se atrever a fazê-lo, perderá. Entretanto, já apresentava, dentro da ideologia contra-reformista, indícios da escola futura (e.g. os contrastes). no trágico, o que é scelto pelo

Desta forma, com a estética dos Jesuítas, teve início a nossa literatura que, segundo Afrânio Coutinho, com a catarse destas

emoções, Desde cedo, a literatura brasileira foi sendo caracterizada por uma tendência à diferenciação da literatura portuguesa, num processo de adaptação ao ambiente físico, à nova situação histórica, ao homem novo que se foi criando com a colonização.³ da tragédia, ao

serm Vemos que, no Brasil, do medieval, foi-se para o barroco, pela ação dos Jesuítas. Anchieta cumpriu sua função missionária, e, de certa forma, antecipou um estilo que se cultivou nos sermões, cujo maior representante foi o Padre Antônio Vieira. conclusão de um

Como para Hauser: ser qualquer um de nós), de unidade, de relativa nunca se deve, na verdade, falar de "o estilo de uma época" uniforme, dominando todo o período, visto que outras, há num determinado momento tantos estilos diferentes quanto os grupos sociais artisticamente produtivos⁴, orador.

não é estranho que estilos possam misturar-se na produção literária Pode-se, a este ponto, determinar o traço que distingue os de um autor, principalmente diante de uma nova realidade que sermões: o texto de Edwards é dramático com a presença do destino: enfrentavam os Jesuítas. A intercalação da linguagem feita por o de Anchieta é didático marcado pela evangelização.

Anchieta não somente popularizou a literatura, mas, principalmente, No tocante à obra de Edwards, James Garsé e compara com as de revela quão contraditório era aquele momento a que procurava outras pessoas de evidência mundial:



adaptar-se.

Já Edwards vivia num período em que a religião exercia grande influência na vida cotidiana da colônia, com as crenças já trazidas da Inglaterra anos atrás. E embora tenha lido Locke, ele aceitava integralmente as Sagradas Escrituras como verdadeiras e, como salienta Peter Gay, "a psicologia de Locke deu-lhe material útil para entender a qualidade da emoção religiosa, mas pouco além disto." 5

Dentro da Reforma, há uma idéia de tragédia paralela à de predestinação, no tocante ao destino trágico, o que é aceito pelo herói e também o deve ser pelos protestantes. 6 Provocando terror e piedade dos pecadores nos ouvintes com a catarse destas emoções, pode-se aproximar o texto de Edwards à teoria aristotélica da tragédia. É possível também aplicar as teorias do barroco de Wölfflin e do dionisíaco de Nietzsche, na origem da tragédia, ao sermão de Edwards. O êxtase, o estado de "embriaguez" 7, com liberdade total da imaginação, é a forma de o público responder aos estímulos recebidos de um texto pictórico, de imagens profundas, infinitas do inferno, de formas abertas (não há definição de um pecador, podendo este ser qualquer um de nós), de unidade, de relativa clareza, pois a violência de algumas imagens sobrepuja outras, mas não prejudica a unidade previamente elaborada pelo orador.

Pode-se, a este ponto, determinar o traço que distingue os sermões: o texto de Edwards é dramático com a presença do destino; o de Anchieta é didático marcado pela evangelização.

No tocante à obra de Edwards, James Carse a compara com as de outras pessoas de evidência mundial:



Edwards foi um artista para o seu povo, ele foi o repórter e o crítico que os fez focalizar o mundo mais amplo. Seus sermões foram planejados para aterrorizar. Eles foram para o seu tempo o que a 'Guernica' de Picasso é para o nosso. Eles são os filmes de guerra e de revolução de Eisenstein, eles são as fotografias dos cães policiais e das ações dos xerifes no Alabama, ou a reportagem da televisão de soldados americanos pondo fogo nas cabanas de palha dos camponeses asiáticos. A terra sobre a qual nós andamos é não menos podre que foi para aqueles que estavam na audiência de Jonathan Edwards naquele inesquecível dia em Enfield, Connecticut. "As flechas da morte", ele os lembra em julho de 1741, "voam errantes ao meio-dia. A visão mais nítida não as pode discernir". Que homem entre nós, 222 anos mais tarde, naquele inesquecível dia em novembro de 1963, poderia ter pensado de outra maneira? ⁸

Esta citação de James Carse reitera a importância de Edwards na literatura colonial americana, bem como sua vida refletindo o americano da época, trabalhando no presente para ter um glorioso futuro. Juízo de valor: há sim apenas constatações destas diferenças

que Anchieta e Edwards apresentam em seus escritos características fundamentais do barroco: a impressão das imagens em movimento, metáforas e as oposições. As idéias de oposição nos dois pregadores refletem de acentuado dilemática que possuíam com as questões circunstanciais. A principal delas, indubitavelmente, era a da insignificância do homem frente ao poder infinito de Deus. O homem nunca se sentiu tão impotente, pequeno, diante de seu Criador como no barroco. Devido a isto, o antagonismo salvação/punição, ganha destaque, além dos seguintes:

diabos/Deus, anjos

serpente/cordeiro

vaso de barro, vaso de ira/vaso escolhido

tentações terrenas/glória divina

guerreiro/pastoral



punição/nascer de novo

destruição/salvação

morte eterna/vida eterna

punição/misericórdia

medo/esperança

vencido/vencedor

Anchieta e Edwards, além de associarem produção literária e fé religiosa, eram homens que provinham de grupos que contribuíram para a formação intelectual e moral de seus povos. As consequências do fato de termos tido colonizações distintas e hoje sermos Nações tão díspares já foram discutidas na Parte III, mas é importante lembrar que aqui não se tenta afirmar ou provar qual é a melhor, não há juízo de valor; há sim apenas constatações destas diferenças que remontam ao período colonial e de suas implicações no desenvolvimento dos países. O importante é saber que a análise leva em conta aspectos positivos e negativos e que cada povo deverá seguir o destino que lhe couber no cenário mundial.

Esta dissertação buscou mostrar como a mentalidade de uma época é refletida na literatura e daí a importância de se considerar numa análise literária os fatos extrínsecos à ela, pois, antes de mais nada, a literatura é um fenômeno cultural ligado aos demais aspectos da vida social.

N O T A S - P A R T E I

- 13) REMAK, Henry H. H. Comparative Literature: Its Definition and Function. In: STALLKNECHT, Newton P. & FRENZ, Horst. (eds.)
- 1) Os trechos originais do texto de Edwards estão nas notas e algumas partes teóricas originais em inglês também foram por mim traduzidas e são citadas nas notas.
- 2) SILVEIRA, Francisco Maciel. Parenética e persuasão em Antônio Vieira: uma história do futuro, p. 33. (Dissertação de Mestrado).
- 3) SILVA, Janice Theodoro da. Descobrimento e colonização, p. 9.
- 4) Os textos que li sobre os relatos da viagens de Léry e Thevet foram:
- 14) WHATLEY, Janet. Food and the Limits of Civility: The Testimony of Jean de Léry. The Sixteenth Century Journal. Revista do Instituto de Letras, p. 123-127.
- . Savage Hierarquies: French Catholic Observers of the New World. The Sixteenth Century Journal. In: ---. Recortes, p. 211.
- 5) SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial, p. 35. p. 7.
- 6) VALENTE, José A. V. A certidão de nascimento do Brasil: a carta de Pero Vaz de Caminha, p. 13, v. p. 54.
- 7) GREENBLATT, Stephen. Marvelous Possessions: The Wonder of the New World. In: ---. Viotti, p. 12.
- 18) "We are dealing not with the history of a great culture's salvation but with the chronicle of a great culture's destruction, a chronicle written for the most part by cruel and intolerant victors, often quite ignorant of the peoples they had conquered." p. 128.
- 21) ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e
- 8) BOFF, Leonardo. América Latina: da conquista à nova evangelização, p. 54-55.
- 9) Entrevista de Jean-Paul Sartre. In: Coelho, Eduardo Prado. Estruturalismo: antologia de textos teóricos, p. 137.
- 23) Ibid., p. 185.
- 10) BOSI, Alfredo. Dialética da colonização, p. 16.
- 24) DOMINIAN, Helen G. Apostle of Brazil: The Biography of Padre
- 11) GREENBLATT, Stephen. Culture. In: LENTRICCHIA, Frank & McLAUGHLIN, Thomas. (eds.) Critical Terms for Literary Study. "To disseminate Christian doctrine by means of song and action, Art is an important agent then in the transmission of culture. It is one of the ways in which the roles by which men and women are expected to pattern their lives and communicated and passed from generation to generation." p. 228.
- 26) "To disseminate Christian doctrine by means of song and action, Art is an important agent then in the transmission of culture. It is one of the ways in which the roles by which men and women are expected to pattern their lives and communicated and passed from generation to generation." p. 228.
- 12) BRUNEL, P., PICHOLS, Cl., ROUSSEAU, A. M. Que é literatura



comparada? p. 140.

- 13) REMAK, Henry H. H. Comparative Literature: Its Definition and Function. In: STALLKNECHT, Newton P. & FRENZ, Horst. (eds.) **Comparative Literature: Method and Perspective.**

"Comparative Literature is the study of literature beyond the confines of one particular country, and the study of the relationships between literature on the one hand and other areas of knowledge and belief, such as the arts (e.g., painting, sculpture, architecture, music), philosophy, history, the social sciences (e.g., politics, economics, sociology), the sciences, religion, etc., on the other. In brief, it is the comparison of one literature with another or others, and the comparison of literature with other spheres of human expression." p. 1.

- 14) FARIA, Gentil L. de. Propostas para estudos comparados de literatura de língua inglesa e brasileira. In: **Revista do Instituto de Letras**, p. 123-127.

- 15) CANDIDO, Antonio. Literatura comparada. In: ---. **Recortes**, p. 211.

- 16) SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimientos e colonização**, p. 7.

- 17) ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta**, p. 64.

- 18) ANCHIETA, José de. **Sermões**. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti, p. 12.

- 19) NEMÉSIO, Vitorino. **O campo de São Paulo. A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil**, p. 287.

- 20) LIMA, Jorge de. **Anchieta**, p. 131.

- 21) ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta**, p. 435. (A grafia foi atualizada).

- 22) **Ibid.**, p. 45. (A grafia foi atualizada).

- 23) **Ibid.**, p. 186.

- 24) DOMINIAN, Helen G. **Apostle of Brazil: The Biography of Padre José de Anchieta, S. J. (1534-1597).**

"To disseminate Christian doctrine by means of song and action, Anchieta put the natives on the stage, where they entered wholeheartedly into acting his translations of lessons on Christian doctrine in their own language. [...] His productions were first in Brazil and proved to be a vital force in molding the character of the nascent colony." p. 246.



25) AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*.

CHOCIAY, Rogério. O verso colonial: a métrica de Anchieta. *Rhythmus*, v. 15, p. 1-36.

26) CHOCIAY, Rogério. *op. cit.*, p. 3.

Em entrevista pessoal no dia 27/01/93, o Prof. Rogério Chociay demonstrou sua convicção sobre a presença de Anchieta na literatura brasileira e sua preocupação com os estudos dos textos anchietanos.

27) BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*, p. 31.

28) SARAIVA, António & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*, p. 607.

29) FERREIRA, Joaquim. *História da literatura portuguesa*.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *Literatura portuguesa: desenvolvimento histórico das origens à atualidade*.

30) VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*, p. 47.

31) ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, p. 396.

32) CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: manifestações literárias da era colonial 1500-1808/1836*, p. 53/57.

33) COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, v. 1, p. 129.

34) AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Anchieta e as origens da literatura brasileira*. Minas Gerais (Suplemento Literário), p. 2.

35) CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, v. 1, p. 15.

Em entrevista pessoal no dia 02/12/92, o Prof. Antonio Candido confirmou-me a inclusão de José de Anchieta na literatura brasileira.

36) SPINA, Segismundo. *Anchieta: o sermonista*. O Estado de São Paulo, Suplemento literário, p. 4.

37) ANCHIETA, José de. *Sermões*, p. 27.

- 38) A respeito da doutrina calvinista e sua influência na América Inglesa, consultar, por exemplo, *with remarkable impressions on many of the hearers.* p. 84.
- PARRINGTON, Vernon Louis. *Main Currents in American Thought: An Interpretation of American Literature from the Beginnings to 1920*, v.1.
- 39) BURKE, Kenneth. *The Rhetoric of Religion*. deny whatever is not most agreeable to a good, and universally sweet and benevolent. "The Calvinists assert that predestination and reprobation are by the absolute will of God. [...] The Calvinists posit the will of God as the source of salvation and damnation." p. 250.
- 40) KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: da colônia à independência*, p. 26.
- 41) *Ibid.*, p. 33.
- 42) FOESTER, Norman. *Image of America: Our Literature from Puritanism to the Space Age*.
 "... three words summing up the Puritan ethics: Sobriety, Justice, Piety ..." p. 5.
- 43) CADY, Edwin H., HOFFMAN, Frederick J., PEARCE, Roy. *The Growth of American Literature: A Critical and Historical Survey*, p. 5.
- 44) BRIGANCE, William Norwood. (ed.) *A History and Criticism of American Public Address*.
 "During the Colonial period more than 2,000 sermons and 300 secular speeches came from the presses." p. 5.
- 45) MILLER, Perry. *The Objective God*. In: LEVIN, David. (ed.) *Jonathan Edwards: A Profile*, p. 182.
- 46) DAVIDSON, Edward H. *Jonathan Edwards: The Narrative of a Puritan Mind*.
 "It is not always so: genius may flower even when a master principle has been declared dead. In this respect Edwards can be called 'a Puritan baroque': though his style could be as chill and neat as that admired in the age of Dryden, his imagination was all compact of wonder, exuberance, and joy." p. viii.
- 47) *Ibid.*, p. 134.
- 48) HOPKINS, Samuel. *The Life and Character of the Late Reverend Mr. Jonathan Edwards*. In: LEVIN, David. (ed.) *Jonathan Edwards: A Profile*.



"A Sermon preached at Enfield, July 8, 1741. entitled, Sinners in the Hands of an angry God. Preached at a time of great awakenings there; and attended with remarkable impressions on many of the hearers." p. 84.

53) CARSE, James. *Jonathan Edwards & The Visibility of God*.

49) *Ibid.*

"5. Resolved, Never to lose one moment of time; but improve it the most profitable way I possibly can.

47. Resolved, To endeavor to my utmost to deny whatever is not most agreeable to a good, and universally sweet and benevolent, quiet, peaceable, contented, easy, compassionate, generous, humble, meek, modest, submissive, obliging, diligent and industrious, charitable, even, patient, moderate, forgiving, sincere temper; and to do at all times what such a temper would lead me to. Examine strictly every week, whether I have done so.

20. Resolved, To maintain the strictest temperance in eating and drinking." p. 7-11.

57) ARISTOTELIS. *Artes politicae et athenicae*, p. 24.

50) FRANKLIN, Benjamin. *The Autobiography*. In: BRADLEY, Edward Sculley. *The American Tradition in Literature*.

"6. INDUSTRY. Lose no time; be always employed in something useful; cut off all unnecessary actions.

7. SINCERITY. Use no hurtful deceit; think innocently and justly, and if you speak, speak accordingly.

9. MODERATION. Avoid extremes; forbear resenting injuries so much as you think they deserve.

11. TRANQUILITY. Be not disturbed at trifles, or at accidents common or unavoidable.

13. HUMILITY. Imitate Jesus and Socrates.

1. TEMPERANCE. Eat not to dullness; drink not to elevation." p. 161

"Thought is metaphorical, and proceeds by comparison, and the image therefrom." p. 99.

51) HOPKINS, Samuel. *op. cit.*

"42. Resolved, Frequently to renew the dedication of myself to God, which was made at my baptism; which I solemnly renewed, when I was received into the communion of the church; and which I have solemnly re-made this twelfth day of January, 1722-3." p. 9

"It seems to be a very common error who introduced into English education the idea of a book itself only a codification of

52) LUEDTKE, Luther. *The Search for American Character*. In: ---. (ed.) *Making America*.

of analysis, or critical reading, followed by a complementary process of composition."

"An activist approach to life, based on mastery rather than passive acceptance of events; emphasis on achievement and success, understood largely as material prosperity; a moral character, oriented to such Puritan virtues as duty, industry, and sobriety; religious faith; [...] a progressive rather than traditionalist or static view of history, governed by optimism, confidence in the future, and a belief that progress can be achieved by effort; [...] high evaluation of individual

- personality, rather than collective identity or responsibility." p. 23
- 53) CARSE, James. *Jonathan Edwards & The Visibility of God*. "What becomes visible in the history of this man is the very character of America itself. Like Americans in every age he understood the past to be nothing less than a preparation for the future; and he understood the present to consist in efforts to achieve that future." p. 183.
- 54) DIXON, Peter. *Rhetoric*, p. 45-46.
- 55) ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, p. 823.
- 56) PLATÃO. *Diálogos*. v. V, p. 72-73.
- 57) ARISTÓTELES. *A Arte retórica e a Arte poética*, p. 24.
- 58) QUINTILIANO, Marco F. *Instituições oratórias*, p. 67.
- 59) RICHARDS, I. A. *The Philosophy of Rhetoric*. "The old Rhetoric was an offspring of dispute; [...] it was the theory of the battle of words and has always been itself dominated by the combative impulse." p. 24.
- 60) *Ibid.* "Persuasion is only one among the aims of the discourse." p. 24.
- 61) TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*, p. 36.
- 62) DIXON, Peter. *op. cit.*, p. 813.
- 63) QUINTILIANO, M. F. *op. cit.*, p. 54.
- 64) LOCKE, John. *Ensaio sobre el entendimiento humano*, p. 503.
- 65) *Ibid.*, p. 519.



66) ELIOT, T. S. 'Rhetoric' and Poetic Drama. In: ---. *Selected Essays*.

67) WELLES, Read & Wilson. *Aesthetics. Teoria da literatura*, p. 28.
"... If we are to express ourselves, our variety of thoughts and feelings, on a variety of subjects with inevitable rightness, we must adapt our manner to the moment with infinite variations." p. 38.

67) FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*, p. 241.

68) *Ibid.*, p.241.

69) TRINGALI, Dante. *op. cit.*, p. 20.

70) BURKE, Kenneth. *A Rhetoric of Motives*.

"Persuasion involves choice, will; it is directed to a man only insofar as he is free." p. 50.

71) ARISTÓTELES. *op. cit.*, p. 24.

72) TRINGALI, Dante. *op. cit.*

Sobre a classificação dos exemplos em provas extrínsecas ou intrínsecas, afirma o autor:

"Discute-se se o exemplo se enquadra no grupo das provas intrínsecas ou extrínsecas. [...] A razão da dúvida, a meu ver, se atribui ao fato do exemplo pertencer tanto à prova intrínseca como extrínseca. Seria intrínseco um exemplo inventado pelo orador e seria extrínseco um exemplo tirado de fonte externa, de um texto." p. 74.

73) ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 26.

74) TRINGALI, Dante. *op. cit.*, p. 68.

75) ARISTÓTELES. *op. cit.*, p. 25.

76) ABBAGNANO, Nicola. *op. cit.*, p. 813.

77) BURKE, Kenneth. *The Rhetoric of Religion*.

"The subject of religion falls under the head of rhetoric in the sense that rhetoric is the art of persuasion ... " p. v.

78) DAGHLIAN, Carlos. *Melville e as técnicas de persuasão em Moby-Dick*, p. 10. (Tese de Doutorado).

79) TRINGALI, Dante. *op. cit.*, p. 107.

80) ARISTÓTELES. *op. cit.*, p. 32.

81) SETZER, Rachel. Os homens estão criando um mundo que Deus não



quer: contradição e conflito no discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. (org.) Palavra, fé, poder, p. 92.

82) WELLEK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura, p. 26.

1) GREENBLATT, Stephen J. *Marvelous Possessions: The Wonder of the*

83) *Ibid.*, p. 27. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

Trata-se de um brilhante estudo sobre o "encontro" das civilizações europeias com as do Novo Mundo.

BOFF, Leonardo. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992.

Neste livro, Boff procura mostrar a violência cometida pelos europeus ao imporem seus costumes aos povos autóctones e as consequências desta dominação para a América Latina.

São portanto, dois livros recentes com o enfoque na descoberta e colonização da América Latina, revelando uma grande preocupação com o passado e com o destino de seus povos.

2) A Bíblia Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida, p. 238.

3) Sobre a "metáfora guerreira", o semiólogo Izidoro Blikstein expõe, em entrevista concedida ao *Jornal da U.S.P.*, o tipo de discurso empregado pelo governo Collor "marcado por oposições maniqueístas, o governo é austero, é puro, os outros são fracos, corrompidos". Esta linguagem autoritária lembra uma "linguagem guerreira do vencedor e do vencido, o atacar frontalmente. Isso parece uma batalha campal em que ele está lutando, com o inimigo que deve derrotar." O totalitarismo de Collor escondido em seus discursos, p. 5.

Pode-se verificar, então, que é esta a metáfora usada por Anchieta, pois é necessário derrotar o inimigo (na batalha contra o diabo) para deixarmos-nos vencer de Cristo, e assinala um discurso maniqueísta.

4) ANCHIETA, José de. *Sermões*. Pesquisa, introdução e notas de Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J. São Paulo: Loyola, 1987, v.7.

Todas as citações do texto de Anchieta foram extraídas deste livro, bem como as traduções do latim feitas pelo Pe. Viotti, que aparecem entre colchetes [] sem grifo. As indicações no texto serão padronizadas de acordo com este primeiro exemplo: (4, 50), onde 4 é o número referente a este livro e 50 o número da página.

5) EDWARDS, Jonathan. *Sinners in the Hands of an Angry God*. In: BRADLEY, Sculley. (ed.) *The American Tradition in Literature*. 5. ed., New York: Random House, 1981.

Todas as citações do texto original de Edwards foram extraídas deste livro. Conforme exposto no Prefácio, as traduções que aparecem no trabalho foram feitas pela autora desta dissertação. Os trechos originais serão colocados em notas. As



- 1) GREENBLATT, Stephen J. **Marvelous Possessions: The Wonder of the New World**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

7) Trata-se de um brilhante estudo sobre o "encontro" das civilizações européias com as do Novo Mundo.

BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova evangelização**. São Paulo: Ática, 1992.

Neste livro, Boff procura mostrar a violência cometida pelos europeus ao imporem seus costumes aos povos autóctones e as consequências desta dominação para a América Latina.

São portanto, dois livros recentes com o enfoque na descoberta e colonização da América Latina, revelando uma grande preocupação com o passado e com o destino de seus povos.

- 2) A Bíblia Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida, p. 230.

3) Sobre a "metáfora guerreira", o semiólogo Izidoro Blikstein expõe, em entrevista concedida ao **Jornal da U.S.P.**, o tipo de discurso empregado pelo governo Collor "marcado por oposições maniqueístas, o governo é austero, é puro, os outros são fracos, corrompidos". Esta linguagem autoritária lembra uma "linguagem guerreira do vencedor e do vencido, o atacar frontalmente. Isso parece uma batalha campal em que ele está lutando com o inimigo que deve derrotar." O totalitarismo de Collor escondido em seus discursos, p. 5. Pode-se verificar então, que é esta a metáfora usada por Anchieta, pois é necessário derrotar o inimigo (na batalha contra o diabo) para deixarmos vencer de Cristo, e assinala um discurso maniqueísta.

- 4) ANCHIETA, José de. **Sermões**. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J. São Paulo: Loyola, 1987, v.7.

Todas as citações do texto de Anchieta foram extraídas deste livro, bem como as traduções do latim feitas pelo Pe. Viotti, que aparecem entre colchetes [] sem grifo. As indicações no texto serão padronizadas de acordo com este primeiro exemplo: (4, 60), onde 4 é o número referente a este livro e 60 o número da página.

- 5) EDWARDS, Jonathan. **Sinners in the Hands of an Angry God**. In: BRADLEY, Sculley. (ed.) **The American Tradition in Literature**. 5. ed., New York: Random House, 1981.

Todas as citações do texto original de Edwards foram extraídas deste livro. Conforme exposto no Prefácio, as traduções que aparecem no trabalho foram feitas pela autora desta dissertação. Os trechos originais serão colocados em notas. As



indicações de livro e página seguirão o modelo deste primeiro exemplo: (5, 68), onde 5 é o número referente a este livro no qual está o texto estudado e 68 é o número da página.

- 6) There is nothing that keeps wicked men, at one moment, out of Hell, but the mere pleasure of God. (5, 68)
- 7) There is no fortress that is any defence from the power of God. Tho' hand join in hand, and vast multitudes of God's enemies combine and associate themselves, they are easily broken in pieces: they are as great heaps of light chaff before the whirlwind; or large quantities of dry stubble before devouring flames. We find it easy to tread on and crush a worm that we see crawling on the earth; so 'tis easy for us to cut or singe a slender thread that any thing hangs by; thus easy is it for God when he pleases to cast his enemies down to Hell. What are we, that we should think to stand before him, at whose rebuke the earth trembles, and before whom the rocks are thrown down? (5, 69)
- 8) João 3,4 "Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, por ventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?"
- João 3,5 "Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus." A Bíblia Sagrada, p. 114.
- 9) a) O sinner! Consider the fearful danger you are in ... (5, 75)
- b) And you that are young men, and young women, will you neglect this precious season that you now enjoy ... (5, 80)
- c) And you children that are unconverted ... (5, 80)
- 10) a) And consider here more particularly several things concerning that wrath that you are in such danger of. (5, 75)
- b) Consider this, you that are here present, that yet remain in an unregenerate state. (5, 76)
- c) And let every one that is yet out of Christ [...] now hearken to the loud calls of God's word and providence. (5, 80)
- 11) a) This is that you have heard is the case of every one of you that are out of Christ. That world of misery, that lake of burning brimstone is extended abroad under you. There is the dreadful pit of the glowing flames of the wrath of God; there is Hell's wide gaping mouth open; and you have nothing to stand upon, not any thing to take hold of: there is nothing between you and Hell but the air; 'tis only the power and mere pleasure of God that holds you up. (5, 73)
- b) You probably are not sensible of this; you find you are kept out of Hell, but don't see the hand of God in it, but



look at other things, as the good state of your body constitution, your care of your own life, and the means you use for your own preservation. But indeed these things are nothing; if God should withdraw his hand, they would avail no more to keep you from falling, than the thin air to hold up a person that is suspended in it. (5, 73)

c) And now you have an extraordinary opportunity, a day wherein Christ has flung the door of mercy wide open, and stands in the door calling and crying with a loud voice to poor sinners ... (5, 79)

d) And you that are young men, and young women, will you neglect this precious season that you now enjoy, when so many others of your age are renouncing all youthful vanities, and flocking to Christ? You especially have now an extraordinary opportunity; but if you neglect it, it will soon be with you as it is with those persons that spend away all the precious days of youth in sin, and are now come to such a dreadful pass in blindness and hardness. (5, 80)

e) And you children that are unconverted, don't you know that you are going down to Hell, to bear the dreadful wrath of that God that is now angry with you every day, and every night? Will you be content to be the children of the Devil, when so many other children in the land are become the holy and happy children of the King of kings? (5, 80)

12) a) The words are exceeding terrible; if it had only been said, the wrath of God, the words would have implied that which is infinitely dreadful: but 'tis not only said so, but the fierceness and wrath of God: the fury of God! the fierceness of Jehovah! Oh how dreadful must that be! Who can utter or conceive what such expressions carry in them! [...] Oh! then what will be the consequence! What will become of the poor worm that shall suffer it! [...] To what dreadful, inexpressible, inconceivable depth of misery must the poor creature be sunk, who shall be the subject of this! (5, 76)

b) How dreadful is the state of those that are daily and hourly in danger of this great wrath, and infinite misery! (5, 78)

c) If we knew that there was one person, and but one, in the whole congregation that was to be the subject of this misery, what an awful thing would it be to think of! If we knew who it was, what an awful sight would it be to see such a person! How might all the rest of the congregation lift up a lamentable and bitter cry over him! (5, 78-79)

15) d) Those of you that finally continue in a natural condition, that shall keep out of Hell longest will be there in a little time! (5, 79)

e) What would not those poor damned, helpless souls give for



one day's such opportunity as you now enjoy! (5, 79)

- 13) ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ---. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.

"É ainda sob a forma de enumeração que gostaríamos de chamar a atenção para outros traços do discurso religioso: o uso do imperativo e do vocativo, enquanto formas próprias de discursos em que exista doutrinação; o uso de metáforas que são, depois, explicitadas por paráfrases (sobretudo nos sermões), pois, como o dizer religioso é obscuro, e sempre são possíveis muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora; procedimento análogo a este é o das citações em latim que depois são traduzidas por paráfrases extensas e explicativas, aproveitando-se o máximo de efeitos de sentido (religiosos) sugeridos pela diferença de língua; o uso de performativos; o uso de sintagmas cristalizados (as orações), etc." p. 234

- 14) a) That they were always exposed to destruction, as one that stands or walks in slippery places is always exposed to fall! (5, 68)

b) Tho' hand join in hand, and vast multitudes of God's enemies combine and associate themselves, they are easily broken in pieces; they are as great heaps of light chaff before the whirlwind; or large quantities of dry stubble before devouring flames. (5, 69)

c) The devils watch them; they are ever by them, at their right hand; they stand waiting for them, like greedy hungry lions that see their prey ... (5, 70)

d) Your wickedness makes you as it were heavy as lead, and to tend downwards with great weight and pressure towards Hell; and if God should let you go, you would immediately sink and swiftly descend and plunge into the bottomless gulf, and your healthy constitution, and your own care and prudence, and best contrivance, and all your righteousness, would have no more influence to uphold you and keep you out of Hell, than a spider's web would have to stop a falling rock. (5, 73)

e) The wrath of God is like great waters that are damned for the present ... (5, 74)

f) ... his wrath towards you burns like fire [...] you are ten thousand times so abominable in his eyes as the most hateful venomous serpent is in ours. (5, 74)

- 15) Thus are all you that never passed under a great change of heart, by the mighty power of the spirit of God upon your souls; all that were never born again, and made new creatures, and raised from being dead in sin, to a state of new, and before altogether unexperienced light and life, (however you



may have reformed your life in many things, and may have had religious affections, and may keep up a form of religion in your families and closets, and in the house of God, and may be strict in it,) you are thus in the hands of an angry God; 'tis nothing but his mere pleasure that keeps you from being this moment swallowed up in everlasting destruction. (5, 74)

- 16) ... but here you are in the land of living, e in the house of God, and have an opportunity to obtain salvation. (5, 79)

- 17) a) All that we can possibly say about it, gives but a very feeble faint representation of it; 'tis inexpressible and inconceivable: for who knows the power of God's anger? (5, 78)

- b) ... instead of one, how many is it likely will remember this discourse in Hell? (5, 79)

- c) Are there not many here that have lived long in the world, that are not to this day born again, and so are aliens from the commonwealth of Israel, and have done nothing ever since they have lived, but treasure up wrath against the day of wrath? [...] Don't you see how generally persons of your years passed over and left, in the present remarkable and wonderful dispensation of God's mercy? (5, 79)

- 18) Estes exemplos foram traduzidos apenas com o objetivo de informar ao leitor os significados das frases sem, portanto, qualquer preocupação em manter as aliterações do texto original.

- a) ... forno ardente, ou uma fornalha de fogo ... (5, 70)
b) ... impetuosas explosões da crueldade ... (5, 74)
c) ... candente fornalha ardente ... (5, 77)
d) ... uma representação muito tênue ... (5, 78)

- 19) We find it easy to tread on and crush a worm that we see crawling on the earth ... (5, 69)

- 20) O sinner! Consider the fearful danger you are in: 'tis a great furnace of wrath, a wide and bottomless pit, full of the fire of wrath, that you are held over in the hand of that God, whose wrath is provoked and incensed as much against you as against many of the damned in Hell: you hang by a slender thread, with the flames of divine wrath flashing about it, and ready every moment to singe it, and burn it asunder; and you have no interest in any mediator, and nothing to lay hold of to save yourself, nothing to keep off the flames of wrath, nothing that you can do, to induce God to spare you one moment. And consider here more particularly several things concerning that wrath that you are in such danger of.

1. Whose wrath it is; it is the wrath of the infinite God.
Now [...] stands ready to pity you; this is a day of mercy; you



2. 'Tis the fierceness of his wrath that you are exposed to. [...]
3. The misery you are exposed to is that which God will inflict to that end, that he might shew what that wrath of Jehovah is. God hath had it on his heart to ahew to angels and men, both how excellent his love is, and also how terrible his wrath is. [...]
4. 'Tis everlasting wrath. It would be dreadful to suffer this fierceness and wrath of Almighty God one moment; but you must suffer it to all eternity: there will be no end to this exquisite horrible misery ... (5, 75-78)
- 21) Apud BARRICELLI, J. P. e GIBALDI, J. (eds.) *Interrelations of Literature*. p. 259.
4. Literary works so designed as to stimulate the reader's visual sense. p. 259.
- 22) WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da literatura*, p. 232.
- 23) Apud WELLEK, R. & WARREN, A. *op. cit.*, p. 232.
- 24) *Ibid.*
- A fim de tornar claro o que foi considerado "símbolo" neste trabalho, cita-se o conceito de Wellek e Warren,
- "Os 'símbolos' algébricos e lógicos são signos convencionais; mas os símbolos religiosos baseiam-se na alguma relação intrínseca entre o 'signo' e a coisa 'significada' - relação metonímica ou metafórica: a Cruz, o Cordeiro, o Bom Pastor. No domínio da teoria da literatura, parece desejável que a palavra seja usada neste sentido: como um objeto que se refere a outro, mas que merece também atenção por direito próprio, pela maneira por que se apresenta."
- Wellek e Warren classificam o símbolo também como recorrente e persistente. p. 233.
- 25) The wrath of God burns against them, their damnation don't slumber, the pit is prepared, the fire is made ready, the furnace is now hot, ready to receive them, the flames do now rage and glow. The glittering sword is whet, and held over them, and the pit hath opened her mouth under them. (5, 70)
- 26) ... Hell opens its mouth wide to receive them; and if God should permit it, they would be hastily swallowed up and lost. (5, 70)
- 27) That world of misery, that lake of burning brimstone is extended abroad under you. (5, 73)
- 28) Now God stands ready to pity you; this is a day of mercy; you



- may cry now with some encouragement of obtaining mercy: but when once the day of mercy is past, your most lamentable and dolorous cries and shrieks will be in vain; you will be wholly lost and thrown away of God as to any regard to your welfare; God will have no other use to put you to but only to suffer misery ... (5, 76)
- 29) Unconverted men walk over the pit of Hell on a rotten covering, and there are innumerable places in this covering so weak that they won't bear their weight, and these places are not seen. (5, 71)
- 30) Were it not that so is the sovereign pleasure of God, the earth would not bear you one moment; for you are a burden to it; the creation groans with you; the creature is made subject to the bondage of your corruption, not willingly; the sun don't willingly shine upon you to give you light to serve sin and Satan; the earth don't willingly yield her increase to satisfy your lusts; nor is it willingly stage for your wickedness to be acted upon; the air don't willingly serve you for breath to maintain the flame of life in your vitals, while you spend your life in the service of God's enemies. (5, 73)
- 31) There are the black clouds of God's wrath now hanging directly over your heads, full of the dreadful storm, and big with thunder; and were it not for the restraining hand of God it would immediately burst forth upon you. [...] The wrath of God is like great waters that are damned for the present; [...] if God should only withdraw his hand from the flood-gate, it would immediately fly open, and the fiery floods of the fierceness and wrath of God would rush forth with inconceivable fury, and would come upon you with omnipotent power. (5, 73-74)
- 32) CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Sobre o símbolo água, lê-se: "As grandes águas anunciam, na Bíblia, as provações. [...] Assim, a água também comporta um poder maléfico. Nesse caso, ela pune os pecadores, mas não atinge os justos: estes nada têm a temer das grandes águas." p. 18.
- 33) Ibid., p. 506.
- 34) Ibid., p. 64.
- 35) João 8,12 "De novo Ihesus falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida." A Bíblia Sagrada, p.123.
- 36) Isai. lxiii.3 [...] I will tread them in mine anger, and will trample them in my fury, and their blood shall be sprinkled upon my garments, and I will stain all my raiment. (5, 77)
- 37) CHEVALIER, op. cit., p. 944.
- 38) Now God stands ready to pity you; this is a day of mercy; you



may cry now with some encouragement of obtaining mercy ... (5, 76)

39) It is no security to wicked men for one moment, but there are no visible means of death at hand. 'Tis no security to a natural man, that he is now in health, and that he don't see which way he should now immediately go out of the world by any accident, and that there is no visible danger in any respect in his circumstances. (5, 70-71)

40) ... for you will be a vessel of wrath fitted to destruction; and there will be no other use of this vessel but only to be filled full of wrath ... (5, 76)

41) Revelation 20,2 And he laid hold on the dragon, that old serpent, which is the Devil, and Satan, and bound him a thousand years. The Holy Bible, p. 267.

42) Now undoubtedly it is, as it was in the days of John the Baptist, the ax is in an extraordinary manner laid at the root of the trees, that every tree that brings not forth good fruit, may be hewn down, and cast into the fire. (5, 80)

43) Men's hearts harden, [...] and never was there so great danger of such persons being given up to hardness of heart, and blindness of mind. (5, 80)

44) MATEOS, Juan & CAMACHO, Fernando. Evangelho, figuras e símbolos, p. 118.

45) Ibid. DE, Oswald de. A Marcha das Utopias, in: ---. op. cit., p. 161-162.

"'Coração', todavia, significa menos uma função particular do que a totalidade da pessoa vista em sua realidade interior, a personalidade como um todo, o caráter, a disposição e a atividade interna consciente e deliberada do eu humano. É por isso que 'aquilo que sai do coração' é responsabilidade do homem total." p. 117

46) ... and have no interest in the Mediator of the Covenant. (5, 72)

47) TUNBULL, Ralph G. Jonathan Edwards: The Preacher.

"Imprecatory Sermon (Judgment and Destiny): 'Sinners in the Hands of an Angry God.'" p. 164-165.

48) ARISTÓTELES. Arte retórica e Arte poética, p. 26.



- 1) HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil. Idade Média e o Barroco.**
- 2) **Ibid.**, p. 10.
- 3) FARIA, Gentil L. de. **A avaliação chega à Unesp, Folha de S. Paulo**, p. 2.
- 4) WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.**
- 5) VIANNA MOOG, Clodomir. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas.**
- 6) LEITE, Dante M. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia.**
- 7) **Ibid.**, p. 328.
- 8) **Ibid.**, p. 329.
- 9) ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago.** In: ---. **Obras completas. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias.** p.14 e 19.
- 10) ANDRADE, Oswald de. **A crise da filosofia messiânica.** In: ---. **op. cit.**, p. 111.
- 11) ANDRADE, Oswald de. **A Marcha das Utopias.** In: ---. **op. cit.**, p. 151-152.
- 12) FRANCIS, Paulo. **Diário da corte, O Estado de S. Paulo**, p. 8.

3) **Ibid.**, p. 128.

4) HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**, p. 584.

5) GAY, Peter. **Jonathan Edwards: An American Tragedy.** In: LEVIN, David. **Jonathan Edwards: A Profile.** p. 231-251.

"Locke's psychology gave him useful material for understanding the quality of religious emotion, but little else." p. 248.

6) HAUSER, ARNOLD. **op. cit.**, p. 548.

7) NIETZSCHE, F. **El espíritu de la música, Origen de la tragedia.** In: **Obras póstumas de 1869 a 1873.**

"Si añadimos a este horror el transporte de éxtasis que se eleva de lo más profundo del hombre, entonces comenzamos a entrever en qué consiste el 'estado dionisiaco', que comprenderemos mejor aún por la analogía de la 'embriaguez'". p. 82-83.



N O T A S - C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

1) AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Anchieta, a Idade Média e o Barroco.

"Parece-nos essencial, portanto, que se trace um sentido de marcha de formas simples e populares para formas complexas, no processo genético de evolução histórica do Barroco. O sentido inicial foi o de repopularização das artes, segundo a tradição popular mais próxima, que vinha da Idade Média. Aos poucos, entretanto, o estilo de época se foi configurando no sentido de grande complexidade, apenas atingida, em sua plenitude, no século XVII. Daí a nossa denominação de Pré-barroco, para a caracterização geral da literatura Jesuítica de nossas origens, profundamente marcada pelo sentido de repopularização das artes, na vertente estética inicial da Contra-Reforma." p. 295-296.

2) COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil.

"Graças a esforços e tentativas diversas, o mesmo fenômeno se deu relativamente ao idioma que, originário das raízes medievais, tomou rumos divergentes, um em Portugal, outro diferenciando-se no Brasil. Não obstante, o esforço colonizador jamais se separou da ação literária, que teve início bem precoce, pela mão barroca dos Jesuítas, aqui aportados em 1543, na comitiva do 1o. Governador Geral, D. Duarte Coelho. Pode-se fixar em José de Anchieta (1534-1597) o seu marco inicial, o seu fundador. Sua obra, lírica e teatral, situada no século XVI, inspirada no espírito e princípios da Contra-Reforma, pertence ao início do Barroco ou Pré-Barroco." v. 1, p. 128-129.

3) Ibid., p. 129.

4) HAUSER, Arnold. História social da literatura e da arte, p. 564.

5) GAY, Peter. Jonathan Edwards: An American Tragedy. In: LEVIN, David. Jonathan Edwards: A Profile. p. 231-251.

"Locke's psychology gave him useful material for understanding the quality of religious emotion, but little else." p. 248.

6) HAUSER, ARNOLD. op. cit., p. 548.

7) NIETZSCHE, F. El espíritu de la música, Origen de la tragedia. In: Obras póstumas de 1869 a 1873.

"Si añadimos a este horror el transporte de éxtasis que se eleva de lo más profundo del hombre, entonces comenzamos a entrever en qué consiste el 'estado dionisiaco', que comprenderemos mejor aún por la analogía de la 'embriaguez'". p. 62-63.

8) CARSE, James. Jonathan Edwards and The Visibility of God.

"Edwards was an artist for his people, he was the reporter and critic who caused them to focus on the larger world. His sermons were designed to terrify. They were for his time what Picasso's 'Guernica' is for ours. They are Eisenstein's films of war and revolution, they are the photographs of police dogs and sheriff's deputies in Alabama, or the television report of American soldiers setting fire to the straw huts of Asian peasants. The earth over which we walk is no less rotten than it was for those who were in the hearing of Jonathan Edwards that unforgettable day in Enfield, Connecticut. 'The arrows of death', he reminded them in July of 1741, 'fly unseen at noonday. The sharpest sight cannot discern them.' What man among us, 222 years later, on that unforgettable day in the November of 1963, could have thought otherwise?" p. 161-162. S. ed., New York: Random House, 1981, p. 87-80.

111) Obras sobre José de Anchieta

AMARAL, Alvaro do. O Padre José de Anchieta e a fundação de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, Imprensa Oficial do Estado, 1971 (Coleção História, 2v.).

AMARAL, Antônio B. Anchieta: uma coluna grande desta província. São Paulo, Tipografia O calvário, 1986.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Anchieta. In: Obra crítica de Araripe Júnior. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, v. III, p. 237-241.

---. Anchieta. A doença eucarística do noviço José. In: Obra crítica de Araripe Júnior. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1970, v. V, p. 271-281.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Anchieta, a Idade Média e o Barroco. Rio de Janeiro: Gernasa, 1986.

---. Anchieta e as origens da literatura brasileira. Minas Gerais (Suplemento Literário), Belo Horizonte, 17 fev. 1973, p. 2-3.

BRANDÃO, Helena H.N. Relações antropológicas entre Anchieta e o Índio: discurso catequético e discurso colonizador. Revista de cultura Vozes, Petrópolis, n. 1, p. 31-39, jan-fev, 1982.

CAXA, Quirício. Vida e morte do Padre José de Anchieta. Brasília: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1958.

CHOCIAIY, Rogério. O verso colonial: métrica de Anchieta. Rhythmus, São José do Rio-Prato, v. 15, p. 1-38, 1991.

DOMINIAN, Helen G. Apostle of Brazil: The Biography of Padre José de Anchieta, S.J. (1534-1597). New York: Exposition Press, 1958.

LIMA, Jorge de. Anchieta. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.



I) Obras de Anchieta Anchieta: o sermoneista. O Estado de São Paulo, São Paulo, 03 fev. 1982. Suplemento Literário, p. 4.

ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta. Rio de Janeiro: Publicação da Academia Brasileira de Letras, Civilização Brasileira, 1933.

ANCHIETA, José de. Sermões. Pesquisa, Introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1987, v.7.

II) Obra de Jonathan Edwards de Janeiro: José Olympio/INL, 1871.

EDWARDS, Jonathan. Sinners in the Hands of an Angry God. In: BRADLEY, Edward S. (ed.) The American Tradition in Literature. 5. ed., New York: Random House, 1981, p. 67-80.

III) Obras sobre José de Anchieta (1534-1597). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1985.

AMARAL, Álvaro do. O Padre José de Anchieta e a fundação de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, Imprensa Oficial do Estado, 1971 (Coleção História, 2v.).

AMARAL, Antônio B. Anchieta: uma coluna grande desta província. São Paulo, Tipografia O calvário, 1966.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Anchieta. In: Obra crítica de Araripe Júnior. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963, v. III, p. 237-241.

---. Anchieta. A doença eucarística do noviço José. In: Obra crítica de Araripe Júnior. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1970, v. V, p. 271-281.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Anchieta, a Idade Média e o Barroco. Rio de Janeiro: Gernasa, 1966.

---. Anchieta e as origens da literatura brasileira. Minas Gerais (Suplemento Literário), Belo Horizonte, 17 fev. 1973. p. 2-3.

BRANDÃO, Helena H.N. Relações antropológicas entre Anchieta e o Índio: discurso catequético e discurso colonizador. Revista de cultura Vozes, Petrópolis, n. 1, p. 31-39, jan-fev, 1982.

CAXA, Quirício. Vida e morte do Padre José de Anchieta. Brasília: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1958. São Paulo: EDUSP, 1975, 2v.

CHOGLIAY, Rogério. O verso colonial: métrica de Anchieta. Rhythmus, São José do Rio Preto, v. 15, p. 1-36, 1991.

DOMINIAN, Helen G. Apostle of Brazil: The Biography of Padre José de Anchieta, S.J. (1534-1597). New York: Exposition Press, 1958.

LIMA, Jorge de. Anchieta. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.



QUEIROZ FILHO, Antônio de. A vida heróica de José de Anchieta. São Paulo: Loyola, 1988.

SPINA, Segismundo. Anchieta: o sermonista. O Estado de São Paulo. São Paulo, 03 fev. 1962. Suplemento Literário, p. 4

IV) Obras sobre a Companhia de Jesus e a História do Brasil

HOLLANDA, Sérgio B. de. Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

---. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1971.

LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949, tomo VIII.

---. Suma histórica da Companhia de Jesus no Brasil: assistência de Portugal (1549-1760). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

NEMÉSIO, Vitorino. O campo de São Paulo. A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil. 3. ed., Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Edições Panorama, 1971.

SOUZA, Laura de M. e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Schwarcz, 1987.

VALENTE, José A.V. A certidão de nascimento do Brasil: a carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo: Fundo de pesquisas do Museu Paulista da U.S.P., 1975.

DAVIDSON, Edward H. Jonathan Edwards: The Narrative of a Puritan

V) Obras sobre Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa

ABREU, Capistrano de. Ensaio e estudos: crítica e história. 2a. série, vol. 2. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989. (Coleção Casa de palavras)

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 5. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975, 2v.

---. Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira: manifestações literárias da era colonial 1500-1808/1836. São Paulo: Cultrix, 1962.

STEELE, Thomas J., S.J., & DELAY, Eugene R. Vertigo in History: The



- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói, EDUFF, 1986, v. 1. 1983-84.
- FERREIRA, Joaquim. *História da literatura portuguesa*. 3. ed., Porto: Domingos Barreira, [s.d.].
- FIGUEIREDO, Fidelino. *Literatura portuguesa: desenvolvimento histórico das origens à atualidade*. 3. ed., Rio de Janeiro, Janeiro: Acadêmica, 1955 (Biblioteca brasileira de filologia, no. 8).
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1953 (Coleção Documentos brasileiros)
- SARAIVA, António J. & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 2. ed., Lisboa: Porto Editora, [s.d.].
- SILVEIRA, Francisco M. *Parenética e persuasão em Antônio Vieira: uma história do futuro*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. U.S.P., 136 p. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1977.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Lisboa: A Editora, 1915.
- VI) Obras sobre Jonathan Edwards
- CARSE, James. *Jonathan Edwards & The Visibility of God*. New York: Charles Scribner's Sons, 1967.
- DAVIDSON, Edward H. *Jonathan Edwards: The Narrative of a Puritan Mind*. Cambridge: Harvard University Press, 1968.
- HEARN, Rosemary. Form as Argument in Edwards' "Sinners in the Hands of an Angry God". *College Language Association Journal*, Atlanta, n. 28, p. 452-459, June, 1985.
- KOLODNY, Annette. Imagery in the Sermons of Jonathan Edwards. *Early American Literature*, Amherst, n. 7, p. 172-182, 1972.
- LEVIN, David. (ed.) *Jonathan Edwards: A Profile*. New York: Hill and Wang, 1969.
- LOEWINSOHN, Ron. Jonathan Edwards' Opticks: Images and Metaphors of Light in Some of his Major Works. *Early American Literature*, Amherst, n. 8, p. 21-32, 1973.
- SCHEICK, William J. *The Writings of Jonathan Edwards: Theme, Motif and Style*. College Station: Texas A & M. University Press, 1975.
- SIMONSON, Harold Peter. *Jonathan Edwards: Theologian of the Heart*. Michigan: William B. Eerdmans, 1974.
- STEELE, Thomas J., S.J., & DELAY, Eugene R. *Vertigo in History: The*



- Threatening Taciturnity of "Sinners in the Hands". *Early American Literature*, Amherst, n. 18, p. 242-256, 1983-84.
- STUART, Robert Lee. Jonathan Edwards at Enfield: "And Oh Cheerfulness and Pleasantness ...". *American Literature. A Journal of Literary History, Criticism and Bibliography*, Durham, v. 48, n. 1, p. 46-59, Mar., 1976.
- TURNBULL, Ralph G. *Jonathan Edwards: The Preacher*. Michigan: Baker Book House, 1958.
- VII) Obras sobre História Americana
- IX) Obras sobre Literatura Comparada e Teoria Literária
- CAUGHEY, John & MAY, Ernest. *A History of the United States*. Chicago: Rand Mc Nally & Co., 1964.
- KAMMEN, Michael. *People of Paradox: An Inquiry Concerning the Origins of American Civilization*. New York: Oxford University Press, 1980.
- KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: da colônia à independência*. São Paulo: Contexto, 1990.
- LUEDTKE, Luther. (ed.) *Making America*. Washington, D.C.: United States Information Agency, 1987.
- WADE, Richard, WADE, Louise, WILDER, Howard. *A History of the United States*. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- VIII) Obras sobre Literatura Americana
- BRADLEY, Edwards S. (ed.). *The American Tradition in Literature*. 5. ed., New York: Random House, 1981.
- BRIGANCE, William Norwood. (ed.) *A History and Criticism of American Public Address*. New York: Russell & Russell, 1960, v.1.
- CADY, Edwin H., HOFFMAN, Frederick J., PEARCE, Roy. *The Growth of American Literature: A Critical and Historical Survey*. New York: American Book Co., 1956, v.1.
- FOESTER, Norman. *Image of America. Our Literature from Puritanism to the Space Age*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1962.
- FRENCH, Warren. (ed.) *American Literary Scholarship: An Annual*, 1983. Durham: Duke University Press, 1985.
- MILLER, Perry. (ed.) *The American Puritans: Their Prose and Poetry*. New York: Doubleday, 1956.
- NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz de sua literatura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- NORDLOH, David J. (ed.) *American Literary Scholarship: An Annual*,



1986. Durham: Duke University Press, 1988. (eds.) *Comparative Literature: Method & Perspective*. Southern Illinois University
- PARRINGTON, Vernon Louis. *Main Currents in American Thought: An Interpretation of American Literature from the Beginnings to 1920*. New York: Harcourt, Brace and Co., 1930, v.1
- PEARCE, Roy Harvey. (ed.) *Colonial American Writing*. New York: Rinehart Editions, 1950;
- POTTER, David & THOMAS, Gordon L. (eds.) *The Colonial Idiom*. Southern Illinois University Press, Feffer & Simons, 1970
- IX) Obras sobre Literatura Comparada e Teoria Literária
- BARRICELLI, J. P. & GIBALDI, J. (eds.) *Interrelations of Literature*. New York: MLA, 1982.
- BRUNEL, P., PICHOS, Cl., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* Trad. de Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva/EDUSP; Curitiba, Ed. da Univ. Federal do Paraná, 1990. (Coleção estudos 115).
- CARVALHAL, Tânia. *Literatura comparada*. São Paulo, Ática, 1986. (Série Princípios).
- GROCE, Benedetto. *A poesia: introdução à crítica e história da poesia e da literatura*. Trad. Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- . *The Double Vision: language and meaning in religion*. Toronto: University of Toronto Press, 1991.
- FARIA, Gentil L. de. *A presença de Oscar Wilde na "Belle époque" literária brasileira*. São Paulo: Pannartz, 1988.
- . *Propostas para estudos comparados de literatura de língua inglesa e brasileira*. *Revista do Instituto de Letras*. Campinas, v.4, n. 1, maio, 1985, p. 121-127.
- HORÁCIO. *A arte poética*. In: *Crítica e Teoria Literária na Antiguidade*. Trad. David Jardim Júnior. São Paulo: Tecnoprint, 1989.
- LENTRICCHIA, Frank & McLAUGHLIN, Thomas. (eds.) *Critical Terms for Literary Study*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- SILVEIRA, Tasso. *Literatura comparada*. Rio de Janeiro: GRD, 1964.
- SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. *Literatura não é nada mais que língua*. *Cadernos da Semana de Língua Alemã*. São Paulo, n. 2, maio, 1992, p. 16-23.



STALLKNECHT, Newton P. & FRENZ, Horst. (eds.) *Comparative Literature: Method & Perspective*. Southern Illinois University Press, 1973.

WEELEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Trad. José Palla e Carmo. 5a. ed., Lisboa: Europa-América, [s. d.]

XI) Obras de Referência e de Ciências Humanas

X) Obras de Lingüística e Retórica

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. coord. e rev. por ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

ANDRADE, Oswald. *Obras completas: Do Pau-brasil à Antropofagia e* BLIKSTEIN, Izidoro. *O totalitarismo de Collor escondido em seus discursos*. *Jornal da U.S.P.* São Paulo, 3 a 9 ago. 1992. p.5-6.

BURKE, Kenneth. *The Rhetoric of Religion*. Berkeley, University of California Press, 1970.

---. *A Rhetoric of Motives*. Berkeley, University of California Press, 1969.

CURTIUS, Ernst Robert. *Retórica*. In: ---. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. de Teodoro Cabral e Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. p. 64-81.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 2. ed. ELIOT, T. S. 'Rhetoric' and Poetic Drama. In: *Selected Essays*. London, Faber & Faber, 1958. p. 37-42.

DAGHLIAN, Carlos. *Os discursos americanos de Joaquim Nabuco*. Trad. de João Carlos Gonçalves. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1988.

---. *Melville e as técnicas de persuasão em Moby-Dick*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. U.S.P., 1972. 197 p. Tese (Doutoramento em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1971.

DIXON, Peter. *Rhetoric*. London: Methuen, 1987.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Trad. JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

LEITE, Dante. *Os caráter nacional brasileiro: história de uma* ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O discurso religioso*. In: ---. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

---. (org.) *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.

NAVARRO, Wilson S. *Benedetto Croce*. São José do Rio Preto: PLATÃO. *Diálogos. Fedro-Cartas- O primeiro Alcebiades*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1975, v. V.

QUINTILIANO, Marco F. *Instituições oratórias*. Trad. de Jerônimo Soares Barbosa. São Paulo: Edições Cultura, 1944, 2 tomos (Série Clássica universal).



RICHARDS, Ivor A. *The Philosophy of Rhetoric*. New York: Oxford University Press, 1965.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988 (Estante do estudante).

XI) Obras de Referência e de Ciências Humanas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. coord. e rev. por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 813-819, 823-824.

ANDRADE, Oswald. *Obras completas: Do Pau-brasil à Antropofagia e às Utopias*. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

B.C. Pesquisa mostra que 90% têm religião nos EUA. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 abr. 1991. 2, p.5.

BOFF, Leonardo. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 2. ed. rev. e aum. Coord. Carlos Sussekund. Trad. de Vera da C. e Silva, Raul de S. Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 15-22, 85-90, 440-442, 567-571.

FARIA, Gentil L. de. A avaliação chega à Unesp. *Folha de São Paulo*. São José do Rio Preto, 09 jun. 1991. Sp Norte, 2.

FRANCIS, Paulo. *Diário da corte. O Estado de São Paulo*. São Paulo, 04 fev. 1993. Caderno 2, p. 8.

GREENBLATT, Stephen J. *Marvelous Possessions: the wonder of the New World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

LEITE, Dante M. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2. ed., São Paulo: Ploneira, 1969.

LOCKE, John. *Ensaio sobre el entendimiento humano*. Traducción de Edmundo O Gorman. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

NAVARRO, Wilson S. *Benedetto Croce*. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, 1979. (Mimeogr.)

NIETZSCHE, F. *El Espíritu de la música, Origen de La Tragedia*. In: *Obras póstumas de 1869 a 1873*. Traducción, introducción e notas de Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: Aguilar, 1951. p. 59-



SARTRE, Jean-Paul. Entrevista. In: **Estruturalismo: antologia de textos teóricos**. Trad. Maria Eduarda R. Colares, António Ramos Rosa e Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Portugalia, [s.d.]

SEVERINO, A. J. A significação ideológica da educação brasileira em seu desdobramento histórico-social. In: ---. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986

SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimentos e colonização**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)

VIANNA MOOG, C. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas**. 9. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6. ed., Trad. de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Ploneira, 1989.

WHATLEY, Janet. Food and the Limits of Civility: The Testimony of Jean de Léry. *The Sixteenth Century Journal*, v. XV, no. 4, p. 387-400, 1984.

---. Savage Hierarchies: French Catholic Observers of the New World. *The Sixteenth Century Journal*, v. XVII, no. 3, p. 319-330, Fall 1986.

WÖLFFLIN, H. **Conceptos Fundamentales en la Historia del Arte**. Traducción de José Moreno Villa. 6. ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1976.

A Bíblia Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d.].

The Holy Bible. London: Collins, 1957.



